
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

**PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM
GEOGRAFIA**

CAIO CAMPOS MONTEIRO VICENTE

**A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM LGBT+ DE CULTURA
PÚBLICA/PRIVADA DE OURINHOS: DIÁLOGOS E RE-
FLEXÕES NO AMBIENTE DE CIDADES MÉDIAS**

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

**Rio Claro - SP.
2024**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

CAIO CAMPOS MONTEIRO VICENTE

**A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM LGBT+ DE CULTURA PÚBLICA/
PRIVADA DE OURINHOS: DIÁLOGOS E REFLEXÕES NO AMBIENTE
DE CIDADES MÉDIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Andrea Aparecida Zacharias

Rio Claro – SP
2024

V632r Vicente, Caio Campos Monteiro

 A representação da paisagem LGBTQ+ de cultura pública/privada de
Ourinhos : diálogos e reflexões no ambiente de cidades médias / Caio
Campos Monteiro Vicente. -- Rio Claro, 2024

 139 p. : tabs., mapas

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

 Orientadora: Andrea Aparecida Zacharias

 1. Movimento LGBTQ+. 2. Geografia Gênero e Sexualidade. 3.
Teoria Queer. 4. Geografia das Sexualidades. 5. Paisagem LGBTQ+. I.
Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

CAIO CAMPOS MONTEIRO VICENTE

**A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM LGBTQ+ DE CULTURA PÚBLICA/
PRIVADA DE OURINHOS: DIÁLOGOS E REFLEXÕES NO AMBIENTE
DE CIDADES MÉDIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Comissão Examinadora.

Profa. Dra. Andréa Aparecida Zacharias – Orientadora
FCTE/UNESP - Ourinhos, SP.

Profa. Dra. Fabiana Lopes da Cunha
FCTE/UNESP - Ourinhos, SP.

Prof. Dra. Luciene Cristina Risso.
FCTE/UNESP - Ourinhos, SP.

Conceito: Aprovado
Rio Claro (SP), 14 de novembro de 2024.

Dedico este trabalho à
Ana Maria Campos
e a *Gilson Monteiro Vicente*,
tia e pai, professores.
(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, quero expressar minha profunda gratidão às mulheres da minha família que me inspiraram e apoiaram incondicionalmente: minha mãe, Maria Cristina Campos, que sempre acreditou em meu potencial; minha avó, Oraide Carvalho Campos, que me transmitiu sabedoria e força; minha tia, Carmen Regina Campos, que me ofereceu conselhos valiosos; e minha prima, Ana Júlia Campos, que me incentivou a seguir meus sonhos. Mesmo distantes, a presença de vocês foi fundamental para esta conquista.

Expresso minha mais profunda gratidão à Dra. Andrea Aparecida Zacharias, minha orientadora, pela sua orientação precisa, paciência e incentivo durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua vasta experiência e dedicação foram imprescindíveis para a conclusão bem-sucedida desta pesquisa. Agradeço especialmente por mencionar uma contribuição específica da orientadora, como: "crítica construtiva", "disponibilidade para esclarecer dúvidas", "sugestões valiosas". Sua orientação foi fundamental para meu crescimento acadêmico.

Expresso minha mais profunda gratidão à banca examinadora, em especial à Profa. Dra. Fabiana Lopes da Cunha, minha dedicada orientadora do trabalho de conclusão de curso, e à Profa. Dra. Luciene Cristina Risso, cuja expertise foi fundamental para a compreensão da geografia cultural contemporânea.

Agradeço à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, *campus* de Rio Claro, em especial ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) e ao Departamento de Geografia, por terem proporcionado um ambiente intelectualmente rico e estimulante para o desenvolvimento deste trabalho. O acesso aos recursos da Biblioteca e a colaboração com os colegas do Laboratório GEOMUNDI - Laboratório de Geopolítica, Análise Regional e Teoria Social Crítica foram fundamentais para a realização deste estudo

Agradeço imensamente a Giuseppe Bragaia, Jonathan Ferreira e Raquel Destro pela calorosa acolhida em Rio Claro e pelas valiosas reflexões que compartilharam durante todo o período de pós-graduação. A amizade e o companheirismo de vocês foram fundamentais para tornar esta jornada mais leve e enriquecedora. As discussões e os momentos de convívio proporcionaram um ambiente estimulante para a produção de conhecimento e contribuíram significativamente para o meu crescimento acadêmico

Agradeço profundamente à Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) pela concessão da bolsa de ações afirmativas, que me permitiu dar início a esta jornada acadêmica. Em especial, gostaria de expressar minha

gratidão ao Prof. Dr. Márcio Catelan, cuja apoio e articulação foram fundamentais para a obtenção desta bolsa. Sua dedicação em promover a equidade e a inclusão na universidade é inspiradora. Agradeço a oportunidade de realizar este mestrado representa um marco significativo em minha trajetória e só foi possível graças à dedicação de todos os envolvidos.

Agradeço profundamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001. Agradeço profundamente a Roade Poletti Carlevaro e Rita Dias por sua acolhida e apoio nos meus primeiros dias em Rio Claro e na Escola Estadual Barão de Piracicaba. Sua confiança e orientação foram fundamentais para minha adaptação à nova cidade e à rotina acadêmica

Agradeço os dias que passei na Repúblicas Degusta e Sertão por cada momento de alegria, por cada desafio superado juntos e por todas as lições que aprendi. Agradeço por terem tornado essa fase da minha vida inesquecível.

Agradeço a Danilo Silva Santos, a nossa amizade foi um dos maiores presentes que ganhei nesse período. Agradeço por todas as conversas, os risos e os momentos de cumplicidade. Você foi mais que um amigo, foi um irmão.

Agradeço a Lucas Magalhães Corrêa, meu mais sincero agradecimento por ter sido meu companheiro de jornada. Sua presença constante, seu apoio incondicional e sua preocupação genuína fizeram toda a diferença. Seu companheirismo é um presente que guardo com carinho e amor.

A mudança para Rio Claro representou um divisor de águas em minha trajetória acadêmica. Agradeço profundamente à UNESP por ter me proporcionado a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em Geografia e de vivenciar um ambiente intelectual tão rico e estimulante.

A confluência dessas duas experiências (UNESP Ourinhos e Rio Claro), aliada ao meu interesse pelo movimento LGBTQ+, possibilitou a construção de um olhar mais crítico e sensível para as dinâmicas sociais e espaciais que moldam nossas vidas.

A Geografia me permitiu enxergar o mundo com outros olhos. Agradeço a todos que fizeram parte dessa jornada, em especial às instituições da UNESP em Ourinhos e Rio Claro, que me proporcionaram as ferramentas necessárias para compreender as complexidades do espaço e das relações sociais.

Bogotá, 12 de Setembro de 2024.

RESUMO

Os eventos LGBTQ+ transcendem a esfera do lazer, constituindo-se como espaços de resistência, afirmação de identidades e construção de comunidades. Ao se inserirem em territórios com profundas camadas de significado cultural e histórico, esses eventos moldam a paisagem urbana, contribuindo para a formação de uma cultura pública LGBTQ+. Este trabalho tem como objetivo analisar como essa dinâmica se manifesta em cidades de médio porte, tomando como caso a cidade de Ourinhos (SP). Nesses contextos, os eventos LGBTQ+ frequentemente ocorrem em espaços privados, mais isolados e menos visíveis. A partir do conceito de paisagem LGBTQ+, que engloba tanto a esfera pública quanto a privada, exploramos a materialidade desses espaços e as formas como as festas privadas contribuem para a construção de identidades e memórias queer. Ao analisar a cidade de Ourinhos, buscamos compreender como a cultura LGBTQ+ se manifesta em um contexto público/privado urbano específico, onde os desafios e as possibilidades são distintos dos grandes centros urbanos. A partir da análise de eventos realizados em espaços privados, pretendemos identificar as características particulares da paisagem LGBTQ+ em Ourinhos, bem como as formas como essa cultura se relaciona com a cultura dominante.

PALAVRAS CHAVES: Movimento LGBTQ+; Geografia Gênero e Sexualidade; Teoria Queer; Geografia das Sexualidades; Paisagem LGBTQ+

ABSTRACT

LGBT+ events transcend the sphere of leisure, becoming spaces of resistance, affirmation of identities and community building. By inserting themselves into territories with deep layers of cultural and historical significance, these events shape the urban landscape, contributing to the formation of an LGBT+ public culture. This paper aims to analyze how this dynamic manifests itself in medium-sized cities, taking the city of Ourinhos (SP) as a case study. In these contexts, LGBT+ events often take place in private, more isolated and less visible spaces. Based on the concept of LGBT+ landscape, which encompasses both the public and private spheres, we explored the materiality of these spaces and the ways in which private parties contribute to the construction of queer identities and memories. By analyzing the city of Ourinhos, we sought to understand how LGBT+ culture manifests itself in a specific public/private urban context, where the challenges and possibilities are different from those of large urban centers. By analyzing events held in private spaces, we aim to identify the particular characteristics of the LGBT+ landscape in Ourinhos, as well as the ways in which this culture relates to the dominant culture.

KEYWORDS: LGBT+ Movement; Gender and Sexuality Geography; Queer Theory; Geography of Sexualities; LGBT+ Landscape

A verdadeira crítica embrenha nas estruturas e transforma a sociedade.
Opiniões também matam.
Seja homofóbico e ganhe um programa de televisão.
Acreditar em heterofobia é como acreditar em unicórnios e terra plana.
Há diversos corpos como elementos queer e feminista para a análise do Brasil.
Travesti não é bagunça. Quem tem medo do movimento LGBTQ+ radical? A vingança de Roberta da Silva.
Ode à Stella do Patrocínio.
Quem matou Matheus Passareli?
Uma mulher negra no poder incomoda muita gente, negra e lésbica, muito mais.
Repúdio à ideologia de gênero. E a homofobia recreativa.
Ser contra a população LGBTQ+ é concordar com a perpetuação da crueldade colonial.
Respeitem Jean Willys
Os heterossexuais podem protagonizar a luta LGBTQ brasileira?
Quem se responsabiliza pela travesti que acabou de ser assassinada?
Para bixas pretas, a solidão e a falta de esperança.
Foucault, Butler, Beauvoir, Milton, Joseli, Guacira e a tolice da LGBTQfobia brasileira.
Gays não reproduzem, lésbicas também não, afinal o que é a evolução?
Pessoas bissexuais importam, ou apenas seletividade classista da binaridade ocidental?
O culto aos corpos e a fetichização da pobreza.
A homofobia como elemento constitutivo da identidade e guardião do diferencialismo sexual.
Os discretos estão a fim de real e os sigilosos estão fora do meio.
Jair Messias, kit gay, mamadeira de piroca e o Brasil sem homofobia. Geografia Feminista,
Feminismo Negro para um novo marco civilizatório.
O mito do LGBTQ+ pós-moderno de classe média.
LGBTfobia, deixe de ser e ganhe biscoitos
O que significa a sigla LGBTQ+?
Travesti tipo exportação. Vênus deitada, Urano nas esquinas
Devassos na cidade do coração de ouro
Cartograqueer, a cartografia dos eventos LGBTQ+ de Ourinhos
e a paisagem LGBTQ+ de cultura público-privada.

Caio Campos Monteiro Vicente

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO: UMA QUESTÃO DE INTIMIDADE PÚBLICA E PRIVADA

1. Considerações iniciais: Uma questão de intimidade geográfica, pública e privada.	12
2.. Objetivos Geral e Específicos: objeto banal e objeto atípico.	19
3. Justificativas da Escolha do Tema e Recorte Geográfico.	20
4. Metodologia, plástico e barulho	23

CAPÍTULO 2 - “A CIDADE DOS CORPOS E OS TRANSGRESSORES” : A CIDADE E O DIREITO A ELA, A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A REAFIRMAÇÃO DO ESPAÇO NOS EVENTOS LGBT+ DE OURINHOS

1. Ourinhos: As plantações, os latifúndios e a homofobia	36
2. Devassos na cidade do coração de ouro: Ourinhos–SP	46
3. Henri Lefebvre: o corpo, o direito à cidade, e as festas LGBT+ em Ourinhos	49

CAPÍTULO 3 — “DEVASSOS NA CIDADE DO CORAÇÃO DE OURO” E O CORPO COMO ELEMENTO DA PAISAGEM”: A REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA PÚBLICA E PRIVADA DO SER LGBT+

1. Dois corpos que se juntam com a coletividade da paisagem	62
2. O encontro da geografia crítica com a teoria queer: a geografia queer	73
3. Pegue seu convite e venha para a festa: as doutrinas heterossexistas e a ideologia homofóbica no espaço físico	84

CAPÍTULO 4 - “CARTOGRAQUEER” - A CARTOGRAFIA DOS EVENTOS LGBT+ DE OURINHOS (2006-2024)

1. “Do GLS ao LGBT+” Um processo histórico da conquista de um espaço.	93
2. Entre o lugar LGBT+ e a cartografia social do “já-estabelecido” e o “não mais suficiente”: o habitar entre.	122
3. Nem determinismo biológico, nem determinismo ambiental: A primeira parada LGBT+ de Ourinhos.	129

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A representação da paisagem LGBT+ de cultura pública privada de Ourinhos. - diálogos e reflexões no ambiente de cidades médias

134

1.- CONSIDERAÇÕES GERAIS: Uma questão de intimidade geográfica, pública e privada

Não adianta nem me abandonar
Porque mistério sempre há de pintar por aí
Pessoas até muito mais vão lhe amar
Até muito mais difíceis que eu pra você
Que eu, que dois, que dez, que dez milhões
Todos iguais!

A questão 'por onde os LGBT+ já foram em Ourinhos' (VICENTE, 2018) nos leva a uma investigação sobre a produção e a significação dos espaços por essa comunidade. Ao mapear esses lugares, podemos compreender como o 'onde' se torna um marcador fundamental para a construção de identidades e de sentidos de pertencimento, revelando as formas de resistência e de afirmação da comunidade LGBT+ em um contexto urbano marcado por desigualdades.

A comunidade LGBT+ frequentemente se apropriou de espaços 'privados', transformando-os em territórios de afirmação de suas identidades e de resistência a formas de discriminação. Esses espaços, marcados por um forte viés cultural e de entretenimento, foram cruciais para a construção de uma cultura própria e para a criação de redes de apoio, impulsionadas pelas transformações sociais do mundo contemporâneo.

Nos anos 2000, em meio ao desenvolvimento urbano de Ourinhos, os eventos LGBT+ encontraram em espaços 'privados' um terreno fértil para a construção de identidades e a expressão de uma contracultura sexual. Esses ambientes ofereceram um contraponto à cultura dominante, promovendo a diversidade e desafiando as normas heteronormativas.

O espaço é um produto social que reflete as relações de poder e as desigualdades sociais. As representações de raça, classe e gênero, presentes tanto no espaço público quanto no privado, moldam a experiência das pessoas e contribuem para a construção de cidades, bairros e territórios marcados por essas interseccionalidades.

Ao mapear os eventos e espaços produzidos pela comunidade LGBT+ em Ourinhos, podemos compreender como a “Cartografia Queer” nos permite analisar a cidade sob uma nova perspectiva, revelando as relações entre espaço, identidade e sexualidade. Essa abordagem contribui tanto para a geografia quanto para a teoria queer, ao entender a sexualidade como uma expressão espacial e uma forma de resistência.

A análise das manifestações geográficas das sexualidades, conforme abordada por Benhur Pinho da Costa e Joseli Maria Silva, evidencia a complexidade da experiência LGBT+ em espaços públicos e privados.

¹¹ GIL, Gilberto. *Esotérico*. Rio de Janeiro. 1982 (4m:22s)

A construção de narrativas sobre a disputa por territórios e a importância da 'geografia das sexualidades' na experiência LGBTQ+, como no caso de Ourinhos, demonstra a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que considere as dimensões sociais, culturais e espaciais dessa experiência (BRICKELL, 2000; SILVA, ORNAT, CHIMIN 2011, 2013; COSTA; 2014, 2016; 2019)

A memória do centenário da cidade e o pertencimento de uma população sem espaço para a representação de uma cultura LGBTQ+, já revelam como as racionalizações, respaldadas pelo desejo espacial, introduziram no espaço público "doutrinas heterossexistas e ideologias homofóbicas"², marginalizando aqueles que não se enquadram e impondo o sistema "sexo- gênero" da heterossexualidade compulsória³ no espaço (LEOPOLDO, 2020; RUBIN, 2017).

O que, teoricamente, é simbólico na prática da "teoria queer" torna-se, na geografia do cotidiano, uma problematização do funcionamento da sociedade, que reflete um conjunto de momentos e significados culturais (COSTA, 2007).

A teoria queer⁴, ao questionar as categorias fixas de gênero e sexualidade, transcende o âmbito teórico para se insinuar nas relações sociais cotidianas. Ao problematizar a naturalização de identidades e papéis, oferece uma lente crítica para analisar a sociedade, desvelando as estruturas de poder que sustentam a ordem heteronormativa.

Na geografia do cotidiano, a teoria queer se manifesta como uma força subversiva que desafia as normas estabelecidas e os papéis de gênero rigidamente definidos. Ao promover a visibilidade e a valorização das diversidades sexuais e de gênero, ela revela a fluidez e a multiplicidade das identidades, abrindo espaço para novas formas de expressão e relacionamento. (COSTA, 2008)

A questão central que permeia este estudo é: como se constitui o corpo LGBTQ+ no espaço público e privado? A análise histórica demonstra que a visibilidade e a experiência espacial da co-

² Segundo Borillo (2013), essas são as principais construções intelectuais que, na qualidade de condicionamentos cognitivos, têm definido os contornos da homossexualidade como uma manifestação específica da sexualidade humana. A elaboração dessa diferença, em vez de permitir uma compreensão mais aprofundada das sexualidades e facilitar sua aceitação, tornou-se, ao contrário, um temível instrumento de re-pressão, primeiramente contra os "vícios contra a natureza" e, posteriormente, contra as "transgressões do instinto sexual normal".

³ Segundo Rubin (1975), os conceitos de "sistema sexo-gênero" e "heterossexualidade compulsória" estão interligados, uma vez que a compreensão do sistema sexo-gênero é aplicada à ideia de parentesco, na qual ela questiona o pressuposto da heterossexualidade compulsória. É essa relação que abordaremos na tentativa de explicar e expor esse conceito tão importante para o pensamento queer.

⁴ A teoria queer é um campo de estudos que surgiu no final do século XX, com o objetivo de questionar e desconstruir as categorias fixas de gênero e sexualidade. Ao invés de analisar as identidades sexuais e de gênero como algo natural e imutável, a teoria queer as entende como construções sociais e culturais, sujeitas a mudanças e transformações ao longo do tempo e em diferentes contextos para desafiar as normas sociais e culturais que marginalizam e discriminam as pessoas LGBTQIA+. Ao questionar as categorias fixas de gênero e sexualidade, a teoria queer contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as pessoas possam viver suas vidas de forma autêntica e livre de preconceitos.

comunidade LGBTQ+ são dinâmicas e moldadas por contextos sociais, culturais e políticos específicos.

Nas décadas de 1970 e 1980, a emergência das "patologias de identidade" configurou uma visão medicalizada e estigmatizada da diversidade sexual. Essa perspectiva, enraizada em uma moralidade conservadora, contribuiu para a inviabilização e marginalização das pessoas LGBTQ+

No entanto, a partir dos anos 1980, a formação de bairros específicos e a intensificação da vida política LGBTQ+ começaram a desafiar essa ordem estabelecida. Nos anos 1990, a relação entre sexualidade e espaço tornou-se um campo de estudo cada vez mais relevante

A medicalização da diversidade sexual nas décadas de 1970 e 1980, caracterizada pela classificação de identidades LGBTQ+ como "patologias", contribuiu significativamente para a marginalização social e espacial dessas pessoas.

Essa visão, enraizada em uma moralidade conservadora, negava a legitimidade das experiências não normativas e impedia a construção de espaços de sociabilidade e afirmação de identidade. No entanto, a partir dos anos 1980, a emergência de bairros específicos e a intensificação da vida política LGBTQ+ desafiaram essa ordem estabelecida, demonstrando a importância do espaço na construção de identidades e na luta por direitos.

A relação entre sexualidade e espaço tornou-se, assim, um campo de estudo fundamental para compreender as dinâmicas sociais e as experiências de vida das pessoas LGBTQ+. (BORILLO, 2013; LEOPOLDO, 2020).

A produção de conhecimento sobre a temática LGBTQ+ tem sido fundamental para a desnaturalização de categorias fixas de gênero e sexualidade, desafiando a heteronormatividade e abrindo caminho para novas formas de pensar e experimentar o espaço urbano.

Ao tornar-se visível no espaço público, a comunidade LGBTQ+ reivindica o direito à cidade e à expressão de suas identidades, transformando a relação entre o público e o privado. A sexualidade e o gênero emergem como dimensões constitutivas da experiência espacial, evidenciando a necessidade de construir cidades mais justas e inclusivas, onde todas as pessoas possam ocupar e apropriar-se dos espaços de forma plena e autêntica. Essa perspectiva contribui para a desconstrução de hierarquias sociais e para a promoção de uma cidadania plena para todos.

A liberdade de sexualidade, enquanto geografia, transfigura a certeza e torna a diversidade de expressões de gênero e orientação sexual, característica marcante da modernidade, desafia as noções tradicionais de identidade e de relação com o espaço. A comunidade LGBTQ+, ao reivindicar o direito à expressão de suas identidades, contribui para a construção de uma paisagem cultural mais plural e inclusiva.

No entanto, a violência e a discriminação ainda são desafios significativos para essa comu-

nidade, revelando as profundas desigualdades sociais e morais presentes em nossas sociedades. A análise da geografia cultural permite compreender como o espaço é produzido e vivido de forma diferenciada por diferentes grupos sociais, e como a identidade LGBTQ+ é construída em relação ao espaço e ao poder.” (BIECKELL, 2000; VICENTE, 2022).

Ao observar as suas funcionalidades, nota-se no espaço a presença de opressões *médicas, antropológicas, liberais e burocráticas*⁵ que afetam os diversos usos do espaço por outros grupos e movimentos sociais, desenvolvendo, nas suas respectivas comunidades. (BORILLO, 2013).

A diferença cultural LGBTQ+ nos espaços, como uma cultura social, confirma a superioridade espacial heterossexual invisível no jogo de poder e nas necessidades espontâneas de ocupação. Assim, em busca da certeza de um lugar para si, longe dos grandes centros urbanos, o movimento LGBTQ+ se modifica em pequenos e médios centros urbanos.

E, neste caso, o espaço se torna a visibilidade do ser humano, especialmente daqueles que são denominados "minorias". Tal visibilidade se articula através da dissolução da memória qualitativa, ocultando vidas nos modos sociais da memória e modificando esses modos para garantir um lugar na supremacia e, conseqüentemente, moldar a maneira de viver/ver a memória.

A produção do espaço urbano em Ourinhos é marcada por relações de poder que marginalizam a comunidade LGBTQ+. As 'elites homofóbicas', ao controlar os espaços urbanos, limitam o acesso da comunidade a lugares de memória e de construção de identidade.

A ausência de espaços de socialização específicos dificulta a produção de uma memória coletiva e a transmissão de conhecimentos entre as gerações. A luta pela visibilidade e pelo reconhecimento dos direitos da comunidade LGBTQ+ passa pela construção de uma narrativa histórica que inclua as experiências e as contribuições da comunidade LGBTQ+ e pela criação de espaços seguros que permitam a expressão de suas identidades e a construção de redes de apoio. (PARKER, 2002; TREVISSAN, 2018).

Nesse contexto, o corpo como elemento geográfico⁶ nas narrativas não hegemônicas da teoria queer e do feminismo se revela como essencial para compreender o território, o espaço e o lugar enquanto conceitos cruciais para percebermos as origens e necessidades dos dilemas sobre a sobrevivência cultural LGBTQ+ em cidades médias do interior do Estado de São Paulo (SILVA,

⁵ Cf. Borillo (2013), ou a nota 3 acima.

⁶ Segundo Silva (2013), a ciência geográfica é um campo de saber/poder em que se estabelecem, por meio de disputas e tensionamentos, determinados conhecimentos legitimados pela comunidade científica em diferentes espaços e tempos. Portanto, o corpo, enquanto elemento geográfico, não se preocupa em discutir a ontologia da Geografia, mas sim em evidenciar como ela se manifesta na forma de produtos científicos, ou seja, a sua relação com o corpo, relações entre espaço e identidade.

2013).

A geografia, enquanto campo de conhecimento, utiliza linguagens e categorias que moldam nossa compreensão do espaço. No entanto, a experiência LGBTQ+ demonstra a existência de uma geografia vivida que não se limita às categorias e representações oficiais.

Através de suas bandeiras, territórios e culturas, a comunidade LGBTQ+ cria uma geografia alternativa, baseada em suas próprias experiências e necessidades. A cidade, a identidade e a paisagem se entrelaçam na construção de uma existência coletiva, revelando a complexidade das

A geografia cultural, ao considerar as dimensões simbólicas e afetivas do espaço, oferece ferramentas para compreender essa complexidade e para desafiar as representações hegemônicas do espaço. A dependência da civilização, "judaico-cristã"⁷, no sistema "sexo-gênero"⁸ e de coloca a sexualidade fluida nas entranhas do espaço geografia

A geografia das sexualidades, instaurada em uma realidade onde as relações entre as pessoas são desenvolvidas a partir de uma violência e esquecimento cotidianos que visam "segregar"⁹, segue especializando a paisagem LGBTQ+ em diferentes escalas e profundidades.

Nesse contexto, o sadismo na aniquilação do espaço é um sofismo da opressão na reprodução social do lugar, e transborda em tortura para as pessoas LGBTQ+ em Ourinhos, orientando uma agenda nacional (política, econômica e cultural) que, paradoxalmente, se apresenta como protetora. Essa agenda comissiona e alimenta uma "dor homofóbica" como prática revolucionária, inclusiva e diversa, progressista na produção do espaço, de onde surge a "resistência" (PARKER, 2002).

O que se observa é a maneira em que ocorrem, socialmente, os embates políticos pelo controle do espaço (público e privado) na diversidade cultural e nos segmentos sociais das estruturas que privilegiam certas condições para sujeitos e grupos sociais. Esses embates definem o espaço hegemônico/supraorgânico/público como uma representação das capacidades de estabelecer vontades e fontes de consumo, que definem os padrões culturais estabelecidos socialmente pelo espaço

⁷ Segundo Borillo (2013), o pensamento judaico-cristão, assim como o das elites do universo greco-romano, acreditava na superioridade do masculino na ordem patriarcal que é sua consequência. No entanto, essas elites introduziram um elemento novo que modificaria radicalmente o paradigma da sexualidade: a abstinência. A única exceção a esse ideal ascético, que ao mesmo tempo permite confirmar o seu status, é o ato sexual reprodutor dentro do casamento religioso. A sexualidade não reprodutora – e, em particular, a homossexualidade, vista como a forma paradigmática do ato estéril por essência – se tornaria, a partir de então, a configuração mais acabada do pecado contra a natureza.

⁸ segundo Rubin (1975), o conceito de sistema sexo-gênero nos remete à ideia de que existe uma sexualidade biológica que passa por um processo de culturalização: processos em que a sexualidade biológica é transformada em um produto da atividade humana. Ela define o "sistema sexo-gênero" como "os arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em um produto da atividade humana".

⁹ Sposito (1996), a palavra "segregar" refere-se ao ato de separar, isolar, evitar aproximação e colocar-se à margem. A segregação urbana envolve dois tipos principais: a segregação involuntária e a voluntária. Os fenômenos de segregação urbana resultam de um conjunto de ações e políticas urbanas, seja por parte do setor privado, do setor público ou em conjunto. Esses fenômenos estabelecem espaços diferenciados na cidade, relacionados ao acesso à terra, infraestrutura e equipamentos urbanos, distribuídos de maneira desigual em termos de segregação.

(SILVA, 2012, 2013).

Nesse contexto de “segregação socioespacial”, o “direito à cidade” assume diversas formas na “geografia” da liberalidade urbana como uma produção do espaço. Esse conceito define tanto a ordem moral quanto os trabalhos econômicos de consumo e as perspectivas de expressões Segundo inadequadas aos “padrões morais e estéticos” construídos socialmente no município (HARVEY, 2013).

Além das segregações, as marginalizações estão inexoravelmente ligadas às questões de ordem econômica, política e cultural. A estrutura da hegemonia do gênero masculino nas sociedades ocidentais organiza-se em uma série de condicionamentos sociais e “rótulos” que constroem os próprios sujeitos e que moldam as relações cotidianas. Isso define a diferenciação dos comportamentos e expressões espaciais, masculino e feminino, público e privado, na dinâmica da produção do lugar.

Posteriormente, a determinação da hegemonia masculina revela a prevalência da vontade em relação às instituições e às relações sociais, tanto nos campos políticos e econômicos quanto no espaço público e privado.

A expressão do espaço geográfico se materializa na sociedade, e a existência humana é espacial – essa é uma unanimidade geográfica. No entanto, nem toda a humanidade tem acesso ao poder do conhecimento geográfico, e a invisibilidade é uma característica inerente ao "feminino e ao queer", ao "gênero e à sexualidade". Como tantas geografias incorporam ações de construção social do sexo, gênero e desejo, a relação corporificada do espaço de poder torna-se um processo de pertencimento e movimento (SILVA, ORNAT, CHIMIN JR, 2013).

A teoria de Foucault, especialmente o conceito de “heterotopia,” explora como os espaços e lugares podem manifestar práticas sociais e poder. Esses conceitos se conectam com a performatividade discutida por Butler, que critica a representação da identidade e aborda a política pós-feminista. As “Drag Queens,” por exemplo, são um exemplo de como o desempenho de gênero pode desafiar a heteronormatividade e abrir um campo ético de debate geográfico.

Toda a “cartografia do pensamento queer”, enquanto uma forma de "linguagem geográfica", é um exercício de representação do lugar, reafirmando socialmente a importância do “espaço/ tempo” nas análises de vivências cotidianas. Assim, ela destaca a possibilidade de subversão das normas compulsórias e a criação de uma “cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade¹⁰” (SILVA, 2009; LEOPOLDO, 2020; WOLF, 2021; VICENTE, 2023).

¹⁰ Para Silva (2009), a cidade se relaciona com o corpo travesti de maneiras variadas, dependendo do contexto espacial. Existe um problema semântico envolvendo as associações do termo "travesti", que é usado para descrever pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao seu corpo biológico. Essa transgressão sexual é usada para nomear pessoas que apresentam uma dissonância entre o corpo biológico e a identidade de gênero.

A trajetória histórica do movimento LGBTQ+ é marcada por lutas e conquistas que se entrelaçam com as transformações urbanas e sociais. Segundo Quinalha (2022), a representação o movimento LGBTQ+ é uma prática de ciclos e ondas, onde moldada por eventos como a luta contra a ditadura militar, a epidemia de HIV/AIDS e a institucionalização de organizações não governamentais.

A epidemia, por exemplo, impulsionou a criação de redes de apoio e a ocupação de espaços públicos, contribuindo para a visibilidade da comunidade. Atualmente, o movimento enfrenta o desafio do “backlash” promovido por grupos de extrema-direita, que busca reverter os avanços conquistados e reconfigurar as espacialidade urbanas. A compreensão dessa trajetória histórica é fundamental para entender os desafios e as perspectivas futuras do movimento LGBTQ+. (QUINALHA, 2022).

A geografia crítica pós-moderna, ao questionar as premissas da geografia tradicional, oferece novas ferramentas para a compreensão das experiências LGBTQ+. Essa abordagem permite uma reinterpretação da teoria queer, da geografia de gênero e sexualidade e da crítica social, possibilitando narrativas mais complexas e nuance das sobre o movimento LGBTQ+, que frequentemente é mal interpretado e estigmatizado.

A aplicação da teoria queer e da micropolítica à análise das experiências LGBTQ+ em cidades médias permite uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas locais de poder e das formas como a sexualidade e o gênero são vivenciados no cotidiano. Ao focar nas escalas micro e nas relações de poder cotidianas, essa abordagem contribui para a desnaturalização de categorias como gênero e sexualidade, revelando a complexidade das experiências LGBTQ+ em diferentes contextos urbanos.

Além disso, a teoria queer e a micropolítica permitem analisar como os processos de inclusão e de multiplicidade cultural, presentes na agenda política nacional, se manifestam nas experiências concretas das pessoas LGBTQ+, revelando as desigualdades e as resistências presentes nesses processos (LEOPOLDO, 2021).

A sociedade de classes, com suas normas e comportamentos impostos pelo trabalho e pela ideologia, inclui “normas e meios” que moldam a configuração da sociedade atual em sua totalidade. A história LGBTQ+ e a geografia, como uma construção do território, levantam a questão de como representar os processos culturais de construção do espaço físico sem um espaço físico propriamente dito.

Algumas memórias dos processos históricos do movimento LGBTQ+ em Ourinhos revelam uma forma de resistência ao silêncio e ao anonimato do espaço, destacando a emancipação cultural

em médios centros urbanos.

A festa mensal em Ourinhos é um verdadeiro ponto de encontro para a comunidade LGBTQ+ local. Ao reunir pessoas de diferentes origens e identidades, a festa cria um espaço seguro e acolhedor, onde todos podem se expressar livremente. A presença de artistas e dos produtores como Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos ao longo do tempo enriquece ainda mais o evento, oferecendo momentos de reflexão e celebração.

Essa iniciativa demonstra o poder da cultura e da arte em transformar a cidade, tornando-a mais inclusiva e diversa. A festa se torna um espaço de diálogo e construção de uma identidade cultural própria para a comunidade LGBTQ+ em Ourinhos.

As reflexões apresentadas corroboram a pertinência e a originalidade da proposta de pesquisa intitulada 'A representação da paisagem LGBTQ+ de cultura pública-privada de Ourinhos-SP: diálogos e reflexões em cidades médias'.

Ao analisar a festa mensal como um evento que molda a paisagem cultural da cidade, a pesquisa busca compreender como a cultura e o espaço se entrelaçam na construção de identidades LGBTQ+. Através da análise de discursos, práticas sociais e representações espaciais, a pesquisa contribuirá para o avanço do conhecimento sobre as experiências LGBTQ+ em contextos urbanos, oferecendo subsídios para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e para a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa.

1.1. Objetivos Geral e Específicos: objeto banal e objeto atípico

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo analisar os lugares LGBTQ+ em Ourinhos, compreendendo-os como espaços de encontro, expressão e resistência. A pesquisa busca investigar como as relações sociais, as práticas culturais e as dinâmicas urbanas moldam esses espaços, considerando a interação entre o público e o privado.

Através de uma abordagem qualitativa, combinando análise documental, entrevistas com atores locais e observação participante, a pesquisa busca compreender as especificidades da produção do espaço urbano e da cultura LGBTQ+ em cidades de médio. Os resultados da pesquisa contribuirão para o avanço dos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero, oferecendo subsídios para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e para a construção de cidades mais justas e equitativas.

Nesse sentido, o **objetivo geral** da pesquisa é analisar a paisagem LGBTQ+ de cultura pública e privada na cidade de Ourinhos/SP e o processo de tornar-se LGBTQ+ no contexto urbano de uma cidade de médio porte, representados na memória da cidade de Ourinhos e nos eventos e o movimento LGBTQ+, incluindo diálogos e reflexões na “cidade, identidade e paisagem” urbana em cidades médias, compreendendo a funcionalidade da representação espacial desses espaços e suas diferentes formas, considerando o território e a cultura inserida e representados na paisagem, bem como a interação social envolvida.

E, para isso, traz como **objetivos específicos**:

A) Analisar a relação entre os tipos de eventos culturais LGBTQ+ e o produtores de eventos, os espaços em que ocorrem, identificando as características e especificidades de cada ambiente e como eles influenciam a programação e a participação do público, analisando a frequência, a diversidade temática e o público-alvo desses eventos, e a relação entre os eventos e as dinâmicas locais do espaço. B) Investigar a representação da comunidade LGBTQ+ nesses eventos, analisando a forma como a comunidade LGBTQ+ é representada nos eventos (estereótipos, diversidade, etc.), com isso avaliar a participação de produtores de eventos, artistas, ativistas e membros da comunidade na organização e realização dos eventos. C) Analisar a relação entre os eventos culturais LGBTQ+ e o espaço urbano: investigando como os eventos se apropriam e transformam os espaços públicos e privados e a relação entre os eventos e as dinâmicas espaciais e avaliando o impacto dos eventos na visibilidade da comunidade LGBTQ+ e na construção de um senso de comunidade. D) Identificar as principais desafios geográficos desenvolver a ideia da paisagem LGBTQ+ de cultura pública e privada: com isso, analisar as condições de produção e circulação dos eventos culturais LGBTQ+, no caso em Ourinhos, desenvolvendo estratégias para fortalecer a produção geográfica LGBTQ+ e ampliar sua visibilidade.

B)

1.2. Justificativas da Escolha do Tema e Recorte Geográfico

A definição do movimento LGBTQ+ é uma tarefa complexa e envolve desafios específicos. Para a realização deste estudo, é necessário adotar uma definição que atenda às necessidades analíticas do objeto em questão, que envolvem definições de um jogo de letras e um recorte operacional a ser colocado.

A seleção de letras e siglas nas relações LGBTQ+ reflete como elas contribuem para a construção da identidade sexual e orientação de gênero de cada indivíduo. Além de considerar o estereó-

tipo, o aspecto dito “socioambiental”.

Esses "eventos" têm a espacialidade e temporalidade de uma paisagem de com- preensão de “foras e organizações” que compõe o espaço geográfico. Nessa materialidade, tal paisagem vincula sexualidade, espaço, gênero e renda. A representação da paisagem destaca a centralidade da sexualidade na geografia, tanto nas esferas públicas quanto privadas, e o enfrentamento teórico e metodológico das relações sociais entre espaço e corpo (SILVA, 2010, 2013).

A perspectiva teórica busca realçar a interação entre os corpos LGBTQ+, os centros urbanos, a falta de "espaço público" e os dilemas sociais e políticos privados, além da dinâmica econômica que explora o corpo LGBTQ+ em uma escala menor de poder (LEO- POLDO, 2021). O encontro da "ação-prática" da "teoria queer" com a geografia, ao compreender o movimento LGBTQ+ em centros urbanos de médio porte, reflete as dissoluções sociossexuais, nas quais o indivíduo produz e compreende o espaço geográfico.

Progressivamente, a experiência geográfica revela a ausência do silêncio no silêncio geográfico e a necessidade de agregação, que coloca a sexualidade no mapa e a associa a um movimento em rede. Desse modo, a geografia e o movimento LGBTQ+ se entrelaçam em uma visão histórica.

A legislação molda a geografia ao integrar o espaço simbólico, temporal e a espacialidade, associando as ações sociais de ordem burguesa (prazeres, símbolos e amores) a uma memória inexplicável da relação com a manifestação cultural e o tempo (SILVA, 2009, 2013; TREVISSAN, 2013).

Nesse contexto, a noite em Ourinhos é marcada por prazeres e vontades implacáveis, táticas no silêncio ajustadas às composições referentes à geografia, ao gênero e à sexualidade. Encontram-se, ali, concepções de “identidade/territorialidade”, de público/ privado, dinâmicas do sistema de “sexo-gênero” e a historicidade do movimento LGBTQ+, com bandeiras, pautas, lugares e espaços de sua manifestação pública.

A geografia das sexualidades e o movimento LGBTQ+ examinam os saberes feitos para os negócios: posturas e gestos, práticas e maneiras, as quais revisitam as transformações em códigos, roupas, maquiagem do tempo/espaço das manifestações culturais dos sujeitos e seus códigos.

Na perspectiva LGBTQ+ e geografia, o foco está no espaço habitado pelos indivíduos LGBTQ+, tanto em espaços privados quanto na representação cultural de um movimento social. Este movimento é examinado através de seu processo histórico e sua constituição, considerando como ele se manifesta e é vivido.

A percepção da dinâmica espacial ampliou o entendimento da categoria geografia, simplificando e complementando as possibilidades de viver em diferentes condições sociais. A rigidez soci-

al e a gramática de sexualidade e gênero revelam uma fluidez nas categorias relacionadas ao espaço e à identidade sexual. Assim, o espaço delimita a formação cultural associada ao comportamento dos corpos nos territórios e à transformação desses corpos.

A experiência vivida e a convivência durante o processo de graduação e intelectualidade em geografia, associadas à formação cultural LGBTQ+, concentram-se na construção do escopo da pesquisa, que aborda a composição LGBTQ+ como um fenômeno de delimitação geográfica. Assim, a multiplicidade dessa experiência de vida configura a geograficidade do ser e o processo de “tornar-se” (MARANDOLA, 2022).

Nesse contexto, o espaço público e privado do lugar LGBTQ+, expresso por eventos e pela dialética das relações sociais, contribuem para definir as características da cidade. A compreensão do espaço vivido e a análise de como as relações sociais são formadas revelam a ideia de “espaço como produção” e “a metamorfose do espaço habilitado”, sempre sujeitos a mudanças e transformações invisíveis, como um ciclo histórico em constante evolução.

Além disso, busca-se entender a função de fomentar o levantamento de questionamentos que possibilitem um pensamento crítico e diversificado sobre o acervo e o espaço LGBTQ+. Esse objetivo é alcançado através da integração dos conceitos subjetivos encontrados nas entrevistas com os produtores de eventos, abordando os “assuntos deixados de fora” na narrativa da história social e da geografia LGBTQ+ de Ourinhos.

A resignificação dos objetos dentro de seu contexto histórico e social sob a perspectiva de geografia feminista agrupa uma coleção de representações a partir do local de conhecimento que pode ser construído. As fontes utilizadas para a análise incluem a construção de mapas para entender a espacialidade dos territórios que formam a paisagem dos eventos LGBTQ+, juntamente com o processo de entendimento da memória oral do município de Ourinhos, encontrado em processos subversivos entre a “maldita” e a “subversiva” geografia (ORNAT, 2010; SILVA, 2013, 2016; MEIHY, 2018).

A produção bibliográfica dos processos de criação de mapas será dividida em três momentos: a análise das causas e efeitos relacionados ao estudo do território, a paisagem cultural e a história LGBTQ+ na qual esses eventos estão inseridos, com base em autores relevantes; seguida pela análise da situação da população LGBTQ+.

A cidade, a identidade e a paisagem, bem como a cultura em suas diversas escalas e regiões, são analisadas sob uma perspectiva geográfica. Em um terceiro momento, o foco se volta para os eventos LGBTQ+, examinando sua exposição, coleção, objetos, relações de poder e simbologias. O objetivo é entender como esses eventos se transformaram ao longo do espaço-tempo, na

composição social urbana e na estrutura territorial, contribuindo para a técnica do conhecimento geográfico sobre sexualidade e gênero e aprimorando a práxis geográfica.

As bibliografias, fontes e autores utilizados se complementam ao seguir o viés de análise das narrativas de longa duração e suas relações com a população LGBTQ+. Eles auxiliam na compreensão do corpo e das instituições, assim como da maneira como o local e as diferentes mentalidades que o acompanham estão refletidos ali.

Com base nesses objetivos, o trabalho propõe compreender as relações entre a história social e política de Ourinhos e a teoria da liberdade LGBTQ+, abordando a sexualidade e a construção social da homofobia. Também examina como a história e a crítica ao preconceito contribuem para a reafirmação do espaço na teoria crítica social, formando uma geografia pós-moderna para entender o movimento LGBTQ+ em Ourinhos.

A relação entre a cidade, a identidade e os territórios, bem como a representação da paisagem LGBTQ+, é discutida no contexto do diálogo sobre gênero e sexualidade em cidades médias, destacando a importância de abordar a experiência LGBTQ+ fora dos grandes centros urbanos na geografia.

1.3 - Metodologia, plástico e barulho.

O título 'Metodologia, Plástico e Barulho' faz referência ao filme “Amor, Plástico e Barulho”, que serve como ponto de partida para uma investigação sobre a relação entre a cena musical brega, a construção de identidades LGBTQ+ e o espaço geográfico.

A pesquisa busca compreender como os espaços LGBTQ+ ao se apresentar como um gênero popular e periférico, oferece um espaço de afirmação e visibilidade para sujeitos LGBTQ+ que, muitas vezes, se sentem marginalizados em outros contextos sociais.

Através da análise da trajetória dos produtores de eventos e espaços pela população LGBTQ+ por eles ocupados, pretende-se desvelar as complexidades da construção de identidades em contextos específicos do espaço.

A descoberta da existência de uma cena de eventos LGBTQ+ em Ourinhos motivou a presente pesquisa, que tem como objetivo analisar a produção cultural LGBTQ+ na cidade, com ênfase nos eventos como espaços de encontro, expressão e resistência. Através da delimitação metodológica para o estudo aprofundado desses eventos, busca-se compreender as dinâmicas de construção de identidade e as estratégias de luta por direitos da comunidade LGBTQ+ no contexto urbano de Ourinhos

Considerando a relação entre o movimento LGBTQ+ e os fenômenos geográficos, esta pesquisa investigará como os eventos LGBTQ+ em Ourinhos se inserem na dinâmica urbana e se articulam com processos históricos e sociais mais amplos. A metodologia, dividida em três etapas, permitirá analisar a produção cultural LGBTQ+ como um processo social e espacial.

a) A primeira etapa da pesquisa busca aprofundar a compreensão histórica dos espaços ocupados pelo movimento LGBTQ+ em Ourinhos, inspirando-se em Vicente (2018). As entrevistas com Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos priorizam uma análise empírica dos eventos, com foco na produção e execução. Essa abordagem permite identificar padrões, ciclos e rupturas na trajetória do movimento, dialogando com a história local e com os processos sociais mais amplos.

b) A segunda etapa da pesquisa consistiu em um aprofundado levantamento bibliográfico, com o objetivo de construir um sólido referencial teórico. Foram utilizadas palavras-chave como Geografia, Gênero, Sexualidade, Território, LGBTQ, Queer e Teoria Queer, a fim de identificar estudos relevantes sobre a relação entre o movimento LGBTQ+ e o espaço urbano. Essa etapa permitiu estabelecer um diálogo com as principais teorias e conceitos que norteiam a pesquisa.

c) Na terceira etapa da pesquisa, será realizada uma análise aprofundada dos dados coletados, com o objetivo de elaborar mapas cartográficos que representem a distribuição espacial dos eventos LGBTQ+ em Ourinhos. Através da cartografia, busca-se compreender as dinâmicas espaciais da produção cultural LGBTQ+ na cidade, identificando padrões de ocupação do espaço urbano e as relações entre os eventos e outros elementos da paisagem urbana.

A análise espacial dos eventos LGBTQ+ em Ourinhos apresenta desafios particulares, uma vez que a cultura LGBTQ+ é marcada por constantes transformações e por uma diversidade de expressões culturais.

A partir da análise dos lugares e das narrativas dos organizadores, será possível identificar as diferentes formas de representação da identidade LGBTQ+ no espaço urbano. Os lugares físico em particular, desempenham um papel fundamental na construção de uma identidade visual para os eventos e na divulgação das ideias e valores do movimento LGBTQ+. Essa análise contribuirá para um aprofundamento dos estudos sobre a geografia das sexualidades e a produção de espaços queer. (SILVA; ORNAT; CHIMIN; 2013, 2013; SILVA, SILVA, 2014; COSTA, 2008; ORNAT, 2011).

A geografia do cotidiano (COSTA, 2008) permite analisar as relações entre os indivíduos e os lugares que habitam, revelando as formas pelas quais o espaço é produzido, vivido e significado.

No caso da população LGBTQ+, de Ourinhos, a análise da geografia do cotidiano dos eventos LGBTQ+ permite compreender como esses espaços são construídos e como eles contribuem para a formação de identidades e a produção de sentidos.

A partir dessa perspectiva, a produção de espaços LGBTQ+ pode ser entendida como uma prática política que desafia as normas heteronormativas e as desigualdades sociais. A análise da relação entre a população LGBTQ+ e os lugares que habita permite identificar os desafios e as oportunidades para a construção de espaços mais seguros e acolhedores. Essa perspectiva contribui para uma compreensão mais aprofundada das lutas e conquistas do movimento LGBTQ+ e para a construção de cidades mais justas e democráticas

Os locais onde ocorrem 'reuniões' LGBTQ+ são construções históricas, carregadas de significados e simbologias culturais. A análise espacial desses eventos, utilizando conceitos como território, homossexualidade, gênero, identidade e história do movimento LGBTQ+, permite compreender como a sexualidade se articula com as relações de poder e como a teoria queer pode contribuir para essa análise.

A partir de entrevistas feitas em entender por onde foram (VICENTE, 2018), revisões bibliográficas e produção de mapas, buscamos entender como os eventos LGBTQ+ moldam e são moldados pelos espaços onde ocorrem, revelando as transformações e permanências na paisagem urbana

Os eventos LGBTQ+ de Ourinhos não são meramente reflexos da sociedade, mas sim espelhos que revelam detalhes mais profundos sobre a mesma. Ao analisar esses eventos, percebe-se que eles funcionam como organismos vivos, capazes de se transformar e de promover críticas sociais.

Ao reconhecer o caráter humano e territorial desses eventos, compreende-se que eles são campos de tradição e contradição, onde as características estéticas se entrelaçam com as dinâmicas urbanas, revelando a complexidade da cidade.

Sentida a necessidade de “colocar as sexualidades no mapa” reforçando a indispensabilidade de promover uma investigação sobre as sexualidades que vá ao centro do crescente interesse, nascido das perspectivas pós-estruturalistas, pós-colonialista e pós-modernas na ciência sociais, pelo corpo e pela suas formas discursivas e matérias como elementos-chave da investigação social (VEIRA, 2011, p.241).

Os eventos LGBTQ+ de Ourinhos estabelecem uma relação dialética com a cidade. Ao mesmo tempo em que refletem as características da sociedade local, eles também contribuem para transformá-la. Ao analisar esses eventos, é possível identificar como as práticas culturais e as identidades LGBTQ+ se expressam no espaço urbano, moldando a paisagem e a identidade da cidade. Além de funcional, assume diversas representações e atua como mediador entre o indivíduo, o espaço e a cultura. Inserido em um determinado território, ele possibilita a interação social e a construção de significados compartilhados.

Ao mesmo tempo, ele funciona como um catalisador para a reflexão crítica e cultural, incentivando o questionamento sobre as relações entre o objeto, o indivíduo e a sociedade. Para Haesba-

ert (2002):

Além das tradicionais abordagens da organização econômica produzindo sua divisão territorial do trabalho, é preciso reconhecer que o espaço se sobrepõe a esta função produtiva, e às vezes de modo ainda mais enfático, uma função político- disciplinar e simbólica. [...] As formas de manipulação do espaço, parece claro, não jogam apenas um papel decisivo para a realização das estratégias políticas- econômicas dominantes. Elas podem corresponder também a base para a formulação de propostas minoritárias de convivência social e a um referencial indispensável para a articulação e/ou preservação de identidades coletivas diferenciadoras (HAESBAERT, 2002, p 13–14).

As relações entre corpo, espaço e gênero são historicamente moldadas por relações de poder. Nesse contexto, os objetos, tanto naturais quanto artificiais, são inseridos em circuitos econômicos heteronormativos, adquirindo significados e funções específicas. A análise dessas relações permite compreender como os objetos são utilizados para construir e reforçar as hierarquias sociais e as desigualdades de gênero. (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2016)

Indivíduos que demandam a proteção de espaços privados tornam-se vulneráveis ao 'olhar público', que os objetifica. A análise histórica das relações sociais e da constituição da sociedade LGBTQ+ revela a importância de compreender os diferentes momentos, formas e ciclos que moldaram esse movimento.

Para tal, é fundamental investigar as categorias às quais esses sujeitos pertencem, considerando os contextos religiosos, culturais, econômicos e políticos, bem como as relações de poder que permeiam esses contextos. A cartografia social pode ser uma ferramenta útil para visualizar e analisar as dinâmicas espaciais e sociais que moldam as experiências de vida da população LGBTQ+ (QUINALHA, 2022)

Os eventos LGBTQ+ "exclusivos e isolados" para se tornarem um elemento inserido na paisagem que o cerca os fluxos econômico independência e importância por preservar e expor de maneira mais dinâmica e histórias e costumes, ao configurar algo isolado do resto, perde sua vida e se cega para as mudanças, para construções sociais no armário.

A exposição dos indivíduos LGBTQ+ ao "olhar público" os torna vulneráveis a diversas formas de violência e discriminação. Esse olhar, muitas vezes carregado de preconceito e estereótipos, contribui para a construção de uma identidade LGBTQ+ marcada pela invisibilidade e pela marginalização. A análise histórica do movimento LGBTQ+ revela a importância de compreender os diferentes momentos, formas e ciclos que moldaram essa luta por direitos. A categoria analítica de "ciclos e ondas" pode ser útil para mapear as principais tendências e rupturas desse movimento, identificando os momentos de maior visibilidade e os períodos de maior repressão. Ao analisar as relações entre os sujeitos LGBTQ+ e o espaço público, é possível compreender como as dinâmicas de poder são materializadas e como elas afetam as experiências de vida dessa população. (SILVA, ORNAT, CHI-

MIN, 2017)

A cartografia social, por sua vez, permite visualizar e analisar as desigualdades espaciais que marcam a vida das pessoas LGBTQ+, revelando as áreas onde elas se concentram e as dificuldades que enfrentam para acessar serviços e oportunidades.

Esta pesquisa analisa a evolução das experiências de vida de pessoas LGBTQ+ em Ourinhos, no período entre os anos de (2006/2023), portanto a realizadas entrevistas, no trabalho de conclusão de curso, em profundidade e analisadas diversas fontes documentais, contrai a compreensão da geografia do trabalho.

A análise comparativa das narrativas permitiu identificar as transformações ocorridas nas relações entre gênero, sexualidade e espaço ao longo do tempo. A perspectiva teórica da geografia feminista foi fundamental para compreender como o espaço urbano é produzido e vivido de forma diferenciada por homens e mulheres, assim como por pessoas LGBTQ+.

A teoria queer, por sua vez, permitiu analisar as formas como as identidades de gênero e sexualidade são construídas e contestadas. Ao relacionar essas perspectivas teóricas com as experiências narradas pelos participantes, foi possível identificar as estratégias de resistência e as formas de visibilização das identidades LGBTQ+ ao longo do tempo.

A pesquisa combinou uma revisão da literatura sobre geografia, pós-modernidade, teoria queer e movimento LGBTQ+ com uma análise empírica. O objetivo foi compreender como os conceitos teóricos podem iluminar as experiências vividas pelas pessoas LGBTQIA+ e como o espaço físico desempenha um papel fundamental na construção de suas identidades. Ao situar nossa pesquisa nesse campo de estudos, buscamos contribuir para os debates sobre a importância de considerar as dimensões espaciais nas análises sobre gênero e sexualidade

A participação em eventos e grupos de discussão da comunidade LGBTQ+ de Ourinhos, combinada com a formação em Geografia, com ênfase em estudos urbanos e geografia cultural, proporcionou uma base sólida para a realização desta pesquisa. A experiência de vivência na comunidade, aliada ao conhecimento teórico, permitiu uma análise aprofundada das dinâmicas espaciais que moldam as experiências de vida das pessoas LGBTQIA+ em um centro urbano de médio porte. A pesquisa identificou a importância de espaços seguros, a construção de redes de apoio e as formas de resistência utilizadas pela comunidade para enfrentar as adversidades e construir suas próprias identidades.

A pesquisa, fundamentada em autores como Foucault e Butler, busca compreender como a geografia cultural e a teoria queer podem contribuir para a análise das relações de poder, das representações e das práticas espaciais que marcam a vida dos sujeitos LGBTQ+. Através da análise de

documentos históricos, entrevistas com atores locais e observação participante, este trabalho visa identificar as especificidades da produção do espaço e das relações de poder que permeiam as experiências LGBTQ+ em Ourinhos.

Além de desenvolver a perspectiva da ideia de “público-privada”, na dicotomia do poder, construir a “interseccionalidade na análise do espacial” a luta do movimento LGBTQ+ e a conquista pelo espaço físico, divertimento e uma interface da disputa por território do gênero e da sexualidade marcado pela política de Ourinhos, com os donos do poder, a veemência do movimento LGBTQ+ me assegurou. No corpo deste projeto, procurei compreender o movimento do corpo LGBTQ+ de Ourinhos em dois sentidos.

A produção social do espaço e as práticas espaciais dos corpos LGBTQ+ em movimento em cidades de médio porte, com foco na disputa por territórios de lazer e cultura.

A partir de uma perspectiva da geografia cultural e da geografia queer a pesquisa analisa como a comunidade LGBTQ+ se apropria e transforma o espaço urbano, desafiando as normas e as hierarquias sociais.

A noção de território é compreendida como uma construção social que se articula com as identidades e as relações de poder. A pesquisa busca compreender como os corpos LGBTQ+ produzem seus próprios espaços de sociabilidade, afirmação de identidade e resistência, contribuindo para a construção de uma cidade mais justa e inclusiva.

A segunda dimensão da pesquisa analisa a territorialidade como uma prática política central para o movimento LGBTQ+. A manutenção de territórios próprios é compreendida como uma estratégia de afirmação de identidade e de resistência às relações de poder, que se manifestam na produção e na apropriação da paisagem.

A comunidade LGBTQ+ produz e se apropria de espaços que possuem significado simbólico e afetivo, transformando-os em territórios de resistência e de afirmação de suas identidades. A análise da paisagem permite compreender como esses espaços são produzidos socialmente e como se relacionam com as dinâmicas de poder que permeiam a cidade.

A pesquisa se fundamenta na geografia feminista, gênero e sexualidade, com o objetivo de analisar as relações entre espaço, gênero e sexualidade. Para tanto, foram consultados diversos autores, destacando-se Joseli Maria Silva, Marcio Ornat, Alides Baptista Chimin e Benhur Pinós da Costa. As obras desses autores, como 'Geografias Subversivas' (2009), 'Geografias Malditas' (2013) e 'Espaço, Gênero e Poder' (2011), forneceram um arcabouço teórico fundamental para a compreensão das experiências espaciais de sujeitos LGBTQ+.

A teoria queer, com destaque para os trabalhos de Raphael Leopoldo, como 'Cartografia do

Pensamento Queer' e 'Microfísica do Poder', foi fundamental para a pesquisa, ao permitir uma análise mais aprofundada das relações de poder e das práticas espaciais que moldam as experiências LGBTQIA+.

A noção de microfísica do poder, desenvolvida por Foucault e aprofundada por Leopoldo, foi particularmente útil para compreender como as normas de gênero e sexualidade são produzidas e reproduzidas no espaço. Em conjunto com as contribuições da geografia feminista, a teoria queer permitiu uma análise mais interseccional das experiências LGBTQIA+, considerando as relações entre gênero, sexualidade, raça, classe e outras dimensões da identidade.

Os autores e suas concepções na composição do pensamento. A psicanálise, o direito dos animais, o pós-estruturalismo, o nascimento da teoria por Glória Anzaldúa, o pensamento homoerótico lésbico, que inclui "Witting, Rubin e Rich"¹¹, compreendendo o sistema sexo/gênero e a heterossexualidade compulsória.

Existe o giro performático que Judith Butler apresenta, além do pensamento homoerótico gay de "Hocquenghem, Perlongher Saez e Carrascosa"¹², desenvolvendo ideias do pânico homossexual, a prostituição masculina, a psicanálise e as políticas anais (que inicialmente teve vinculação com as aids) (LEOPOLDO, 2020).

Essa cartografia do pensador queer coloca a história da tecnologia de Paul Beatriz Preciato¹³, o giro tecnológico de Donna Haraway e as manifestações culturais nos processos de desenvolvimento metodológico no mesmo caminho. Que nos últimos anos, criou um dualismo entre o “público”/“privado”, com a relação com os corpos LGBT+ e o espaço, a exclusão e a transgressão da resistência nas quais as relações geográficas constituídas “da preservação privada a tirania pública” (BRICKELL, 2000).

Os argumentos do movimento LBGT+, encontra a geografia, a ciência da produção do espaço, refletindo como a ausência do espaço físico manifestada em um movimento socioterritorial como o movimento LGBT+, que, de ondas foi para o círculo, e enfatizar a história e crítica de um

¹¹ o pensamento lésbico, principalmente, da década de 1980. Trata-se, também, de salientar sutilmente algumas relações do pensamento lésbico com a teoria queer, surgida na década de 1990. As três autoras escolhidas para esta reflexão são: Monique Wittig, Gayle Rubin e Adrienne Rich. De cada uma destas pensadoras enfatizamos a particularidade de um conceito – respectivamente: heteronormatividade, sistema sexo-gênero, existência lésbica –, e como plano de fundo geral temos à crítica ao pensamento heteronormativo.

¹² Guy Hocquenghem, livros, como O desejo homossexual (1972) e A crise homossexual (1977), Hocquenghem defendeu a autonomia do desejo homossexual e criticou a homofobia internalizada. Néstor Perlongher, Perlongher explorou temas como a sexualidade, a identidade de gênero e o corpo como o negócio do michê. Néstor Saez, marcada pela interdisciplinaridade e pelo diálogo com diferentes campos de conhecimento, como a filosofia, a história e a literatura. Em seus livros, como Homossexualidades (1997) e Os sentidos da paixão (2000), Saez analisa a construção social das identidades sexuais e as relações entre gênero, sexualidade e poder, e Nicolás Carrascosa- marcada pelo engajamento político e pela reflexão sobre o papel do intelectual na sociedade. Em seus livros, como A homossexualidade como heresia (1996) e A máquina de escrever e o desejo (2006) Os quatro autores mencionados acima tiveram uma grande influência no pensamento queer latino-americano. Suas obras ajudaram a construir novos imaginários e práticas políticas para as pessoas LGBTQIA+, e continuam a inspirar ativistas e pensadores(as) na atualidade.

preconceito, na qual o debate das "doutrinas heterossexistas e a ideologia homofóbica" (BORILLO, 2013; QUINALHA, 2022).

A análise de obras como 'Devassos no Paraíso' de João Silvério Trevisan e 'Abaixo do Equador' de Richard Parker revela a importância da literatura para a compreensão das relações entre espaço, poder e sexualidade.

Através da análise de conteúdo dessas obras, é possível identificar como as 'elites homofóbicas' descritas por Trevisan utilizam o espaço urbano para exercer controle social e marginalizar a comunidade LGBTQ+. A obra de Parker, por sua vez, oferece um contexto histórico e social mais amplo para a análise das experiências LGBTQ+ nas principais cidades brasileiras.

A interdisciplinaridade entre a literatura e a geografia permite uma compreensão mais profunda das formas como o espaço é produzido, vivenciado e ressignificado pelas minorias sexuais, contribuindo para a construção de cidades mais justas e inclusivas. (TREVISSAN, 2018; PARKER, 2002).

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a produção do espaço LGBTQ+ a partir de uma perspectiva histórica e social, produzindo geografia. Através da análise de narrativas de vida e da imersão em eventos e espaços da comunidade, busca-se compreender como a experiência espacial da população LGBTQ+ se constitui e se transforma ao longo do tempo.

Ao refletir a memória oral como fonte de pesquisa justifica-se pela necessidade de resgatar e valorizar as experiências vividas pelos sujeitos LGBTQ+ ao longo de suas trajetórias, esses sujeitos, atores da reconstrução da história e identificar as lutas, as conquistas e os desafios enfrentados no espaço geográfico.

O segundo capítulo, intitulado 'A cidade dos corpos e os transgressores'¹³: o direito à cidade, a condição pós-moderna, gênero e sexualidade na reafirmação dos espaços nos eventos LGBTQ+ de Ourinhos', tem como objetivo analisar como os eventos, como paradas do orgulho e festas temáticas, contribuem para a produção de espaços de resistência e afirmação de identidade.

A partir da teoria queer e da experiência de campo, que incluiu a participação em eventos e a produção de um acervo audiovisual, busca-se compreender como esses espaços são apropriados e ressignificados pela comunidade LGBTQ+.

A análise dos dados revela a importância desses eventos para a construção de redes de apoio,

¹³ A explora as relações entre corpo, identidade de gênero e espaço problematizando a produção do conhecimento geográfico que tem, sistematicamente, contribuído para a ocultação e invisibilidade de pessoas que estão à margem das normas hegemônicas de gênero, tendo sido silenciadas na luta pelos direitos cidadãos. A operacionalização desta investigação desenvolveu-se durante dois anos de observação sistemática e de entrevistas realizadas com um grupo de treze pessoas que se autoidentificadas 'travestis'. Assim como vários outros grupos, como as drag-queens, drag-kings, transexuais, entre outros, as travestis são pessoas que transgridem a heteronormatividade, desalojando a pretensa ordem compulsória de organização binária dos corpos, das identidades de gênero, dos desejos e do espaço. Este estudo, além de tornar visível as vivências espaciais de pessoas que experienciam uma sexualidade periférica, contribui para a crítica à hegemonia da concepção heteronormativa do espaço. Silva (2009)

a visibilidade da comunidade e a desconstrução de estereótipos, em diálogo com as ideias de Joseli Maria Silva sobre a produção do cotidiano.

Os espaços a qual a autora coloca como "interdito" tem a escola e o banheiro como espaços, inegável a contribuição da marginalidade da experiência de ser travesti das reproduções sociais de afeto e hospitalidade que esses espaços contribuem.

Refere-se a uma estrutura da composição do direito à cidade, como essa, condição pós-moderna e o gênero e a sexualidade reafirmam o espaço na reafirmação dos territórios e das paisagens. A dicotomia da ordem público/privado na formação dos eventos LGBTQ+ de Ourinhos dialoga com o "ser a travetis" dos espaços e o desenvolvimento depende da obra da "Abaixo do Equador" de Richard Parker (2002).

A obra dividida em duas partes, a primeira é referente a cultura do desejo, e segunda parte que a qual debateremos: contextos locais/mundo imaginários, a qual o desenvolvimento dependente, a história de cidades, o mudando de lugar e a globalização, sexualidade e identidade.

A história da cidade, a qual Parker debate é Rio de Janeiro e Fortaleza, a qual esse trabalho compreende Ourinhos. Ambas capitais estaduais, têm uma formação populacional maior, porém é na inovação de retirar de São Paulo, ou como os bairros de Castro em Los Angeles ou Greenwich em Nova York. (PARKER, 2002)

Os caminhos os quais esses eventos passaram e desenvolvem espaços, um novo olhar referente ao ser LGBTQ+ na compreensão das estruturas e a evolução da forma urbana.

A dialética entre o movimento LGBTQ+ e a pós-modernidade geográfica nos convida a refletir sobre as formas como os sujeitos LGBTQ+ organizaram suas vidas e produziram espaços próprios nesse contexto marcado pela fragmentação, individualismo e consumo.

A associação entre a identidade LGBTQ+ e o consumo, evidenciada por conceitos como "VIP" e "pink money" (PARKER, 2002; SOJA, 1993), revela a complexidade das relações entre sexualidade, poder e mercado. A construção da identidade e a afirmação da identidade, representados pela conquista política e econômica, que envolve a luta por direitos civis, sociais e culturais.

O direito à cidade, tal como concebido por Henri Lefebvre e reinterpretado pelas teorias feminista e queer (BRITO; SOUZA, 2021), torna-se central nesse processo, pois a produção do espaço urbano é fundamental para a expressão e afirmação das identidades LGBTQ+.

Na pós-modernidade, o corpo e o espaço são constantemente apropriados e re-apropriados, Essa dinâmica se reflete na experiência da comunidade LGBTQ+, que utiliza o corpo como território e como ferramenta de expressão e resistência.

A cidade, nesse contexto, torna-se um palco para as lutas e as conquistas da comunidade,

transformando-se em um espaço de disputa e de produção de novas identidades. A transformação dos eventos LGBTQ+ em Ourinhos, que passaram da nomenclatura "GLS" para "LGBT+", exemplifica essa dinâmica de apropriação do espaço. Essa mudança reflete a evolução do movimento e a conquista de novos espaços de visibilidade e re- conhecimento (SILVA, 2013).

Já o terceiro capítulo, "O corpo como elemento da geografia", dialoga com o corpo geográfico na teoria queer e na geografia cultural, na tentativa de entender a construção do espaço e a paisagem na representação do espaço.

Do corpo ao que é, ao corpo a representação do espaço geográfico, com isso o corpo como paisagem e o trabalho geográfico de compreender como uma Geografia do movimento LGBTQ+.

O corpo como elemento da paisagem, é entender as contextualizações do movimento LGBTQ+, destacados historicamente as contribuições teóricas da teoria queer sobre e às sexualidades entre as décadas de 1970 e 1990. E os conceitos geografia para compreender a análise do recorte público-privado, aqui em eventos.

A paisagem pública-privada, em diferentes perspectivas, enquadrados ao espaço público, por uma paisagem de experiência econômica e política, enquanto a privada é algo cultural, da "paisagem, descrito no texto", e uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as políticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Para o autor, a "paisagem/texto¹⁴ é, a naturalidade da ordem do mundo e, conseguinte, a dimensão espacial da sociedade é resultante dos embates e lutas entre os grupos sociais.

As interpretações das informações dependem dos sujeitos que atuam no processo de recepção e interiorização da informação, o qual, por sua vez, é determinado e determinante dos valores culturais (DUNCAN, 2002).

A reflexão da geografia crítica, de domínio público, que enfatizava a importância da econômica e da política na construção do espaço geográfico. Além dos processos de transformação do espaço, o uso para a transformação do espaço. A metamorfose do espaço habilitado é a principal referência para a compreensão. (SANTOS, 1988)

Ao explorar as ideias de Duncan (2002), percebemos a importância da geografia cultural, isso nos convida a entender uma geografia do movimento LGBTQ+. A construção da subjetividade LGBTQ+ é um processo dinâmico e contextualizado, que se manifesta nas relações dos indivíduos com o espaço.

¹⁴ A paisagem urbana como um sistema de significados que, tal qual a linguagem expressa em texto, é depositária e transmite informações. A paisagem/texto é um discurso, uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Para o autor, a pretensa naturalidade da ordem do mundo e, por conseguinte, da dimensão espacial da sociedade é resultante de vários embates e lutas entre os grupos sociais.

A geografia das sexualidades, como conceituada por Benhur Pinós da Costa (2002, 2008), é fundamental para compreender as experiências LGBTQ+ em diferentes contextos espaciais. Esta pesquisa, com foco em pequenos centros urbanos, busca analisar como a geografia molda as vivências e as manifestações culturais LGBTQ+, especialmente aquelas que ocorrem em espaços não físicos, revelando a complexidade das relações entre espaço, corpo e identidade.

"O quarto capítulo introduz o conceito de 'Cartograqueer' para analisar os eventos LGBTQ+ em Ourinhos. Essa abordagem, que articula o 'pensamento queer' com a Geografia, revela-se fundamental para compreender as dimensões espaciais, sociais e culturais desses eventos, contribuindo para o avanço dos estudos sobre a produção do espaço LGBTQ+." A 'cartografia queer' emerge como uma ferramenta fundamental para compreender a produção dos espaços LGBTQ+ em Ourinhos.

Ao mapear esses espaços, torna-se possível visualizar as lutas e as resistências da comunidade, além de identificar as formas como esses locais contribuem para a construção de identidades e de novas formas de sociabilidade. Este capítulo demonstra a importância da cartografia para a produção de conhecimentos sobre a história e a dinâmica dos movimentos sociais. O período compreendido entre 2006 e 2023 testemunhou uma significativa transformação na organização e visibilidade dos movimentos LGBTQ+ em Ourinhos. Essa transição, marcada pela institucionalização e pela crescente articulação com as demandas por direitos sociais e políticos, torna-se evidente ao analisarmos a evolução dos espaços e eventos LGBTQ+.

A cartografia queer, ao se contrapor à concepção tradicional da cartografia como representação estática, oferece uma perspectiva dinâmica e processual para analisar os espaços vivenciados pela comunidade LGBTQ+.

Ao mapear esses lugares, é possível identificar as lutas, as resistências e as formas como esses locais contribuem para a construção de identidades e de novas sociabilidades. Essa abordagem permite compreender como os espaços são produzidos e significados socialmente ao longo do tempo.

No entanto, este capítulo propõe uma abordagem inovadora, que busca ir além dessa representação tradicional. Ao explorar a semiótica cartográfica, buscamos dar visibilidade às relações complexas e dinâmicas que se estabelecem entre os sujeitos e os espaços.

Essa perspectiva nos permite compreender como os mapas são produzidos, negociados e ressignificados, e como eles podem ser utilizados como ferramentas de empoderamento e resistência (GIRARDI, 2014)

Posteriormente, aborda ideias pós-representacionais que reconfiguram a relação entre carto-

grafia e mapa, refletindo novas compreensões espaciais. Conclui delineando estratégias para habitar esse "entre" como uma potência criativa para a cartografia geo- gráfica das sexualidades.

Na dúvida constante, a pergunta feita de "Por onde os LGBTQ+ já foram em Ourinhos", o recorte temporal de 2006 a 2023 , a pela recorrência referente aos anos de vivência e anos, traçando uma linha do tempo com os produtores; Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos e os processos de inserção da sociedade LGBTQ+ em Ourinhos, recorrentes a estratégias. (VICENTE, 2018)

A construção da 'paisagem LGBTQ+', entendida como o conjunto de espaços físicos e simbólicos que são produzidos e significados pela comunidade LGBTQ+, é um processo dinâmico e político. Ao desconsiderar as estratégias utilizadas pelo movimento LGBTQ+ para transformar o espaço urbano, perde-se a oportunidade de compreender como esses espaços são produzidos e significados socialmente.

A partir de uma perspectiva geográfica, o quarto capítulo, intitulado 'A representação da paisagem LGBTQ+ de cultura pública/privada de Ourinhos', busca analisar como as experiências LGBTQ+ nos espaços urbanos são moldadas por relações de poder e por práticas culturais. Uma abordagem qualitativa, que combina análise documental, entrevistas e observação participante, com o objetivo de identificar as lutas, as resistências e as formas como esses locais contribuem para a construção de identidades e de novas formas de sociabilidade.

Ao analisar os ciclos do movimento LGBTQ+ descritos por Quinalha (2022), que abrangem desde a clandestinidade até a visibilidade e a luta por direitos, percebemos a importância de considerar a dimensão espacial. A cartografia social, conforme proposta por Girardi (2014), nos permite compreender como os espaços públicos e privados moldam as experiências dos sujeitos LGBTQ+.

A distinção público/privado, tal como abordada por Chris Brickell, revela a complexidade das relações de poder que permeiam esses espaços e como eles são utilizados para produzir e reproduzir normas de gênero e sexualidade. Ao longo da história, o movimento LGBTQ+ tem utilizado os espaços urbanos como arenas de luta e resistência, transformando-os em lugares de afirmação de identidade e de construção de comunidades..

A pesquisa demonstra que a construção social do espaço público reforça a heteronormatividade, naturalizando a heterossexualidade como norma e marginalizando as demais orientações sexuais.

A dicotomia público/privado, ao delimitar o que é considerado apropriado para cada esfera, contribui para a inviabilização das experiências LGBTQ+. A análise dos dados revela que os espaços públicos são frequentemente associados à masculinidade e à heterossexualidade, enquanto os espaços privados são vistos como lugares de expressão de identidades mais particulares e íntimas.

Essa construção binária limita as possibilidades de expressão e de vivência para as pessoas LGBTQ+, que são frequentemente constrangidas a ocultar suas identidades em espaços públicos.. (BRICKELL, 2014)

A análise comparativa entre as paradas do orgulho na Nova Zelândia e a realidade de Ourinhos por Vicente (2018), sob a lente teórica de Brickell (2014) e Quinalha (2022), revela a complexidade das relações entre espaço, poder e identidade LGBTQIA+.

A heteronormatividade, presente tanto no espaço público quanto no privado, molda as experiências e as possibilidades de expressão das pessoas LGBTQ+, como uma esfera privada, muitas vezes vista como um refúgio, também pode ser um espaço de conflito e de imposição de normas. As paradas do orgulho, por sua vez, representam um momento de afirmação e de visibilidade, mas não eliminam as desigualdades e as violências simbólicas que persistem

A heteronormatividade, ou seja, a ideia de que a heterossexualidade é a norma e a única opção sexual válida, molda os espaços urbanos de forma a tornar a heterossexualidade invisível.

Enquanto as paradas do orgulho na Nova Zelândia celebram a diversidade sexual e desafiam essa norma, em cidades como Ourinhos, a heterossexualidade continua sendo a experiência padrão, essa invisibilidade da heterossexualidade contrasta com a necessidade de visibilidade das comunidades LGBTQ+, que frequentemente enfrentam desafios para afirmar suas identidades em espaços públicos.(BRICKELL, 2014)

Ao longo da história, o movimento LGBTQ+ em Ourinhos enfrentou diversas barreiras, relacionadas à dicotomia entre o público/privado. A primeira parada do orgulho LGBTQ+ em Ourinhos marca um ponto de inflexão na história da cidade, transformando o espaço público em um palco de resistência e afirmação de identidade.

Ao desafiar a ordem estabelecida, a parada contribui para a construção de novas narrativas e identidades, rompendo com a dicotomia entre o público/privado, tão presente na experiência LGBTQ+. A relação entre festa e resistência, como analisada por Maia (2012; 2011), torna-se evidente nesse contexto, demonstrando como a cultura pode ser um poderoso instrumento de transformação social. Essa conquista histórica representa um avanço significativo na luta por direitos e reconhecimento da diversidade sexual em Ourinhos

CAPÍTULO 2 - “A CIDADE DOS CORPOS E OS TRANSGRESSORES” : A CIDADE E O DIREITO A ELA, A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A REAFIRMAÇÃO DO ESPAÇO NOS EVENTOS LGBT+ DE OURINHOS.

*Sob o blusão e a camisa
Os músculos másculos dizem respeito
A quem por direito carrega
Essa Terra nos ombros com todo o respeito
E a deposita a cada dia
Num leito de nuvens suspenso no céu
Tornando-se seu abrigo
Seu guardião, seu amigo
Seu amante fiel¹⁵.*

1. Ourinhos: As plantações, o latifúndio e a homofobia

A chegada da ferrovia em 1918 transformou a pequena vila de Ourinhos, impulsionando seu desenvolvimento econômico e social e culminando em sua emancipação no mesmo ano. Essa transformação, que inseriu a cidade no contexto mais amplo do centro-oeste paulista, levanta questões importantes sobre a relação entre o local e o global.

A pesquisa busca compreender como a identidade LGBT+, marcada por uma dimensão global, se materializa em um contexto local específico, como o de Ourinhos. Ao analisar a ocupação do território, os processos de desenvolvimento e as formas de uso da terra, busca-se entender como as desigualdades sociais e as relações de poder moldam as experiências das pessoas LGBT+ em uma cidade inserida em um contexto de produção de commodities¹⁶.

A história de Ourinhos e a experiência da comunidade LGBT+ estão intrinsecamente ligadas, revelando a complexidade das identidades e das relações sociais em um mundo globalizado. A persistência de estruturas latifundiárias¹⁷ no Brasil, durante o século XX, moldou significativamente as relações de poder e as dinâmicas sociais, inclusive no que diz respeito à expressão das identidades LGBT+.

A teoria queer nos permite analisar como as normas de gênero e sexualidade foram construídas e reforçadas nesse contexto, e como as identidades LGBT+ se constituíram e se expressaram em meio às transformações sociais e culturais desse período.

¹⁵ GIL, Gilberto. Indigo Blues. Raça Humana. Nas Nuvens, Rio de Janeiro. (4m45s)

¹⁶ É uma mercadoria. O termo que corresponde a produtos básicos globais não industrializados, ou seja, matérias-primas que não se diferenciam independentemente de quem as produziu ou de sua origem, sendo seu preço uniformemente determinado pela oferta e procura internacional.

¹⁷ Um latifúndio, estrutura fundiária, concentração fundiária, ou indústria fundiária é uma propriedade agrícola de grande extensão pertencente a uma única pessoa, uma família ou empresa e que se caracteriza pela exploração extensiva de seus recursos.

A diversas culturas LGBTQ+ presentes nos centros urbanos brasileiros, podemos identificar tanto as continuidades quanto as rupturas em relação às experiências de seus pares em áreas rurais, historicamente marcadas pela produção agrícola. Essa perspectiva interdisciplinar nos permite compreender a complexidade das identidades LGBTQ+ e suas relações com o espaço, o tempo e as relações de poder.

A sociedade brasileira contemporânea, moldada pelas complexas interações entre o local e o global, revela a importância de analisar os diálogos entre as tradições culturais locais e as forças globalizantes. Segundo Richard Parker (2002), a industrialização, mesmo em contextos predominantemente agrícolas, e a formação de novos papéis socioeconômicos são elementos cruciais nesse processo de transformação.

Ao longo do século XX, a intensificação dos fluxos globais e a expansão da industrialização impactaram profundamente as sociedades rurais brasileiras, gerando novas dinâmicas sociais e culturais e remodelando as identidades locais. Essa complexa interação entre o global e o local molda a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais.

identidades e comunidades que cada vez mais compartilham muitas características em comum com as da Europa e da América do Norte, mas também respondem às estruturas existentes de cultura, economia e ecologias locais. [...] modos mais completo vários desses processos sociais, econômicos e demográficos. [...] mudanças descritas aqui não são apenas parte de uma espécie de sequência evolutiva "natural", mas são fatos processos sociais, políticos e econômicos historicamente contingente (que podem facilmente "evoluir" de formas bastantes diferentes, devido a outras circunstâncias) que só podem ser plenamente compreendidos no contexto do que foi descrito como o modelo de "desenvolvimento dependente" que marcou a vida brasileira durante séculos-e que se tornou especialmente acentuado nas três décadas que vão de meados dos anos 60 e meados dos anos 90" (PARKER, 2002, p.146).

A comunidade LGBTQ+ tem sido historicamente marginalizada no âmbito econômico, especialmente em modelos de desenvolvimento dependente, onde as desigualdades sociais são acentuadas. A construção da mentalidade da "evoluir" para refletir "pessoas/imagens", "corpos/ identidades" e dialogar em comunidade, a comunidade LGBTQ+, de um movimento social mais amplo, uma dependência estrutural, da qual o desenvolvimento e o crescimento urbano está associado a essa comunidade.

A intensificação da globalização nas últimas décadas do século XX desencadeou profundas transformações nas dinâmicas urbanas e culturais, especialmente nos centros urbanos brasileiros. A crescente mobilidade de pessoas e bens, impulsionada pelo aumento do poder de compra, gerou novas formas de sociabilidade e consumo, tensionando as tradicionais fronteiras entre o local e o global. Essa complexa interação entre o global e o local, como apontam diversos estudos, configurou um fenômeno inédito na história da humanidade, caracterizado pela coexistência de elementos cul-

turais locais e globais, e pela emergência de novas identidades híbridas.” (PARKER, 2002).

A herança da colonização portuguesa e do imperialismo britânico moldou profundamente as estruturas econômicas, sociais e políticas brasileiras, perpetuando relações de dependência com o mercado global.

A concentração de terras, a desigualdade social, a dependência de commodities e a subordinação aos interesses econômicos externos são exemplos de como o passado colonial e imperial ainda influencia o presente, essa herança histórica condiciona as possibilidades de desenvolvimento do país e as relações de poder internas, dificultando a construção de um modelo de desenvolvimento mais justo e sustentável

O lugar na cidade não é apenas um espaço físico, mas um palco onde se entrelaçam relações de poder, desenvolvimento e identidade. As características de cada lugar - sua história, cultura, infraestrutura e recursos - influenciam diretamente as oportunidades e desafios de seus habitantes.

O desenvolvimento urbano, muitas vezes, ocorre de forma desigual, privilegiando determinados locais em detrimento de outros, reproduzindo e aprofundando as disparidades sociais e econômicas. A luta pela cidade é, portanto, uma luta por lugares, onde todos possam ter acesso aos recursos e oportunidades da vida urbana.

"A 'Casa dos Ingleses' em Ourinhos simboliza a influência britânica na economia local, no início do século XX. Embora as forças dominantes na economia global tenham se modificado, com os Estados Unidos e a Europa Ocidental assumindo um papel central, a posição periférica do Brasil em relação aos centros econômicos mundiais permanece. Essa continuidade histórica evidencia a persistência de padrões de dependência e subordinação na economia brasileira.” (PARKER, 2002)

A estrutura socioeconômica brasileira, marcada pela produção de commodities e pela concentração fundiária desde a colonização, engendrou um modelo de desenvolvimento que beneficiou uma elite tradicionalmente branca e masculina.

Conforme argumenta Trevisan (2018), o controle exercido por essas elites sobre as instituições e a produção cultural contribuiu para a naturalização da homofobia e de um sexismo racializado, perpetuando as desigualdades sociais e impedindo a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A interseccionalidade entre classe, raça e gênero revela como essas formas de opressão se reforçam mutuamente, dificultando a superação das heranças coloniais e a construção de um futuro mais equitativo

O processo de industrialização brasileiro foi marcado por uma complexa relação entre a demanda interna, a política industrial e a inserção do país na economia mundial. A expansão do mer-

cado interno, impulsionada pela urbanização e pela crescente demanda por produtos manufaturados, pressionou o Estado a adotar políticas de substituição de importações.

No entanto, essa estratégia, embora tenha promovido um certo grau de industrialização, não conseguiu romper com a dependência externa, mantendo o país inserido em uma cadeia global de valor com pouca autonomia tecnológica. A análise do processo de industrialização brasileiro revela a importância de considerar os fatores históricos, políticos e econômicos que moldaram o desenvolvimento industrial do país. (PARKER, 2002).

A migração das elites rurais para os centros urbanos, a partir da segunda metade do século XX, intensificou sua influência sobre as estruturas políticas e sociais do Brasil. Com suas visões conservadoras e homofóbicas, essas elites contribuíram para a manutenção do status quo, perpetuando desigualdades sociais e discriminações.

A concentração de poder econômico e político nas mãos dessas elites, aliada à ausência de políticas públicas que promovessem a igualdade e a inclusão, dificultou a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A análise histórica desse processo revela a importância de compreender as relações de poder e as dinâmicas sociais que moldaram a urbanização brasileira.

A partir da segunda metade do século XX, os novos setores urbanos, em expansão devido à industrialização e à urbanização, e os tradicionais proprietários de terras, embora com interesses divergentes em alguns aspectos, convergiram na busca por estabilidade política e crescimento econômico.

No entanto, essa busca comum estava submetida aos interesses das elites do Norte Atlântico, que exerciam um controle significativo sobre a economia brasileira, limitando a autonomia do país e subordinando a economia brasileira aos interesses externos. Essa dinâmica revela a complexidade das relações de poder que moldaram o desenvolvimento do Brasil e a dificuldade de construir um projeto nacional autônomo. (PARKER, 2002)

O desenvolvimento do capitalismo industrial e a urbanização acelerada, a partir da segunda metade do século XX, contribuíram para a emergência de novas identidades sexuais e de gênero, desafiando a ordem social tradicional.

A construção da identidade LGBTQ+ e a disputa por espaços públicos em cidades como Ourinhos revelam as tensões entre diferentes grupos sociais e a forma como o poder é exercido e resistido. A hegemonia de um modelo masculinizado e heteronormativo, associado a um determinado modo de produção, é constantemente desafiada por aqueles que buscam construir novas formas de sociabilidade e de expressão de si. A interseccionalidade entre gênero, raça e classe torna ainda mais complexa a análise das experiências e das lutas das pessoas LGBTQ+. (BRICKELL, 2010).

Tanto a identidade gay¹⁸, quanto ao movimento LGBTQ+ de Ourinhos, as mudanças capitalista industrial proporcionou a desvalorização da família tradicional com uma unidade econômica, a transição da família como núcleo de produção para um espaço de afeto e segurança, como apontado por D'Emilio (1983), coincide com a construção de novas identidades sexuais e de gênero. Nesse contexto, os corpos LGBTQ+, ao se relacionarem e buscar reconhecimento social, desafiam as normas heteronormativas e as estruturas de poder.

As experiências de vida dessas pessoas são moldadas por fatores sociais, políticos e econômicos, como demonstram os estudos de Green (2019) e Parker (2002), que analisam como as identidades LGBTQ+ são construídas e vivenciadas em contextos específicos. (GREEN, 2019, PARKER, 2002).

A partir da construção de uma identidade cultural, a comunidade LGBTQ+ delinea seus próprios espaços, promovendo a segregação em relação à cultura dominante. Eventos como bailes de carnaval, concursos de beleza e produções teatrais ilustram como essas práticas culturais contribuem para a formação de uma identidade coletiva e para a criação de espaços de sociabilidade e resistência. A geografia queer, por sua vez, busca compreender como a sexualidade e o espaço se constituem mutuamente, analisando a produção de identidades e a construção de lugares a partir de perspectivas queer. (GREEN, 2019)

Os processos urbanos da sociedade dos fluxos expandiu as concepções de centro urbanos, misturaram-se em pequenos-médios centros, com isso a malha social e cultural assumiu a liderança na composição da modernidade ao associar-se ao mercado, assim surge o tornar-se LGBTQ+ em espaços públicos.

Essa perspectiva se reflete na reflexão da identidade LGBTQ+ em centros médios urbanos, como Ourinhos-SP e todas as manifestações de sexualidade, na geografia determina uma geografia das sexualidades, eixo de gênero e sexualidade, que tem importantes respectivas formações industriais, culturais e reflexões.

A produção do espaço LGBTQ+, em pequenos/médios centros urbanos, configura ações paralelas às sexualidades dos grandes centros urbanos e o debate LGBTQ+ como é estrutura da sociedade global, organizada em arranjos formados pelas interseccionalidades (raça, classe e gênero), cria a mobilidade urbana na composição da dominação na forma sintética da sociedade (SILVA, SILVA, 2014).

Ao migrar para grandes centros urbanos para manifestar como LGBTQ+ criou um vazio in-

¹⁸ O capitalismo e a identidade gay é um incontestável clássico da literatura LGBTQ marxista, enormemente influente nos EUA e na Europa no que diz respeito a uma compreensão unitária entre opressão LGBTQ e capitalismo; e recuperado intensamente nas últimas décadas pela nova tradição do Marxismo LGBTQ [Queer Marxism].”

ventario para cidades médias e uma reprodução estética das manifestações LGBT+, que segregadas esse "vácuo" identitários responde às ausências de espaços, que como migram para outras festividades em outras cidades, esses eventos também tem uma organicidade e representação para a agenda de costumes e cultura.

A identidade de uma sociedade pode ser modelada de organizada através da cidade e seu movimento LGBT+, julgada e entendida como um “sincretismo LGBT+”, de uma cidade modelada àquilo que Harvey na liberdade da cidade; ”eu, você, nós e eles”, (HARVEY, 2013)

O espaço do “deles” não se encontra alinhado ao direito, “o direito à cidade”¹⁹, portanto a liberdade da cidade é destinado aquilo é uma estrutura da sociedade global, organizadas em interseccionalidades (raça, classe e gênero), e muito dialogada no sistema “sexo-gênero”²⁰, que existe o direito de mudar com os desejos dos nossos corações. De acordo com Harvey (2013),

a questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustentou um dos mais preciosos de todos os direitos humanos (HARVEY, 2013, p.28)

A cidade a qual estamos desejamos, a cidade a qual “nós” construímos para “eles” organiza o direito da cidade, um debate importante para a “geografia” e “movimento LGBT+”, entre o “nós geográficos” e o “eles como movimento LGBT+” coloca a liberdade como algo destinado ao não ser considerado humano. Ainda, diz o autor (op.cit.) que,

Vivemos, na maioria, em cidades divididas, fragmentadas e tendentes ao conflito. A maneira pela qual vemos nosso mundo e a maneira pela qual definimos suas possibilidades quase sempre estão associadas ao lado da cerca onde nos encontramos. A globalização e a guinada em direção ao neoliberalismo enfatizaram, ao invés de diminuir, as desigualdades sociais. O poder de classe foi restaurado às elites ricas (HARVEY, 2013, p.28).

Como a sociedade é fragmentada e tendência ao conflito, a maneira a qual a população LGBT+ de Ourinhos possibilitou sua visibilidade no silêncio, guinada no “neoliberalismo” que propagava uma igualdade/equidade, mas proporciona uma desigualdade social mais acirrada.

Em um dígrafo, onde cada sigla é envolta ao seu universo e vivências, de fisionomia própria o movimento LGBTQ+ foi-se associado às chamadas “cidades globais”, o seu local de assentamento, que com desenvolvimento do capitalismo, as “elites financeiras e as grandes corporações” e as

¹⁹ A expressão “direito à cidade” foi originalmente cunhado pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre em 1968, ano que ficou marcado pelo potente movimento iniciado pelas juventudes engajadas na luta por direitos civis, liberação sexual, oposição ao conservadorismo, crítica à guerra no Vietnã, entre outras. Lefebvre estava sensível às vozes e aos movimentos que irrompiam nas ruas, percebendo que as cidades haviam se convertido no locus de reprodução das relações capitalistas, mas também onde a resistência poderia constituir formas de superação criativa desse modelo.

²⁰ O conceito de sistema de sexo-gênero nos remete à ideia de que há uma sexualidade biológica que sofre uma espécie de culturalização: processos em que a sexualidade biológica é transformada em produto da atividade humana.

“grandes porções de trabalhadores”, fundem uma marginalização e emprego (marginalização produção cultural e emprego pelas relações sociais geográficas quem se comunicam) (GREEN, 2000; TREVISSAN, 2019, PARKER, 1986).

A organização social e política das cidades brasileiras é oriunda dos fazendeiros, organizou a sociedade para usufruir do dinheiro, e não demonstrar um atraso. A função econômica de comércio e serviços, torna o consumo em centros com diversidades, e os impactos do não atraso de uma sociedade, herdada da lei de terras, confirmou a formação da cidade e desenvolveu a cidade global, um cenário de conflitos sociais. Assim, Harvey (2013), destaca que:

a cidade sempre foi um lugar de encontro, de diferentes e de interação criativa, um lugar onde a desordem tem seus usos e visões, formas culturais e desejos individuais concorrentes se chocam. Mas a diferença também pode resultar em intolerância e segregações, marginalidade e exclusão, quando em fervorosos confrontos. Em todo lugar encontramos diferentes noções de direitos, tão reafirmados e buscados (HARVEY, 2013, p.72).

O silêncio no discurso LGBT+, que em Ourinhos é representado pela ausência do espaço físico, demonstra essa relação dialética entre o significado e o trabalho.

O “trabalho” que é o principal limitador para a compreensão desses produtores de eventos e essa materialização social da imaginação e desejo; processos arquitetônicos, de erigir uma imaginação de materialização do solo.

A “metáfora do armário” é primordial para compreender as relações sociais que implicam no individual e coletivo. “A cidade através de nossas ações diárias e de nossos engajamentos, tanto político, intelectual quanto econômico” estagiada na interseccionalidade e na dialética, que cria circunstâncias urbanas de não acolhimento (SEDWICK, 1993; 2007, HARVEY, 2013).

A mudança de poder do neoliberalismo, abre um espaço e floresce uma imagem de sociedade descentralizada, como equidade de um planejamento de controle ou um controle dos mercados de consumo e do florescimento de uma variedade de iniciativas locais, na qual:

a criação de novos espaços urbanos comuns [commons], de uma esfera pública de participação democrática, exige desfazer a enorme onda privatizante que tem servido de mantra ao neoliberalismo destrutivo dos últimos anos. Temos de imaginar uma cidade mais inclusiva, mesmo se continuamente fracionada, baseada não apenas em uma ordenação diferente de direitos, mas em práticas político-econômicas. Direitos individualizados, tais como ser tratado com a dignidade devida a todo ser humano e as liberdades de expressão, são por demais preciosos para serem postos de lado, mas a estes devemos adicionar o direito de todos a adequadas chances de vida, direito ao suporte material elementar, à inclusão e à diferença. [...], é expandir as esferas da liberdade e dos direitos além do confinamento estreito ao qual o neoliberalismo o reduz. O direito à cidade, [...], não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito (HARVEY, 2013, p.33).

O autor (op.cit.), ainda argumenta que esses locais de encontro social, onde a participação democrática é promovida, contrastam com a abordagem privatista da cidade. O desafio das cidades

neoliberais é a criação de uma cidade inclusiva, mesmo que fragmentada, que emerge das dinâmicas políticas e econômicas urbanas, se manifestando em espaços públicos urbanos e na promoção da participação democrática para resistir à tendência de privatização do neoliberalismo (HARVEY, 2013).

O direito à cidade transcende a simples permissão de usufruir do que já foi criado. Este direito apresenta uma transformação do ambiente urbano conforme as necessidades coletivas. Esta participação ativa do movimento LGBTQ+ na construção e re- formulação do espaço urbano reflete e responde às necessidades e desejos da comunidade “reimaginada e refeita”.

Qual é o direito da cidade a um corpo LGBTQ+? A dúvida sobre a extensão do exercício de um espaço contra-hegemônico e democrático é necessária para “desfazer a onda de privatizações” que serve o neoliberalismo, que tem sido muito destrutivo nos últimos anos.

Imaginando uma cidade inclusiva, decapitando a cidade, descontraírmos a cidade, como Soja (1993) faz com a cidade de Los Angeles, uma “descrição temporal” que desafia a análise ortodoxa. Estas “outras áreas” são descritivas. Ourinhos e seus fragmentos de pontos fixos e a compactação de todo o interior de São Paulo e suas cidades médias na totalidade visível.

Os novos espaços urbanos “partilhados” darão ao espaço público o poder de participação democrática, onde a privacidade está no centro da “privatização” dos serviços, enquanto a população LGBTQ+ desenvolve a sua mobilidade urbana ou “migração queer”. Temos a ideia de cidade inclusiva, teorizada onde o imaginário da inclusão se divide em diferentes ordens de direitos, com diferentes práticas políticas e econômicas, individualizando o ser.

O conceito de liberdade, historicamente associado às liberdades individuais, deve ser ampliado para incluir o direito a um mínimo de condições de vida que permitam o pleno desenvolvimento humano. Ao contrário de um individualismo neoliberal que prioriza o mercado, a defesa de um Estado de bem-estar social garante que todos tenham acesso a direitos básicos como saúde, educação e habitação, ampliando assim as oportunidades de vida e promovendo a igualdade social.

O direito à cidade, e não como um direito de acesso condicional que existe, criando um acordo com as nossas necessidades coletivas (por assim dizer), define uma forma alternativa de ser humano, como:

o molde da atomização e da fragmentação social e se corporifica nas práticas do próprio processo de trabalho. Sendo assim, a um só tempo, o pressuposto das relações de produção e a concretização do processo de trabalho, esse arcabouço consiste na organização de um espaço-tempo contínuo, homogêneo, picado e fragmentado, tal como o que está na base do taylorismo: um espaço transregulado, segmentado e celular, no qual cada fragmento (individual) tem seu lugar e no qual cada posição, embora corresponda a um fragmento (individual), precisa apressar-se como homogênea e uniforme; e um tempo linear, sequencial, repetitivo e cumulativo, em que os vários momentos são integrados entre si e que, por sua vez, orienta-se para um produto acabado-a saber, o espaço-tempo materializado, por exce-

A atomização e a fragmentação social encontram eco nas dinâmicas dos processos de trabalho contemporâneos. A organização do trabalho, marcada pela segmentação de tarefas e pela intensificação da produção, contribui para a fragmentação do tempo e do espaço, isolando os trabalhadores em suas respectivas funções. Essa fragmentação, por sua vez, reflete e reforça a individualização crescente das experiências sociais

Ao mesmo tempo, que corresponde a um (único) segmento, que deve aparecer homogênea e unificada, linear, contínua, repetitiva e cumulativa no tempo, em que diferentes momentos se combinam entre si e cuja finalidade, por sua vez, é o produto acabado ou seja, o tempo e o espaço da excelência alcançada na produtividade desses eventos (SOJA, 1993).

A perspectiva é que os “fragmentos sociais” sejam “corporificados” na cidade, como um processo de trabalho, com isso, a evolução do tempo dialoga com o que concretiza esse trabalho. Fracionado e segregado, uma característica deste movimento social chamado LGBTQ+, desde cada sigla até sua representação, como um processo histórico, entrelaçado nos espaços com os principais pontos sociais e históricos na totalidade, daí as características das relações sociais, fusão em um processo histórico local em Ourinhos.

Assim, "fragmentação" como uma organização de tempo e espaço, acontecimentos que nasceram nesta compreensão pós-moderna de Ourinhos, com um modo de produção, onde cada indivíduo, com o seu lugar e a sua posição, responde a um fragmento. O indivíduo LGBTQ+ na sua vida privada e o indivíduo LGBTQ+ na sua vida pública, uma homogeneidade e uniformidade na composição linear, sequencial, repetitiva e cumulativa.

O “tempo-espaço” materializa-se por excelência na festividade; uma vez por mês, com os mesmos modelos de apresentação, com nomes de noites repetidos, com as mesmas atrações, com produtores que ficam muito tempo, mas raramente nos mesmos lugares públicos.

A falta de consolidação de um espaço LGBTQ+ me faz pensar geograficamente, que na dialética social dos processos de “migração queer”, que se baseia numa fase de “bem-estar social”, que visa direcionar uma análise crítica., interpretando essa materialidade do espaço, do tempo e dos processos históricos do capitalismo. (FELICIANTONIO, 2014; SOJA 1993).

O que baseia na efetivação dos direitos LGBTQ+ na cidade, e é fábrica de ausência e silêncio no discurso geográfico, de entretenimento cultural em outras cidades, criando as condições históricas para a criação política.

O direito à cidade é um campo de disputa marcado por conflitos entre diferentes visões sobre o uso e a ocupação do espaço urbano. As classes sociais dominantes, com seus interesses

econômicos e políticos, frequentemente impõem uma visão sobre a cidade que prioriza o lucro e a ordem, em detrimento das necessidades e desejos da população. A população LGBTQ+, ao reivindicar seu direito à cidade, desafia essa visão hegemônica, buscando construir espaços mais justos e inclusivos.

O direito coletivo à cidade é entendido por um conjunto de indivíduos com gênero e sexualidade, então Ourinhos, o movimento LGBTQ+ e o direito à cidade constituem um reconhecimento espacial e temporal dos direitos das pessoas LGBTQ+.

A cidade de Ourinhos apresenta-se como um tempo e espaço de exploração pelo trabalho, como forma de opressão, a população sofre com a vivência e falta de direitos de mobilidade, sofrendo com a violência do capital exposto.

Como resultado, as pessoas LGBTQ+ evitam participar de espaços públicos e criam um ambiente “privado” em casa, longe dos espaços públicos. Neste sentido, para Silva; Santos (2015), é:

[...] preciso considerar, também, que a cidade contemporânea, a partir das lutas dos sujeitos políticos LGBTQ+ e de outros movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, tem exigido o respeito e o reconhecimento da diversidade sexual em todas as dimensões da vida social. Por meio dessas lutas, a sociedade é chamada à convivência democrática para entender o direito dos indivíduos à diversidade sexual. Gays, lésbicas, transexuais e travestis saíram dos guetos e do “anonimato” urbano e ganharam as ruas. Mas isso não significou uma transformação emancipatória nos valores vigentes e/ou uma aceitação da liberdade de orientação/expressão sexual e da identidade de gênero. (SILVA; SANTOS, p. 498-516, 2015).

Deve-se, considerar que as cidades contemporâneas, fundadas nas questões políticas LGBTQ+ e nas lutas de outros movimentos sociais e partidos de esquerda, exigem respeito e reconhecimento da diversidade de gênero em todos os aspectos da vida social.

Através destas lutas, as sociedades são convidadas a coexistir democraticamente para compreender os direitos individuais à diversidade de gênero. Gays, lésbicas, transgêneros e travestis saíram dos guetos e das cidades “anônimas” e foram às ruas, mas isto não significa liberdade de mudar os valores atuais e/ou liberdade de aceitar a orientação/expressão sexual e a identidade de gênero.

Segundo os autores, vale ressaltar que além disso a nova cidade quis respeitar e destacar a diversidade das pessoas em todos os aspectos da vida social, contando com as lutas do movimento político LGBTQ+ e, de outros movimentos sociais e grupos políticos de esquerda. Devido a estas lutas, a sociedade é chamada a uma sociedade democrática para reconhecer o direito humano à diversidade humana.

LGBTQ+ saem das “anônimas” da cidade e vão para as ruas, mas isso não significa mudar os valores existentes ou aceitar a liberdade de expressão e a identidade de gênero das pessoas.

A cidade a partir da luta de classes, do quadro político sólido do lugar é conhecida pela his-

tória dos movimentos sociais e partidos políticos e de todos os aspectos da vida social, através da diferença entre a humanidade e o seu povo.

O movimento LGBTQ+ foi organizado e posicionado ao lado das mulheres como uma grande libertação dos valores sociais e da mudança e libertação. O “anonimato”, e o “silêncio” e as características da divisão sócio-demográfica representam a perspectiva LGBTQ+ da cultura pública e da individualidade.

A identidade de Ourinhos é construída a partir de um conjunto de elementos históricos, culturais e sociais. A análise do tópico 'Ourinhos: As plantações, os latifúndios, a homofobia' revela como a cidade é um espaço de encontros e conflitos, onde se cruzam diferentes culturas e experiências de vida. A sexualidade, nesse contexto, emerge como um elemento fundamental para a compreensão das dinâmicas identitárias e das relações de poder que estruturam a vida urbana.

Ao refletir toda a componente LGBTQ+ como compreensão das expressões de gênero e sexualidade chega a uma compreensão que vai além do dilema “público/privado”, de um processo político e coletivo de paisagem e cultura, que resiste e se forma num universo complexo de desigualdades sociais, gênero e sexualidade, que produz lugares e contradições presentes na problemática urbana de Ourinhos.

Quanto mais o capitalismo se desenvolve, mais se desenvolve a cidade e o seu processo de acumulação, especulação e divisões espaciais. O produtivismo intensifica os lugares de acessibilidade e com ele a necessidade de acesso para transformar a cidade em mercadoria. Produtos e consumo, classes, direito à cidade e produção de gêneros e sexualidade.

2. Devassos na cidade do coração de ouro: Ourinhos–SP

Os principais centros urbanos brasileiros, definiram uma paisagem e comportamento dos bairros LGBTQ+, da maior parada LGBTQ+ do mundo (avenida paulista), a paisagem de um privilégio na praia (posto 9, Ipanema), ou todos aqueles associados a comunidade LGBTQ+ (Bela Cintra, Oscar Freire, Largo do Arouche), lugares e memórias que foram a identidade LGBTQ+ em circunstâncias locais e econômicas, "adaptações" e formas de estruturas sociais, culturais de organização territorial, que forneceram focos em desenvolvimentos em estilo de vida, identidade, distintos e como a organização em torna da experiência de ser LGBTQ+ (TREVISSAN, 2018; PARKER, 2002).

Como a geografia privilegia importantes centros urbanos, lazer, turismo, território, paisagem e, toda a esteira de turismo nacional e internacional, de negócios a indústria de tecnologia, é enfático que o crescimento industrial se tornou intenso e intensificou salários e organizações trabalhistas.

Incentivos fiscais, tornaram especialmente para empresas nacionais e internacionais e toda a transferência de corpos, em imigrações, do desenvolvimento e principalmente a imagem (deveria da televisão no Brasil, com mesmo papel do cinema estadunidense). Como uma essencial consciência geográfica de lugar, implantada a leis e zoneamentos (PARKER, 2002).

As culturas LGBT+ floresceram, transformando-se em, um desenvolvimento de estilo e culturas, pouco percebido em suas ações geográficas mais dominantes, ocorrendo na matriz como parte do processo geral "público e privado", com bandeira e comportamentos, com essa paisagem de caráter social e cultural de regiões, as quais se colocam na cidade; restrito e conservador, os processos históricos de ourinhos, traz o silêncio para a população LGBT+, associado a valores colocado como "natural" no modo de produção e reprodução das pequenas- médias cidades.

A cultura LGBT+ nos espaços e lugares floresceu em um comando político de sociedade global, comportamentos e costumes, músicas e roupas, copiando um estilo de vida, de modernidade e prestígio como arte e cultura, atrelados a comportados de produtos industriais como suplementos alimentares e músculos, auxiliando nos processos de técnicas de espaços e formação territorial, que em produção maciça (PARKER, 2002).

Devido à industrialização, a sexualidade e o gênero ficaram cada vez mais homogênea e binária, em uma dialética de comportamento sobre o ser, um comportamento sobre as realidades sociais colocadas em pequenos-médios centros urbanos. Isso se tornou complicado, pois o assentamento em espaços, o produto, evento, "reuniões", do encarecer são características, a sexualidade dos proprietários dos meios de produção, que fomentaram a dificuldade de permanência.

Pontuou-se as diferenças na forma de ocupação e produção das territorialidades LGBTs nas áreas delimitadas para estudo, pois, cada subgrupo vivencia e percebe o espaço à sua maneira. A lógica de apropriação do espaço nessas áreas é orquestrada pelas demandas sexuais e sociais do grupo, mas também mantida pela determinação do consumo e da dinâmica econômica que essa área produz. A racionalidade do uso e ocupação do espaço pelos LGBTs, baseada nas referências identitárias dos diferentes subgrupos que o grupo comporta, também é determinada pelas condições de classe (LEITE, ZANETTI, TONIOLO, 2020, P.112).

As diferentes formas de ocupação LGBT+ no espaço da cidade, territorialidades relacionadas com subgrupos de vivências e percepções do espaço, a qual a construção coloca como sua maneira. A lógica de como o espaço é apropriado para os autores é determinada pelas dinâmicas do consumo, das demandas sexuais, uma ocupação do espaço, baseada em referência identitária do comportamento de grupo por indicação de classe.

A compreensão da transformação da especialidade vivida pela população LGBT+ de Ourinhos, produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, responsáveis por eventos mensais, direcionado ao movimento LGBT do município de Ourinhos/SP e cidades entorno, esses

eventos, desenvolvem a dinâmica da população, que mensalmente encontra-se para a socialização, para um "estado de bem-estar social", pela mazela de espaços públicos, e a falta de socialização na dinâmica sócio e política de torna-se LGBTQ+ nos espaços públicos, sua dinâmica social privada "sigilo/discreto/fora do meio", caracteriza uma composição da paisagem cultural, de formação de uma identidade de um movimento social negligenciado historicamente, nitidamente ausente do espaço público e recriminado psicologicamente no privado.

Com isso, há uma preocupação da geografia sobre gênero e sexualidade, aumento de produções, além de influenciar, o legado da geografia feminista, geografia das sexualidades, geografia queer na composição da identidade na formação geográfica.

Os eventos LGBTQ+ de Ourinhos, no interior de São Paulo constituem um importante espaço de resistência e afirmação de direitos. Ao se apropriarem do espaço público, os participantes desses eventos desafiam as normas sociais heteronormativas e constroem novas formas de sociabilidade.

A partir das periferias, esses encontros culturais contribuem para a visibilização da diversidade sexual e de gênero, fortalecendo os laços comunitários e promovendo a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, é preciso reconhecer os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQ+ no interior, como a homofobia, a discriminação e a falta de acesso a serviços e políticas públicas. A superação desses desafios exige a construção de redes de apoio e a articulação de diferentes atores sociais

Em primeiro momento, entender por onde os LGBTQ já foram em Ourinhos, uma previsão de onde esses corpos se socializam, observando as configurações dos processos de formação dos territórios e a dinâmica da paisagem de cultura pública e privada e a compreensão das cidades, que estabeleceram a relação com o movimento LGBTQ+ (político e cultural), observando os tipos de pesquisa que definem o processo de construção desses eventos.

A tática da construção da relação de poder refere-se à perpetuação geográfica de sujeitos que se colocam como se referem a contar sujeitos que possam contribuir ao conjunto. A cartografia dos eventos LGBTQ+ de Ourinhos, delimita a compreensão da cidade, que entendemos nas estratégias a compreensão do processo das cidades e como conseguiremos entender suas manifestações.

As características de cidade pequena na formação dos eventos LGBTQ+, desenvolve uma paisagem cultural na perpetuação do ser, a falta de "assento" nas dinâmicas sociais de processos agrícolas e agrários para ser LGBTQ+ e a reflexão a qual esse capítulo traz, a cidade na composição do ser LGBTQ+ e o direito a ela, a dinâmica do campo/cidade como esse comportamento se manifesta em cultura, de dinâmica de sociabilidade do ser LGBTQ+ em espaço público e a dinâmica social do ser no privado.

As cidades constituem-se num campo de investigação altamente complexo. A

sexualidade e a densidade populacional e o grau de complexidade informacional que a geografia, permeiam seus territórios, lugares e paisagens que promovem o experimento das mais variadas manifestações culturais, embora a cidade seja o foco da cultura de massa, ela apresenta-se como verdadeira manifestação da diversidade humana. A paisagem LGBTQ+ de cultura público/privada, ou seja, as experiências cotidianas vividas nas experiências que produz determinadas estruturas de sentimentos

3. Henri Lefebvre: o corpo, o direito à cidade, e as festas LGBTQ+ em Ourinhos

O legado de Lefebvre (1901-1991) desempenhou um papel central na formação de uma geografia corporificada, incluindo os conceitos de produção espacial e formação de carácter no âmbito das relações socioeconômicas. Contudo, o intelecto permite-nos construir caminhos de imaginação geográfica que situam o corpo humano numa compreensão do espaço: a relação entre poder e espaço.

A discussão surge quando a “produção do espaço” enfatiza o potencial de benefícios promocionais e geográficos, tanto pela relação entre corpos e espaços, quanto por esforços para esclarecer ações que criam inúmeras referências e suas interpretações a partir dos benefícios. O conhecimento é gerado a partir da pesquisa, do interesse e da combinação de grupos de conhecimento para posicionar sua interpretação (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2019). Tanto que a:

proposição de Lefebvre de que o espaço é produzido socialmente, vai muito além da produção econômica de mercadorias e incorpora também a reprodução das relações sociais e biológicas da produção capitalista. O espaço como produto social contém as relações sociais de reprodução (que envolvem as relações entre os sexos, entre grupos etários e específicas organizações de famílias) e as relações de produção (as formas de divisão de trabalho e a hierarquização de funções produtivas). Para ele, os dois conjuntos de relações, produção e reprodução estão intrinsecamente interligadas, dependentes uma da outra (SILVA, ORNAT, CHIMIN JR, 2019, p.65).

A afirmação, segundo os autores (op.cit.), mostra que Lefebvre afirma que o espaço é socialmente produzido e vai muito além da produção econômica de mercadorias para incluir a reprodução das relações sociais e biológicas da produção capitalista.

O espaço, como produto social, abrange relações sociais de reprodução (incluindo relações entre sexos, grupos etários e organizações familiares específicas) e relações de produção (formas de divisão do trabalho e hierarquia das funções de produção). Para ele, as duas relações de produção e reprodução estão intrinsecamente ligadas e interdependentes.

O espaço é produzido socialmente, transcende a questão das mercadorias embutidas nas relações sociobiológicas. Por isso o movimento LGBTQ+ dá a impressão de que o espaço é uma for-

ma de resistência, uma luta por lugar, o espaço situa as relações de produção à medida que visões e hierarquias de trabalho se formam na função de produção.

A produção de eventos culturais enfrenta uma série de desafios que vão além da mera organização logística. A obtenção de recursos financeiros, a contratação de artistas e a escolha do local adequado são apenas alguns dos obstáculos a serem superados.

Além disso, a produção de eventos culturais está inserida em um contexto social e político mais amplo, o que exige uma compreensão profunda das dinâmicas locais e das demandas do público. A construção de parcerias com instituições públicas e privadas, a busca por patrocínios e a mobilização da comunidade são estratégias fundamentais para garantir a sustentabilidade dos projetos culturais.

Este espaço social lefebvriano ocorre em múltiplos diálogos e inter-relações entre o poder e o que é expresso, tomado como certo e mantido pelos ditames da força bruta e das forças “secretas” não expressas. Assim, seu pensamento:

[...] alerta para as relações de poder inerentes à produção do espaço, já que para manter a norma estabelecida, é preciso policiamento constante. Para compreensão de sua proposta do espaço social ele propõe uma tríade conceitual que deve ser compreendida de forma interdependente entre si, ao mesmo tempo, que cada uma delas pode produzir espaços próprios: a prática espacial, as representações de espaço e os espaços de representação. A prática espacial é compreendida como sendo a ação das pessoas, o uso e a percepção do espaço. As representações do espaço são espaços concebidos pela lógica ligada às relações dominantes de modos de produção e à ‘ordem’ que essas relações impõem e, portanto, ao conhecimento formal e aos signos e códigos racionais, como é o caso do saber moderno relacionado aos projetos urbanísticos e a cartografia formal. Já os espaços de representação, incorporam simbolismos complexos, codificados ou não, ligados à clandestinidade e à vida social furtiva (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2019, p.66).

Com isso, os autores (op.cit.) alertam sobre as relações de poder inerentes à produção do espaço, uma vez que é necessária uma regulação constante para manter padrões fixados historicamente.

Para compreender a proposta do ambiente social, os autores propõem conceitos que devem ser compreendidos de forma interdependente e simultânea, cada um dos quais pode gerar seu próprio espaço: como práticas espaciais, representações espaciais e espaços de representação.

Essas práticas espaciais são entendidas como ações, usos e percepções do espaço e das pessoas. A representação da paisagem é formado por lógicas ligadas às relações dominantes dos modos de produção e à ordem imposta por relações e, portanto, ao conhecimento formal e aos símbolos e códigos racionais associados ao conhecimento moderno associado ao lugar.

O representacional, por significados simbólicos complexos, codificados ou não, ligados à vida social secreta e exposta. Aqui, a produção do espaço é estabelecida por normas, e esta norma é entendida e estabelecida como uma política contínua e cotidiana que concebe o espaço social como

poder, um conjunto entende que cada extremidade cria um espaço específico para ele e representa um direto ao lugar.

Essa prática social é entendida como o comportamento das pessoas que percebem/utilizam representações espaciais criadas por lógicas vinculadas a relações dominantes como produto dessa “ordem”, que contém o código dos projetos racionais em forma de cartografia. A representação do espaço representa a encarnação do simbolismo, na totalidade codificado, ligado ao segredo social que é o projeto de compressão destes acontecimentos.

Ao analisar os acontecimentos de onde estão as pessoas LGBTQ+ em Ourinhos, destaca a falta de espaço físico e a dupla dificuldade de entender como os “espaços” advém do fato de o terror/medo se propagar como consciência coletiva social urbano. (VICENTE, 2018; VICENTE, ZACHARIAS, 2022)

O Movimento social LGBTQ+ assim, apropriado do espaço pelos corpos LGBTQ+ cria a capacidade de reinventar novas formas espaciais.

A advertência de Lefebvre (1974) contra a natureza “homogênea e fragmentada” da luta pela compreensão enfatiza haver sempre tensões na luta por espaços abstratos, estejam ou não esses espaços “deprimidos, marginalizados e desaparecidos”.

Os mesmos espaços de lazer podem ser ocupados via lógicas mercadológicas e mediante a fissuras no corpo que reivindicam a capacidade do corpo de gerar práticas de uso e diferença.

O corpo humano, como objeto de estudo em diversas disciplinas, apresenta uma complexidade que transcende as dicotomias tradicionais entre sujeito e objeto., assim como na geografia, a dinâmica corpórea é marcada por uma constante tensão entre a repetição de padrões e a emergência de novas formas de expressão, porém essa repetição não é estática, mas sim um processo dialético que coexiste com a diferenciação, a cada movimento, o movimento LGBTQ+ desenvolve experiências, a qual o corpo se transforma, produzindo novas significações e possibilidades.

O espaço corporal, território paradoxal, íntimo e exterior, público e privado é o palco dessa constante produção de sentido, o corpo se constitui e se reconstitui, em um processo que envolve tanto a memória ancestral quanto as experiências individuais, em movimento. (SILVA, ORNAT, 2014)

A passagem do tempo, marcada pela progressão da infância para a velhice e pela inevitabilidade da morte, acentua essa dinâmica dialética. A velhice, como última etapa da vida, representa a culminação desse processo, uma síntese das experiências vividas e um retorno à origem. A morte, por sua vez, é a negação definitiva da individualidade, mas também a possibilidade de transcendência.

A organização temporal de eventos culturais, especialmente aqueles que abordam temas como sexualidade e gênero, revela complexas relações de poder e desigualdade social. A afirmação de Carlos Barra sobre a falta de público em determinados eventos nos convida a uma reflexão mais profunda sobre como o tempo é distribuído e como essa distribuição impacta a participação social.

A cronologia de um evento, seus horários e a duração, não são neutras. Elas refletem escolhas e decisões que priorizam determinados grupos sociais e interesses em detrimento de outros.

A concentração de eventos em determinados períodos do ano, por exemplo, pode limitar o acesso de grupos com jornadas de trabalho mais extensas ou com responsabilidades familiares mais intensas.

Além disso, a temporalidade dos eventos está intrinsecamente ligada à produção do espaço, locais escolhidos para a realização de eventos, seus custos de acesso e a infraestrutura disponível, são elementos que moldam as experiências e as possibilidades de participação e a falta de espaços públicos acessíveis e a concentração de eventos em áreas com alto poder aquisitivo reforçam as desigualdades sociais e limitam a democratização da cultura.

A falta de tempo e de espaços adequados para discutir questões relacionadas à sexualidade e ao gênero pode ter um impacto significativo na vida das pessoas, limitando suas possibilidades de expressão e de construção de identidades.

O enigma do corpo, seu segredo superficial e profundo, é sua habilidade para além de ‘sujeito e ‘objeto’ (e de sua distinção filosófica entre eles), de produzir ‘in- conscientemente’ diferenças a partir das repetições, dos gestos (lineares) e dos ritmos (cíclicos). No mal interpretado espaço do corpo, um espaço próximo e distante ao mesmo tempo, esta união paradoxal do repetitivo e diferencial – esta forma mais básica de ‘produção’ – ocorre eternamente. O segredo do corpo é dramático, pelo tempo que foi trazido à existência, embora um portador do novo, como na progressão da infância para a maturidade, também produz uma terrível e trágica repetição - na verdade, a repetição final: a velhice e a morte. Essa é a diferença suprema. (SILVA, ORNAT, CHIMIN JR, 2019, p. 71)

O mistério do corpo, da sua superfície e dos seus segredos profundos, espaços público/ privado na capacidade de transcender o “sujeito” e o “objeto” (e a distinção filosófica entre eles), “in- conscientemente” da repetição, do gesto (linearidade) e do gesto (circulação).

A Diferença no espaço incompreensível do corpo, um espaço próximo e distante, esta combinação paradoxal de repetição e diferença, esta forma mais fundamental de “produção” — ocorre para sempre.

O corpo foi notado na época em que foi criado, mas novos temas, como a transição da infância para a idade adulta, também produziram repetições horríveis e trágicas, até mesmo repetições finais: a velhice e a juventude.

O corpo como elemento da geografia, o quebra-cabeça e seu corpo “superficial/ profundo”,

“sujeito/objeto” e suas distinções geográficas combinam-se num campo definido por gestos e ritmos (lineares e circulares), em que uma interpretação do “espaço/corpo”, um espaço próximo da intimidade, mas longe do tempo, uma combinação “paradoxal”, repetida e diferente.

A produção assenta no corpo dramático no tempo, a presença do tempo é o tema da inovação e do progresso. “Da infância à idade adulta, o espaço LGBTQ+ como diálogo entre todos os corpos, desde o novo corpo ao corpo mais velho, num diálogo de gerações, demografia e épocas. O diálogo do corpo, a transformação do corpo na infância, na velhice, como compreensão do movimento LGBTQ+ no espaço, é assim que esses acontecimentos se manifestam na produção do espaço.

Corpos vivos, corpos de necessidades diferentes dos corpos abstratos. O simples fato de existir significa criação de espaço e, portanto, também de diferença. O direito de existir, em nome do direito de ser diferente, coloca o corpo no centro dos debates socio-espaciais.

Desta forma, o espaço produzido pelo corpo faz a diferença, mas a forma muitas vezes cria um espaço menos variado. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificar, amplia a abstração do espaço, criando assim o processo da vida, tal como percebemos esses espaços através da posição. O olhar dominante, forma lógica que marca o corpo, como:

[...] um dos elementos mais importantes na filosofia lefebvriana, já que é ele que produz a potência para produzir o ‘espaço diferencial’, capaz de fazer frente ao ‘espaço abstrato’, cada vez mais dominado pela tecnificação, fragmentação e homogeneização. Apesar de a geografia brasileira ter tido forte influência de Lefebvre e o corpo ser um elemento importante de sua filosofia, a corporeidade lefebvriana foi negligenciada pela interpretação geográfica brasileira. Esta afirmação se sustenta no levantamento em 90 periódicos (on-line) na área da geografia, alcançando 17.636 artigos em todos os estratos que fazem parte do Sistema Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) no triênio 2013-2015, cobrindo um período temporal de 1974 a 2013. Desse total, apenas 38 artigos mencionam o corpo como elemento de análise geográfica (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2018, p.73).

O corpo é um dos elementos mais importantes da filosofia de Lefebvre porque é aquele que produz o poder de produzir o “espaço diferente” que consegue focar no “espaço vazio” aumentando a tecnologia, a fragmentação e a integração.

Embora Lefebvre tivesse forte influência na geografia brasileira, e o corpo fosse importante em sua filosofia, o corpo de Lefebvre foi negligenciado pela interpretação da geografia brasileira.

A análise da geografia corporificar, dos fragmentos corporais e da fusão corporal no contexto da expressão cultural LGBTQ+ em Ourinhos revela a complexidade das relações entre corpo, espaço e poder.

A fragmentação corporal, muitas vezes imposta por discursos normativos e padrões de beleza, limita as possibilidades de expressão de identidades dissidentes, a fusão corporal, por sua vez, busca desafiar essas normas, criando novas formas de habitar o corpo e o espaço.

No entanto, a falta de espaços seguros e acolhedores para a expressão dessas identidades em

Ourinhos, como casas de cultura, centros comunitários e eventos específicos, restringe a possibilidade de experimentação e construção de identidades LGBTQ+.

A análise da mecânica corporal nesse contexto permite compreender como o corpo se torna um campo de batalha, onde as normas são disputadas e novas formas de subjetividade são construídas.

Essa “técnica do corpo” é colocada como uma padronização, desde os comportamentos sociais de exclusão as representações de gênero e sexualidade na composição de uma sociedade multifacetada na segregação, a interseccionalidade como técnica colocado como uma expressão do espaço, assim como fragmentos que coloca o movimento LGBTQ+ em espaços fragmentos como lugares “Travestis” e “Gays” e a dialética dos espaços.

Ao analisar o movimento LGBTQ+ em Ourinhos, nota-se uma "territorialidade" peculiar presente em todos os eventos. Os corpos, nesse contexto, organizam-se para ocupar espaços específicos, fragmentados por uma segregação socioespacial.

Essa dinâmica estabelece um diálogo constante entre os corpos e o espaço, tanto público quanto privado e a fragmentação corporal, muitas vezes imposta por padrões normativos de beleza e gênero, limita as possibilidades de expressão de identidades dissidentes. No entanto, a fusão corporal, por sua vez, busca desafiar essas normas, criando novas formas de habitar o corpo e o espaço.

A falta de espaços seguros e acolhedores para a expressão dessas identidades em Ourinhos, como casas de cultura, centros comunitários e eventos específicos, restringe a possibilidade de experimentação e construção de identidades LGBTQ+.

A necessidade coletiva da manifestação cultural coloca efeito no "objetivo deste trabalho" é entender a cidade, o direito a ela e sua evolução enquanto representação especial do conceito útil à análise dos estudos LGBTQ+, representando conceitos no espaço. Além do encontro da concepção da teoria queer e a geografia,

as ideias de Lefebvre sustentam que o espaço é resultado não apenas da produção de objetos e bens materiais, mas também de práticas sociais, conhecimento, estruturas sociais e instituições e esses aspectos foram estimulantes para a produção das geografias feministas dos anos 70 e 80 que postulavam que a produção do espaço ia além das relações meramente econômicas, mas também políticas e culturais. Além disso, as feministas também compartilharam com Lefebvre a compreensão do falocentrismo na política e no conhecimento científico que impactam nas formas com que as mulheres se apropriam, usam o espaço e como suas demandas não são consideradas importantes para o campo geográfico (SILVA, ORNAT, CHIMIN JR, 2019, p.74).

O espaço não é apenas o resultado da produção de bens e materiais, mas também o resultado de atividades sociais, conhecimentos, estruturas e organizações sociais, e estes aspectos foram forçados a produzir o lugar da mulher na década de 70 e os anos 80, disse que a criação de um espaço

para além das relações não são apenas econômicas, mas para além das relações políticas e culturais.

Esta geografia do corpo LGBTQ+ foi colocada como padrão do espaço público, assim como o comportamento de exclusão social até a forma de gênero e sexualidade na criação de uma sociedade de classe, que transfere como método a representação do lugar, e partes "comuns" em partes movimento LGBTQ+. Lugares dispersos como transistores da linguagem dos lugares e lugares, conhecendo o movimento LGBTQ+.

Essa forma física de lugar, de corpo que passa a ser um padrão, desde o comportamento de exclusão social até a forma de gênero e sexualidade na formação de uma sociedade. Separação e inclusão, dando como meio de representação sobre o local, e as características oferecidas pela comunidade LGBTQ+.

Lugares dispersos como trânsito e linguagem neutras de lugares e lugares gays, mostra essas áreas, delimitada ao movimento LGBTQ+ em Ourinhos, existindo uma “zona” em cada evento.

A geografia brasileira tem sido tensionada para que o corpo possa ser contemplado na análise geográfica. O que parece estar claro nesse conjunto de artigos é que há corpos com marcas específicas que passaram a ser foco de interesse, como mulheres, negros, homossexuais, jovens e religiosos. Os corpos então ganham importância quando essas marcas localizam os seres humanos em uma determinada estrutura de relações de poder e acabam sendo fundamentais na produção de experiências espaciais específicas. (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2019, p14.)

A geografia brasileira foi enfatizada para o corpo poder ser incluído na análise geográfica. O que fica claro neste texto é que existem corpos com signos específicos que se tornaram foco de interesse.

Os corpos passam então a ter um significado quando esses signos colocam os seres humanos em uma determinada estrutura de relações de poder e acabam sendo fundamentadas na produção de experiências espaciais específicas.

À medida que posicionamos os corpos, as estruturas e as relações posicionam as pessoas, desde estruturas que determinam as relações de poder até o estabelecimento de gastos espaciais específicos, onde:

os homens brancos, cis, heterossexuais, saudáveis e adultos são capazes de pensar livres das limitações de um corpo colocado em um tempo e lugar específicos. Este grupo tem um corpo, mas transcende esta matéria, já outros, são seus corpos. Para esses, a existência corpórea marca suas experiências espaciais e constrói um campo de possibilidades específicas para existir social e espacialmente. Na cultura ocidental, enquanto um conjunto de homens podem transcender a matéria que é apenas um recipiente para a consciência pura, o mesmo não é permitido aos sujeitos marcados pelas formas corpóreas, genitália, gestual generificado, cor da pele, condições específicas de saúde e doença e dos estágios de curso de vida como crianças, jovens e idosos (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2019, 75p.).

Com isso, são os homens brancos, civilizados, heterossexuais, saudáveis e maduros que podem pensar sem restrições físicas de um determinado tempo e lugar. Este grupo tem corpo, mas

transcende essa materialidade, e os demais são seus corpos, a existência material marca a sua experiência do espaço e construir um domínio específico de possibilidades de existência social.

Na cultura ocidental, se um grupo de pessoas consegue transcender a matéria, sendo apenas um recipiente para a consciência natural, o mesmo não acontece com um sujeito marcado pela forma do corpo, pelas genitais, pela posição de gênero, pela cor da pele, pela saúde e pela sexualidade.

Doenças e estilo de vida específico, exemplificam os espaços e incluem e excluem corpos da cidade. Na sociedade do “falocentrismo”, enfatizada por Lefebvre e compreendida por Silva, Ornat e Chimin (2019), a “racionalidade masculina” creditada como conhecimento produzido separadamente do corpo, das emoções, dos valores, das experiências passadas etc., trazendo “o corpo como elemento”.

Sob a perspectiva da geografia, especialmente na linha de pensamento de Henri Lefebvre, a compreensão da paisagem LGBT+ em cidades como Ourinhos passa pela análise da relação entre corpo, espaço e poder. A “recuperação” do corpo e do lugar, ou seja, a reapropriação de espaços e a construção de novas identidades corporais, é central nos projetos LGBT+.

Em Ourinhos, o movimento LGBT+ desenvolve diversas estratégias para ocupar e transformar a cidade, buscando criar espaços de visibilidade e de afirmação de suas identidades.

A geografia física, com seus elementos como a paisagem e a configuração urbana, desempenha um papel fundamental nesse processo. A análise da localização dos eventos, a relação entre os espaços públicos e privados e a percepção dos indivíduos sobre o espaço urbano são elementos cruciais para compreender as dinâmicas da expressão LGBT+ na cidade.

Conhecer o legado da geografia corporificada de Lefebvre, o conjunto de escritos por Silva, Ornat e Chimin e as análises dos eventos LGBT+ de Ourinhos, acontecendo um projeto de pesquisa e produção de conhecimento geográfico”, pode-se criar um estudo que reconheça os signos LGBT+. O preconceito interpreta a experiência, e a exploração transforma ciência numa força de mudança social e liberdade coletiva.

Quando pensamos no direito à cidade, além do direito de “ir e vir”, este também é um ponto importante para entender os motivos pelos quais as pessoas LGBT+ se mobilizaram no passado por direitos legais, o poder foi dado à cidade e para as cidades colocamos direitos, principalmente sociais e culturais, como o direito à qualidade de vida, à justiça e à libertação (BRITO, SOUZA; 2019).

Compreensão do “direito à cidade” a partir dos estudos de Lefebvre e do olhar da geografia crítica/dada por, o direito à cidade e sua história, debates e questões, teorias e conceitos feministas (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2019; BRITO, SOUZA; 2019).

A influência marxista de Lefebvre inclui a vida cotidiana, o espaço, o planejamento urbano,

o capitalismo, a modernidade, o físico e a moral da cidade. A sua proposta analisa “áreas urbanas do pós-guerra que sofreram grandes mudanças devido à crescente industrialização que caracteriza a sociedade moderna”.

Portanto, a cidade é um processo criado por pessoas em diferentes “atitudes e relações” com diferentes grupos, o que mostra que a cidade se tornou um produto, tem valor de comunicação e valor de uso (Brito; Souza, 2021).

Os autores afirmam que o erro da análise de Lefebvre é que o autor concentra seus comentários apenas na área geral, o que é comum em análises não extensivas, redutoras e dúbias, e ignora para um lugar especial.

Este espaço público em Lefebvre e o desprezo pelo privado serão explorados nas seções seguintes, compreender a herança do direito municipal para poder compreender o diálogo socioambiental nas cidades.

A vida privada, o direito à cidade no que concerne a moradia, é concebido com uma certa neutralidade, como se os acessos e vivências fossem universais, uma vez conquistados. Contudo, teóricas feministas têm evidenciado que mesmo o espaço privado é passível de interdições, pois, por ser uma escala indissociável das demais, o espaço doméstico é também um espaço de opressão e luta (BRITO, SOUZA, 2021, 345p.).

A privacidade, o direito da cidade, o divertimento em que está estruturado para viver no limite, assim como as experiências de entrada e pós-experiência em todo o mundo. No entanto, as teóricas feministas demonstraram que embora o espaço privado esteja sujeito às restrições porque, numa escala que não pode ser distinguida de outras, o espaço doméstico é um lugar de opressão e conflito.

A privacidade no ambiente da cidade, como lar de conforto e tranquilidade, proporciona acesso à experiência universitária pública. Contudo, as evidências feministas discutem a interação privada, a demarcação do lar/lar como lugar de opressão, reorientando a demarcação do lugar, do habitar, no debate “clássico”. “Entre o público e o privado, isto muitas vezes reforça a subjugação das mulheres.

O espaço privado e sua invisibilidade, uma castração no espaço privado e um desprezo em particular, no sentido do pertencimento interno do direito de uso, portanto, o direito de pertencimento é necessário para a obtenção de um direito pleno à cidade (BRITO, SOUZA, VALENTINE, 1993; SILVA; ORNAT, 2010, FENDER; 2005). Assim,

[...] o direito à cidade atrela-se aos direitos de participação e de uso, então, quanto maior poder de escolha as pessoas de diferentes identidades tiverem, maior será a representatividade dessas pessoas no espaço urbano e, portanto, maior será seu sentimento de pertencimento. [...] o espaço da casa é indissociável do espaço urbano e ao ignorá-lo em nossas análises, estaremos corroborando com a inviabilização de metade da população mundial,

O direito à cidade, para a população LGBTQ+ de Ourinhos, está ligado ao direito de participar e utilizá-la, portanto, quanto mais diversas pessoas tiverem direito ao voto, mais essas pessoas se sentem no espaço urbano e resultam do seu pensamento a partir daqui.

O espaço doméstico/privado não pode ser separado do espaço urbano, e ignorá-lo na nossa análise confirma a invisibilidade de metade da população mundial, dando assim poder à cidade.

Quando a teoria feminista e queer dialoga com o direito à cidade, o poder das pessoas na representação dos espaços urbanos, o espaço privado de ser LGBTQ+ como algo social urbano, provando a sua invisibilidade.

O silêncio do discurso geográfico, que apesar da existência de “estudos anglófonos” sobre homossexuais e lésbicas no contexto urbano, inclui um modo de vida, um comportamento social, um modo de cultura branca nas áreas metropolitanas.

Contudo, devemos compreender que estas relações de gênero e sexuais e as suas transições “negociam a sua passagem pelos espaços da cidade”, considerando que estes espaços são “adultos e heteronormativos”, limitando a cidade e voltando-se para o direito de compra e uso do espaço, do qual:

[...] percebe-se que espaços públicos são locais de medo e interdição para jovens lésbicas, pois elas não se sentem confortáveis em expor suas sexualidades, ao mesmo tempo que, ao exporem, são repreendidas por outrem. Assim, a autora constata que a heteronormatividade esmaga existências sexuais desviantes nos espaços. Essas mulheres não deixam de usar os espaços públicos, mas os utilizam com cautela e medo de expressarem sua sexualidade, e, em contrapartida, essas jovens também criam espaços de resistência em meio a todas estas interdições, o que demonstra uma demanda por um direito à cidade que considere a interseccionalidade de diferentes identidades e não apenas a classe social (BRITO, SOUZA, 2021, 347p.).

As autoras entendem que os espaços públicos são locais de medo e proibição para os corpos LGBTQ+, pois elas não se sentem confortáveis em expor sua sexualidade, ao mesmo tempo que, quando o fazem, são repreendidas por outras pessoas. Assim, Brito e Souza observam que a heteronormatividade esmaga existências sexualmente desviantes nos espaços.

Estes grupos não deixaram de utilizar o espaço público, mas usam-no com cautela e medo para a sexualidade. Por outro lado, esses corpos LGBTQ+ também criaram espaços de resistência em meio a todas essas proibições, o que demonstra o comprometimento estatal (público) (BRITO, SOUZA, 2021, 347p.).

Percebendo que os espaços públicos são locais de medo e proibição para a população LGBTQ+, uma vez que não se sentem confortáveis para expor sua sexualidade, ao mesmo tempo que,

quando o fazem, são repreendidos por outras pessoas, a sexualidade assim heterossexualidade compulsória²¹ no espaço público (RICH, 1993).

Portanto, as autoras veem que a “heteronormatividade” esmaga a assimilação em espaços, esses corpos não deixam de ser usados em espaços públicos, mas são usados com cautela e medo para expressar seu gênero, em contrapartida, esses corpos LGBTQ+ criam espaço.

A oposição nestes espaços apresenta uma questão de justiça na cidade que considera a intersecção de diferentes identidades, não apenas de classe social.

O “espaço público” como local de medo e proibição, não reduz a sexualidade, representa opressão. A “heteronormatividade” vive no âmbito geral, e esse comportamento da sexualidade é seu parceiro, um em suma porque o corpo feminino é inteligente, chamado de gênero, o outro a violência social do amor.

As pessoas LGBTQ+ de Ourinhos criaram assim espaços de resistências em acontecimentos, onde a construção da cidade se manifestou como uma reivindicação pelo direito à cidade e como uma troca entre diferentes tipos de comunidades e identidades.

O processo histórico dos eventos, como o mapeamento, mostrou sua origem, identidade e visibilidade, assim a conexão com os processos históricos, relaciona de como as mobilizações sociais, mesmo para o divertimento e acontecimento sociais que impactam a comunidade LGBTQ+

O movimento LGBTQ+ como ciclos e ondas, movimentos a qual ao analisar os eventos, a forma de como s’ao esporádico, cria uma relação de intensidade e mobilização. (QUINALHA, 2022)

Desde chácaras, a buffet infantil, a lugares de show, pub, casas noturnas e bares. “Da periferia ao centro” esses eventos passaram por espaços privados a qual preparam o espaço publico e foram para o virtual, que ao expandir, cria-se uma geo-localização do lugar, que ‘e privada e vinculados uma um espaço de segurança e resistência LGBTQ+ em Ourinhos, indicando a localização dos eventos, dos locais de encontro e das organizações.

Essa mobilidade de eventos, antes no anonimato, fez um translado ao centro da cidade e agora aceito no centro urbano, assim as características globais desses eventos refletem o local e a importância e dialogo com o movimento LGBTQ+, cada tipo de eventos para cada produtor de eventos, com isso, esses produtores como atores sociais da produção cultural LGBTQ+, e como produtores, dialisam com também atores sociais das instituições, empresas e poder público.

²¹ A heterossexualidade compulsória se configura como um sistema complexo de normas e crenças sociais que pressionam indivíduos a se identificarem e se comportarem como heterossexuais, mesmo que sua orientação sexual seja diferente. Essa imposição se manifesta de diversas maneiras, moldando como a sociedade compreende e valoriza as relações amorosas e sexuais.

Assim surge então, uma onda, ou ciclo do movimento LGBTQ+ em Ourinhos. Eventos produzidos, data “save the date” e características de cada tipo de eventos e sua importância para a comunidade. “Do GLS ao LGBTQ+” e a linguagem artística passam por esses eventos como música, dança, artistas e discursos, que criaram uma narrativa de discussão por espaço e visibilidade, entendendo a relação de poder que se estabelecem nesses eventos, tanto no sentido da produção como reprodução dos participantes.

As cidades e o movimento LGBTQ+ criam identidades urbanas usando o seu poder e todas as emoções que as pessoas querem sentir, por isso o espaço urbano da cidade não é uma entidade neutra ou homogênea, é composta por um espaço urbano como palco onde diferentes culturas que encontram e negociam significados, a heterossexualidade, como norma dominante, molda o espaço, mas não o define completamente, se torna invisível (BRICKELL, 2000).

Resistências e como essas pessoas modificam os espaços para seu uso, apesar das limitações. Precisamos ampliar a ideia de direito à cidade para abarcar sujeitos que fujam dos padrões normativos e nos sensibilizar com as diferentes experiências no espaço que cada indivíduo, em sua complexidade, vive. Uma alternativa para evitar a homogeneização do espaço urbano e das pessoas, é considerar o sentimento de pertencimento, a identidade. (BRITO, SOUZA, 2021, 349p.).

As restrições LGBTQ+ e as formas como as pessoas mudam o uso dos lugares, apesar dessas restrições, expandem a ideia de que as cidades têm o poder de abordar questões que transcendem as normas culturais e aumentam a complexidade das diferentes experiências de cada pessoa sobre o lugar famoso na sua vida. Uma forma de evitar misturar espaços urbanos com pessoas é considerar a sua cidadania e identidade. As “normativas” que constituem a identidade urbana definem a agenda para “ideologias heterossexistas e homofóbicas”. Toda a composição espacial ilustra a composição compensatória (BORILLO, 2013).

O sentimento de pertencimento ao local como marco/símbolo da comunidade. “Espaços proibidos para determinados assuntos” orientam seu pertencimento. Dentro destes limites, existem outros espaços e locais onde memórias emocionais e objetos íntimos podem ser guardados com segurança.

O conceito de direito à cidade evoluiu, incorporando perspectivas interdisciplinares que vão além da geografia tradicional, englobando estudos queer e feministas e ampliando a análise das relações de poder no espaço urbano.

Compreender os direitos da cidade significa compreender o panorama da vida LGBTQ+ na cultura urbana pública/privada: a teoria queer cria representações geográficas da cidade.

Ainda há um longo caminho a percorrer, estruturas sociais, representações de classe, sexualidade, raça e gênero, bem como a análise de situações, agendas e até políticas públicas, gênero e

sexualidade, conversas sobre gênero na perspectiva do direito à cidade, sexualidade/ geografia.

Neste tópico destacamos a importância de trazer para o debate o que pretendemos é uma compreensão ampla dos conceitos que envolvem o direito à cidade, e neste caso valorizamos a necessidade de explorar o conceito em diferentes áreas do conhecimento, o que demonstra até que ponto o direito à cidade é um processo multifacetado, permitindo uma interpretação e aplicação do direito, da geografia, do planejamento urbano.

Na presença de escritores das mais diversas áreas do conhecimento, aprendemos que a existência de debates sobre o direito à cidade não é ignorada no mundo acadêmico, mas que ainda há uma necessidade urgente de um trabalho que considere a aspectos de direita da cidade, continua em análise, parece mostrar que ainda há um longo caminho a percorrer.

Portanto, Brito e Souza (2021) que embora não tenham sido realizados estudos mais detalhados, é evidente que estes resultados pouco beneficiaram do conhecimento adquirido em outras áreas.

Ideias não faltam, mas ainda há obstáculos a superar, como as atuais reduções no investimento na educação. Assistimos a um verdadeiro cancelamento do ensino e da pesquisa. Portanto, os atuais objetivos de capítulo estão relacionados ao direito à cidade, insuficiente para a população LGBTQ+ de Ourinhos, uma cidade que sofre de graves desigualdades econômicas e raciais.

CAPÍTULO 3 — “DEVASSOS NA CIDADE DO CORAÇÃO DE OURO” E O CORPO COMO ELEMENTO DA PAISAGEM: A REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA PÚBLICA E PRIVADA DO SER LGBT+.

Não se incomode, o que a gente pode, pode
O que a gente não pode, explodirá
A força é bruta e a fonte da força é neutra
E de repente a gente poderá
Realce, realce
Quanto mais purpurina, melhor²²

1. Dois corpos que se juntam com a coletividade da paisagem – a geografia cultural e a teoria queer

A noção de paisagem, intrínseca à geografia, torna-se ainda mais complexa quando interseccionada com a teoria queer. A associação entre corpo, espaço e identidade, característica dos estudos de gênero e sexualidade, desafia conceitos tradicionais e exige uma abordagem geográfica para sua compreensão. Ao analisar eventos LGBT+ em Ourinhos, a relação entre lugar, tempo e movimento (ciclos e ondas) revela a produção de espaços específicos e a construção de identidades queer.

Os estudos da geografia gênero e sexualidades, em diálogo a complexidade da construção social do espaço. A teoria queer, ao associar o corpo à produção do espaço, desafia noções tradicionais de paisagem, ao analisar os eventos LGBT+ em Ourinhos demonstra como a relação entre lugar, tempo e movimento é fundamental para a produção de espaços e a afirmação de identidades.

Os eventos LGBT+, produzidos por Carlos Barra, Rodrigo modesto e Elaine Santos evidenciaram a importância de analisar a relação entre lugar, tempo e movimento na produção de espaços e identidades. A teoria queer, ao questionar as categorias tradicionais de gênero e sexualidade, contribui para uma compreensão mais complexa da paisagem e da construção social do espaço.

A não fixação do corpo LGBT+ no espaço, a alternância dos lugares, com estas diferentes formações do território, desenvolvem uma paisagem silenciosa, ausente e com saudades nas memórias que passam: das "memórias orais" dos produtores, que estabelecem a essência da geografia no poder.

Os acontecimentos estão em intervalos, “heterótopos”²³, aberturas e fechamentos de lugares e espaços, aberturas e fechamentos que formam a paisagem comportamental, implantando em restaurantes, área de diversão infantil, sala de espetáculos, bares, fazendas e repúblicas universitárias, esses eventos transcendem as relações sociais que se desenvolveram ao longo do “movimento

²² GIL, Gilberto. Realce. Los Angeles. Estúdio Transamérica (4m42s)

²³ A heterotopia é um espaço onde se vive no interior de um conjunto de relações, “como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama” (Foucault, 2009, p. 411).

tempo-lugar”. (FOUCAULT, 2009; VICENTE; ZACHARIAS, 2019)

"Movimento espaço-tempo" geográfico, movimento LGBTQ+ e "teoria queer" no contexto da cidade, discute a forma de encontro geográfico com a teoria queer e o movimento LGBTQ+, conceito semelhante ao conceito que entra na universidade e muda o movimento social e político, linguagem que quebra os “resultados”. (TREVISAN, 2018, LEOPOLDO, 2020).

O aluguel mais caro, as bebidas mais caras, drag queens em início de carreira, DJs e uma contracultura LGBTQ+ brasileira em São Paulo, inicialmente contra o sistema sexual e social, tornando-se família, tratamento público, materialização do privado e da cultura, do mapa de pensamento queer.

Portanto, é na década de 1980 que o movimento LGBTQ+ se aglutina ao movimento “Queer”, redefinindo a forma pejorativa em algo agregativo e que o uso do vocabulário social e acadêmico, já presente na sociedade anglo-saxônica, saxônica, levantou, e nos anos 90, a face do desenvolvimento econômico, enfrentam padrões sociais quotidianos (SILVA, 2009, LEOPOLDO, 2020).

A cena homofóbica, em todas as suas vertentes possíveis, tem sido fundamental para a construção social e política de um espaço, de dentro para fora, das concessões públicas às privadas, evidenciando as cores identitárias das categorias sexuais, incluindo uma resignificação de uma ressonância da dicotomia nos espaços "públicos e privados". (TREVISSAN, 2018).

Os corpos da memória são materiais e possuem formas e dimensões, que ocupam o espaço físico e constituídas pela memória e pelo processo do campo científico da geografia, porém, a amplitude inclui uma expansão material, que utiliza a geografia como corpo (escopo).

Gradualmente preservando e mostrando o corpo, recebendo a atenção que vem de uma sociedade do ambiente técnico-científico, transformou os materiais que produzem diferentes tipos de comportamento sexual (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2013).

Os objetos da memória são materiais, formas e dimensões, existem no espaço físico, criadas pela memória e pelo processo do campo científico, mas a extensão material está ligada ao território, a geografia como um corpo (território).

Ao conservar no final do século, o corpo e a atenção à sua escolha na sociedade em um ambiente tecnológico-científico, mudando o problema para criar todos os tipos de comportamento sexual, onde:

[...] o motor do desenvolvimento econômico como fonte de prazer e dor individuais. O argumento da referida autora é que, com a transformação da economia industrial para uma economia de serviços, a corporeidade do trabalhador deixou de ser força muscular para ser convertida em produto de intercâmbio. Os trabalhos corporais relacionados com o setor de serviços formam parte de processos de intercâmbio que convertem o “corpo produtor” em um “corpo desejante”, capaz de dar vazão ao consumo crescente. O ócio nas sociedades pós-industriais desenvolveu várias atividades e recursos para criar e cultivar corpos esbeltos, saudáveis e desejantes, como academias de ginástica e clínicas de medicina gên-

tica e estética, com o objetivo de adequar os corpos aos padrões desejados de cada lugar. Além disso, a relação entre a indústria de alimentos e a indústria farmacêutica, com foco em distúrbios alimentares e no sobrepeso da população, passou a ser discutida no âmbito do vínculo entre corpo e espaço (SILVA, et al., 2013, p. 88).

Como observa, Silva (2013) o motor do desenvolvimento econômico é a fonte da felicidade e do sofrimento pessoal, o argumento do autor mencionado acima é que com a transição de uma economia industrial para uma economia de serviços, a força física dos trabalhadores deixou de ser força muscular, tendo sido transformada em mercadorias de troca.

O trabalho corporal associado aos serviços faz parte de um processo de troca que transforma um “corpo de produção” num “corpo de procura” capaz de gerar um consumo crescente.

O lazer nas sociedades pós-industriais tem desenvolvido atividades e recursos para a criação e cultivo de corpos esguios, saudáveis e desejáveis, como ginásios e clínicas de medicina genética e estética, visando adequar o corpo aos padrões exigidos no mundo.

Além disso, as relações entre as indústrias alimentícia e farmacêutica, com ênfase nos transtornos alimentares e nas pessoas com excesso de peso, começam a ser discutidas no contexto das relações entre o corpo e o espaço.

A matriz/motor do desenvolvimento social e econômico beneficia do sofrimento dos indivíduos no movimento coletivo LGBTQ+. A industrialização (comércio, serviços e transportes) leva à produção de sujeitos de trabalho, sujeitos de produção e sujeitos de desejo que podem fornecer saídas de consumo.

"Travesti tipo exportação" como corpos na sociedade atual podem ser atrelados a padrões sociais de consumo, o estilo de vida nas redes sociais e eventos sociais públicos e privados a qual você frequenta.

O modo de vida e consumo LGBTQ+ dos ociosos das sociedades pós-industriais e pós-modernos desenvolveu recursos para o corpo, (esbeltos, saudáveis e desejantes) dialoga com corpos e o lugar, além da relação com a indústria (alimentos) e a sociedade (farmacológica), em uma disputa no âmbito entre espaço e corpo.

Como o corpo é um produto de intercâmbio, assim como a paisagem, a economia industrial exigirá a força muscular como intercâmbio de serviço para o acesso do corpo, com isso a identidade e a formatação dos trabalhos corporais relacionados a serviços como um processo de intercâmbio de corpo que deseja.

Esse "corpo como elemento da geografia", dá uma vazão de consumo, e como uma conformidade ao padrão social e cultural de beleza, como a dinâmica espacial de recursos de uma sociedade baseada nas relações da indústria relacionadas com o consumo de alimentos e a saúde, o estilo de vida nas relações industriais e o distribuiu, o tornar-se LGBTQ+ em espaços públicos

(SILVA, 2013).

O corpo é um elemento importante na economia de serviços como a paisagem, um produto social moldado por fatores culturais, econômicos e políticos entre o corpo e o espaço, e o complexo e dinâmica social.

As novas formas de geografia, entre o corpo e espaço foram as "feministas" e as "queer", relativamente ligadas a nova geografia cultural/fenomenológica e a herança moderna da oposição entre o corpo/mente, que constou caminhos investigativos. "A geografia do armário", "outros corpos", e o "transcendência do dualismo".

A forma de como esses corpos são constituídos e usados tem a preocupação do poder como capacidade de resistência dos corpos que envolvem as questões performáticas. A política do corpo e o como um local de refinamento, principalmente a luta em torno do direito do corpo-espaço.

O pós-estruturalismo e o pós-colonialismo têm a necessidade entender e reconhecer as diversas relações de poder corporificadas, interligadas com a sexualidade, racialidade e etnicidade.

A cultura dominante rotula os significados, colocando o outro como uma definição de corpo, as normas sociais de designação, evidenciando os espaços de dominação e a possibilidade de apropriação espacial por meios dos reconhecimentos das lutas sociais.

A relação entre corpo e espaço é central para as geografias feministas. No entanto, a história dessa disciplina revela uma tensão entre a valorização das dimensões sociais e culturais do gênero e a negação das dimensões corporais. A tradição de negar o corpo nas análises de geografias feministas esteve fundamentada na ideia da supremacia da cultura na construção dos papéis de gênero...

A tradição de negar o corpo nas análises de geografias feministas esteve fundamentada na ideia da supremacia da cultura na construção dos papéis de gênero, e o corpo era entendido até então como algo estático, biológico e essencializado. Tratava-se de uma barreira ao avanço das lutas sociais, na medida em que os argumentos sobre a inferioridade feminina em relação aos homens estiveram em grande parte sustentados pelo discurso médico e biológico a respeito das características corporais (SILVA, et al., 2013, p. 89).

A citação apresentada nos remete a um período crucial na evolução das geografias feministas, quando a questão do corpo e sua relação com o gênero foi central nos debates acadêmicos. Ao negar o corpo nas análises, as primeiras teorias feministas buscavam desconstruir as explicações biológicas e naturalizadas para as desigualdades entre homens e mulheres.

Essa abordagem, embora importante para desafiar o determinismo biológico, limitou a compreensão das experiências corporais femininas, que são moldadas tanto por fatores biológicos quanto sociais e culturais.

A visão do corpo como algo estático e essencializado, presente nas teorias médicas e

biológicas da época, reforçava a ideia de uma natureza feminina fixa e inferior. Ao negar essa visão, as feministas buscavam desconstruir os estereótipos de gênero e as hierarquias de poder que os sustentavam. No entanto, ao desconsiderar o corpo, elas também deixaram de lado uma dimensão fundamental da experiência humana e das lutas feministas.

A negação, a ausência e o silêncio no discurso geográfico, coloca o corpo como elemento da geografia, dá as bases não biológicas, mas sim ambientais, de uma luta social na barreira e como argumentos em relação à supremacia sustentada pelos “heterossexistas”, discurso, doutrinas e ideologias homofóbicas” (WOLF, 2021, BORILLO, 2013).

Doutrinas e ideologias, com a cultura “pública/privada” do espaço, a qual a geografia das normas e valores culturais visualizaram o corpo como um “produto da cultura” das relações de sexualidade e gênero.

Um produto de cultura corporal, fluido e mundano com o tempo, determina os princípios da natureza e coloca o debate de como a sociedade permitiu a negação entre o corpo, o gênero, a sexualidade e a natureza.

Abordagens mais recentes da geografia feminista integram o corpo como elemento central de análise, argumentando que o corpo é um local de produção e reprodução de desigualdades de gênero.

Como a construção da supremacia pela cultura está ligada ao sexo e à sexualidade, o corpo como obstáculo para algo estratégico para a biologia e essencial é como o gênero é construído.

No campo binário, o feminino é um pólo corpóreo e o masculino é um pólo mental, num dualismo apresentado na natureza, uma dialética entre a impermanência do corpo e a fluidez que ultrapassa as ideias metafísicas e intelectuais. A dupla relação, de oposição entre corpos, é controlada pela razão.

O corpo foi um elemento de difícil interpretação na teoria feminista porque as diferenças físicas e materiais dos corpos de mulheres e homens pareciam constituir um fato evidente e natural. A ideia de separar sexo de gênero, sendo o primeiro concebido como um atributo do corpo e, portanto, imutável, e o segundo, uma construção cultural e, assim, cambiante, gerou várias polêmicas a respeito do corpo, notadamente a sua relação com o sexo e o gênero na sociedade ocidental. (SILVA, et al., 2013, p. 91).

Constituído por evidências “naturais”, a divisão da teoria feminista, o corpo é um elemento difícil de explicar, pois as diferenças físicas e materiais entre os corpos feminino e masculino são consideradas óbvias e “fatos naturais”.

A ideia de separar o "sexo do sexo"²⁴, considerado primeiro como uma propriedade do corpo e, portanto, imutável, depois como uma construção cultural e, portanto, mutável, tem causado algumas controvérsias sobre o corpo, especialmente a sua relação com a sexualidade, o gênero social.

Corpos, sexualidade, raça e expressões culturais e sociais criticam a percepção do corpo como elemento natural. Deste ponto de vista, existe uma definição fixa. A partir de espaços sociais e corpos apropriados, ele configura as coisas com a reprodução.

O divórcio (aprender e pensar) nas sociedades ocidentais é considerado um imperativo social e um meio de separação da vida familiar e social. Tal como o gênero na compreensão de gênero e sexualidades, como é entendido no tempo e, devido à imitação comportamental, o gênero e a sexualidade são muito produzidos na cultura pública e privada.

Os estudos sobre sexualidades desafiam a noção essencialista de corpo, argumentando que a sexualidade não é determinada exclusivamente pela biologia, mas também por construções sociais e culturais. Essa perspectiva crítica questiona a dicotomia entre os sexos e as espacialidades binárias que dela decorrem. Ao problematizar a relação entre corpo, gênero e espaço, os estudos de sexualidade contribuem para uma compreensão mais complexa e fluida da experiência humana, desnaturalizando categorias como masculino/feminino, público/privado e local/global.

O campo das sexualidades construiu uma crítica em relação à concepção do corpo como um elemento dado, natural e fixo que define, por meio da forma da genitália, a sexualidade humana. A partir desta ótica, os espaços associados aos corpos "naturalmente" dotados de um sentido bipolar (masculino/feminino) reproduzem essas mesmas características de dualidade e oposição, como público/privado, sagrado/profano, produção econômica/reprodução familiar, local/global, e assim por diante (SILVA, et al., 2013, p. 91)

A citação apresenta uma crítica à visão essencialista do corpo, que o concebe como um elemento natural e imutável, determinante da sexualidade. Essa perspectiva, predominante em muitos discursos, associa o corpo a uma essência biológica, fixada pela genitália, e atribui a ele papéis sociais predefinidos.

Ao desconstruir essa visão, os estudos sobre sexualidade abrem caminho para uma análise mais complexa das relações entre corpo, gênero e espaço. A citação destaca como os espaços são moldados por essas concepções binárias de gênero, reproduzindo e reforçando desigualdades. Espaço público e privado: uma dicotomia construída é um exemplo clássico dessa construção social.

²⁴ O conceito de sistema de sexo-gênero nos remete à ideia de que há uma sexualidade biológica que sofre uma espécie de culturalização: processos em que a sexualidade biológica é transformada em produto da atividade humana. Podemos ver a abrangência deste conceito de Rubin; com ele poderíamos abordar tanto uma sociedade primitiva quanto o nosso capitalismo tardio e sua produção de sexo-gênero. Rubin aplica este conceito à ideia antropológica do parentesco — que vamos abordar mais a frente — afirmando que “um sistema de parentesco é uma imposição de fins sociais sobre uma parte do mundo natural” (Rubin, 1993, p. 10), ou seja, as formas de organização social são elaborações culturais impostas a uma parte do mundo natural. Para Rubin alguns outros nomes foram dados para este conceito como, por exemplo: 1) modo de reprodução; 2) e patriarcado. Todavia, em cada um deles encontramos determinados problemas, de modo que deveríamos deixá-los de lado em prol de uma terceira conceitualização.

Historicamente, o espaço público foi associado à masculinidade, à racionalidade e à produção, enquanto o espaço privado foi vinculado à feminilidade, à emoção e à reprodução. Essa divisão binária não é natural, mas socialmente construída e reforçada por normas e valores culturais. (SILVA, 2013)

O público/privado no sagrado e no profano, na reprodução das coisas econômicas e naturais, em sistemas polares/binários de relações de poder na dinâmica global, local e global (PARKER, 2002).

Que, ao examinar o significado dos eventos LGBT+ em Ourinhos é necessário compreender e reverter a naturalização, organizada na sociedade civil ocidental, porque os chamados nascimentos de identidade caracterizam os materiais corporificados, construídos justamente para a preservação social de privilégios e submetidos.

Assim, na composição como geografia do corpo e do espaço, num conjunto de poderes e regras de conceitos científicos com a construção de um poder não consensual, vinculado a um campo de conhecimento, constituído, institucionalizado no tempo-espaço e nas relações de poderes. Reconhecimento do espaço público e privado, marcado excepcionalmente pela vertente masculina/branca/heterossexual que substitui a visibilidade em outras áreas: O público. Dessa forma, o poder, suas representações epistemológicas de múltiplos interesses conduzem ao seu desejo único, ligado a interesses no tempo e no espaço. (BRIC- KELL, 2000)

“Teoria Queer” como o corpo tem seus efeitos, não há fixação, mas sim uma instabilidade constante, que cria disposições estratégicas construídas como futuros, a fluidez dos corpos é essencial para compreender o uso geográfico do corpo, indo além do biológico. É uma estrutura existencialista, em formas de ingredientes e variações ambientais.

A paisagem como algo que apresenta uma tensão entre os poderes e significados do espaço e da materialidade. Para compreender esta paisagem, abordaremos a “paisagem/texto”, que considera a paisagem urbana como elemento de sentido, como linguagem expressa em texto, transmissora de informações (DUNCAN, 1990).

Tal como o movimento LGBT+, é marcado por uma linguagem expressa em texto, marcada numa estrutura social, depositada na transmissão de informações, muitas vezes associada a negociações e problemas. O autor apresenta assim uma dimensão "natural" da ordem mundial, uma dimensão espacial, derivada de uma sociedade de confrontos e lutas entre grupos sociais.

Para o desenvolvimento da compressão da paisagem^{25,26}, Duncan (1990) explicou e converte em método a transformação da paisagem em texto. Interpreta as informações sobre os sujeitos que atuam no processo, o caráter político, econômico e social do recebimento e o interno da informação, em que a cultura é fator determinante no processo de compreensão.

A “Paisagem-texto” interpreta as compreensões de maneira correlativa à leitura de um texto escrito, analisando a cultura, examinando paisagens de expressões simbólicas de uma sociedade, com as relações com o ambiente, com o espaço físico (DUNCAN, 1990; SILVA, 2009).

A analogia paisagem/texto é compreendida por meio de significados e interpretações ocultas e, assim como a palavra escrita, a paisagem contém camadas de significados que ressoam por meio da interpretação.

Os elementos da paisagem podem definir o significado de uma paisagem. Espaços físicos naturais e artificiais em arranjos espaciais carregam significados culturais, históricos e sociais que limitam a observação.

Esses processos de decodificação, esses códigos interpretam frases, palavras, textos e codificam paisagens em elementos visuais e espaciais, decodificando pessoas que compartilham conhecimentos culturais, a distribuição de presença e memória na organização de espaços públicos e privados, a capacidade de expressar valores sociais.

As memórias, histórias e relatos que constituem caracterizado na paisagem, como se observa a sua construção e os seus contributos, dando origem a uma compreensão da sociedade e das mudanças estruturais que nela ocorrem.

Abreviaturas, orientação sexual, identidade de gênero e espaço público, espaço privado, diferentes pessoas interpretam e vivenciam as mesmas experiências e perspectivas culturais de diferentes maneiras.

A falta de espaço físico, no discurso geográfico de uma materialização da ideologia do poder. Aqui neste trabalho quis compreender a representação da paisagem, as influências e as forças dominantes da ideologia na compreensão da maternidade no movimento LGBTQ+ de Ourinhos.

As decisões de representação em espaços públicos, do direito de expressar o privado, de representações da paisagem que influenciam as forças dominantes da ideologia, da composição da ideologia, no centro das atenções, das representações entre o público e o privado são tomadas na

²⁵ A paisagem facilmente também se converte, por analogia, em um texto, dada sua condição de espaço que é ao mesmo tempo, produzido, contemplado, interpretado e muitas vezes consumido, necessariamente precisando da interação com um ou mais sujeitos individuais, ou coletivos para sua existência¹⁰. O mundo também é um conjunto de paisagens que modificam de significado, seja de acordo com quem está diante delas ou devido às intenções de quem as produziu. Sua produção, seu ordenamento, sua manutenção e transformação podem se converter em discurso ideológico, assim como sua reprodutibilidade nas mais diversas mídias se converter em massificação que faz com que mais pessoas sejam atingidas pelo discurso pretendido. É James Duncan quem explicita e converte em método a transformação da paisagem em texto, em *The city as text* (1990).

decisão do movimento de instalar o espaço que reflete uma hierarquia do espaço público e das relações de poder, a falta de espaço.

Reflexões, a falta de espaço físico, o centenário do município, a cartografia desses eventos, realizada por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, para entender como funciona a “paisagem/texto” que explora a interação da cultura e do meio ambiente através. Interpretações simbólicas da paisagem.

Elementos de representação, questões de gênero na paisagem, a paisagem cultural, como o ambiente através do significado simbólico da paisagem, elementos de como a paisagem LGBT se revela em palavras, frases, textos e abreviaturas. Significados culturais, históricos e sociais que incorporam como o mundo que nos rodeia é moldado (DUNCAN, 1990).

Propor o sentido das redes de relações em múltiplos significados culturais, oferecendo diferentes significados na análise da paisagem, favorecendo assim os atos de criação dos sujeitos sociais, mediante uma leitura e uma interpretação que destaque a interação dos diferentes grupos e a dificuldade de interação com a paisagem (DUNCAN, 1990).

Neste processo, o autor (op.cit.) estabelece a análise da paisagem e aborda a política da paisagem, afirmando a constitucionalidade da análise e da vida social cotidiana, organizada em relações de poder que constituem, reproduzem e contestam.

Ele destaca que o conceito de intertextualidade refere-se à interação de textos que atravessam as instituições que compõem a paisagem/texto, além da finalidade deste trabalho, que é compreender a paisagem da cultura pública e privada, uma paisagem escrita.

Compreende também as condições gerais de produção da paisagem, da cultura pública e privada, sendo hegemônicas, impondo o formato da natureza e da sociedade.

Assim, a cidade-texto [...] define-se numa dinâmica relacional e processual entre sistema de significados e práticas, que se transformam mutuamente ao longo do tempo. Os seres humanos são tanto agentes de mudança social e, portanto, espacial, quanto seus produtos. Ao considerar o aspecto da intertextualidade, [...] incorpora a construção de diferentes significados de um mesmo objeto, assim como apresenta seus contrastes e as similares, e, além disso, admite que há uma conjugação o de forças que age sobre a produção simbólica do espaço. Ao, considerada enquanto forma de conhecimento que orienta as ações cotidianas (SILVA, 2009, p.138).

O texto da cidade define-se, portanto, as relações e dinâmicas processuais entre sistemas de significados e práticas que evoluem mutuamente ao longo do tempo. Os seres humanos são agentes de mudança social e, portanto, de mudança espacial porque são produtos da mudança social.

Ao considerar o aspecto intertextual, combina a construção de diferentes significados de um mesmo objeto, bem como a apresentação de seus contrastes e semelhanças, e, além disso, reconhece a combinação de forças atuantes sobre o objeto. A produção simbólica do espaço. Ao, a qual é

considerado um tipo de conhecimento que orienta as ações cotidianas (SILVA, 2009; BRITO, 2022).

Corpos, paisagens e programas energizam, conectam e apresentam um sistema de significados, produzindo transformações no tempo e no espaço. Na sociedade, eles não são chamados de sociedade, mas são os promotores da mudança social. Quando examinamos este processo bissexual numa análise espacial, separamos o significado do mesmo objetivo (ou seja, diferenças simétricas entre grupos sociais em relação a LGBT+) em diferentes expressões em diferentes centros urbanos, bem como em cidades pequenas e médias (BRITO, 2022).

A abordagem da Nova Geografia Cultural, no discurso geográfico, assenta nos objetivos de realização espacial e na sua relação com a interpretação, explorando os seus paradoxos, a sua diversidade e a sua “desordem”, “a desordem do novo mundo”. (SILVA, 2009).

A geografia cultural e o movimento LGBT+ (aqui no município de Ourinhos) se entrelaçam de forma complexa e profunda, moldando paisagens, identidades e lutas sociais. Essa relação simbiótica se manifesta em diversas nuances, entre "Espaços" e "Identidades".

A qual a "geografia cultural" como culturas que moldam os espaços físicos e sociais e o movimento LGBT+, reivindicando espaços seguros para expressão da identidade, desafiando a heteronormatividade e construindo lugares de pertencimento.

Refletindo o “espaço” e a “identidade” do “poder” e das "desigualdades", a geografia cultural analisa as relações de poder inseridas no espaço que produzem desigualdades e conflitos, bem como o movimento LGBT que luta no espaço e luta pela igualdade de oportunidades de um lugar para outro.

O estudo da cultura manifesta-se no espaço mediante a símbolos, monumentos e paisagens, onde os encontros entre a geografia cultural e os movimentos LGBT+ contam com a arte, a performance e a percepção espacial para tornar visíveis as suas identidades e exigir representação.

Expandindo este tema, “resistência” e “mudança” relacionam-se com conexões globais como o movimento de grupos que resistem à hegemonia cultural por meio de práticas espaciais alternativas, explicando como as culturas estão interligadas e influenciadas pelos fluxos migratórios, pela tecnologia e pela globalização.

Alinha-se com a geografia do movimento LGBT+, cria espaços autônomos e contra-hegemônicos, promove a transformação social em novas realidades. Ultrapassa as fronteiras nacionais e constrói redes internacionais de apoio e ação para fortalecer a luta pelos direitos universais.

Ao compreender este “contexto global”, podemos conhecer as lutas e conquistas do movimento LGBT+ em diferentes lugares e reconhecer o seu papel fundamental na construção de uma

geografia mais equitativa, diversa e inclusiva.

As paradas do orgulho LGBTQ+ são eventos que mostram essa relação, transformando o espaço público num palco para celebrar a diversidade, afirmar a identidade e desafiar as normas sociais. Ao ocupar espaço, o movimento exige direitos e um sentido de comunidade, fortalecendo assim a sua luta por um mundo mais justo.

A geografia cultural e o movimento LGBTQ+ complementam-se para construir um mundo mais diversificado e igualitário.

Ao compreender as ligações entre eles, podemos fortalecer a luta por uma sociedade que reconheça e celebre a diversidade em todas as suas formas.

Enquanto conceitos, sobre território, espaço, paisagem, formulam e interpretam a crítica à reiterada posição da geografia como ciência humana, à crítica à disciplina acadêmica e à sua instrumentalização e à preservação do poder na invisibilidade do movimento que constitui o espaço.

A relação entre espaço, poder e identidade é um tema central nas geografias culturais, feministas e queer. Essas perspectivas teóricas destacam como a produção do espaço é um processo social e cultural, moldado por relações de poder e marcado por identidades de gênero, raça, classe e sexualidade.

As abordagens metodológicas nesse campo variam desde a análise de discursos e representações até a pesquisa etnográfica e a análise de mapas e paisagens. Ao desvelar as dimensões simbólicas e políticas dos espaços, essas perspectivas contribuem para uma compreensão mais crítica e complexa da formação das paisagens, problematizando as noções de neutralidade e objetividade espacial.

O pensamento queer emergiu como uma resposta crítica ao movimento homossexual norte-americano mais conservador, que tendia a priorizar a representação de um homem branco, homossexual e de classe média alta. Essa abordagem homogeneizante excluía a diversidade presente no movimento LGBTQ+, como pessoas não-brancas, travestis, lésbicas e transexuais.

Os teóricos queer questionam a heteronormatividade e as hierarquias sexuais, defendendo a visibilidade de todas as identidades sexuais e de gênero. Além disso, rompem com a ideia de que sexo, gênero e desejo são categorias fixas e imutáveis, propondo uma visão mais fluida e aberta das identidades, que estão em constante transformação.

O pensamento acadêmico *queer* foi desenvolvido a partir de uma contestação ao movimento social homossexual norte-americano, de caráter conservador, que privilegiava a representação do homem branco, homossexual, de classe média alta, e excluía a diversidade presente no movimento de luta pela liberdade sexual, também composto por não-brancos, travestis, lésbicas, transexuais, etc. Os pensadores *queer* comungam a ideia de que a heteronormatividade e as hierarquias sexuais precisam ser questionadas, para dar visibilidade a outras realidades, e também sustentam que não há linearidade entre sexo, gênero e desejo, já que as identidades instituídas de ilimitadas configurações entre esses elementos estão o

O pensamento acadêmico queer desenvolveu-se a partir de um desafio à natureza conservadora dos movimentos sociais gays na América do Norte, que representavam abertamente homens gays brancos de classe média e alta e excluía a diversidade existente nos movimentos de luta pela liberdade sexual. Branca, travesti, lésbica, transgênero, etc.

Os pensadores da "teoria queer" concordam que a heteronormatividade e os sistemas de classes de gênero precisam ser desafiados para as pessoas verem realidades alternativas, afirmando que não existe uma relação linear entre sexualidade, gênero e desejo, porque a identidade é definida pela afinidade entre esses elementos determinados pela configuração. Continue mudando e sempre aberto a coisas novas.

A geografia e o pensamento de pesquisa expressivo, conhecidos na academia como geografia feminista e geografia sexual, influenciaram as perspectivas queer e desenvolveram perspectivas na geografia e na pesquisa geográfica.

A partir da década de 1990, criou-se um novo campo geográfico e as representações de gênero e sexualidade na geografia tendiam a afirmar que o gênero era constituído por campos binários devido às relações complexas que construíam identidades contraditórias.

A dialética central, a dialética heterossexual/homossexual, organiza a compreensão das ações com os sujeitos do mundo. A agenda identitária exige a ordem social da forma relacional e processual da violação e o apoio do sistema, a ênfase entre sexualidade e espaço, a divulgação das disposições para a relação entre o corpo e o lugar (SILVA, 2009).

A cartografia não é fixa, o para discurso constrói o discurso mediante atos repetidos e deixa o comum "naturalizado" pela "paisagem". Gênero e sexualidade, compreendidos para além das representações de corpos binários sob a hegemonia da heteronormatividade, representados pela "performance" dos sujeitos sociais, expulsam apresentações e experiências por meio de experiências adquiridas derivadas do espaço (BUTTLER, 2003 SILVA, 2009; LEOPOLDO, 2020).

As abordagens, o conhecimento do corpo sobre este assunto ainda são um paradoxo no campo geográfico cultural e dos "teóricos queer", colocando a objetividade material no espaço e nas interpretações da produção geográfica, que emergem num novo pensamento, uma nova geografia cultural, reforçada por feminismo e pensamento "queer" para compreender a sexualidade dos espaços, o sexo como poder.

2. O encontro da geografia crítica com a teoria queer: a geografia queer.

O corpo torna-se ferramenta em uma escala micro, do lugar onde a performance ganha vida, é por isso que o estudo da performance é estritamente ligado ao "corpos e a seu lugar no espaço". O corpo, como um lugar, localizado na individualidade e na construção dos sujeitos, é implicado nas mesmas dinâmicas de poder que aquelas que definem a normatividade do espaço, separando os corpos que 'contam' daqueles que não possuem as características exigidas (BUTLER, 2009).

Mas se, por um lado, existe uma dimensão limitante da linguagem ligada à performance, a possibilidade de mudança social e política sempre devolve o valor da performance e utiliza-se para afirmar, mostrar, tornar visível ou simplesmente chamar a atenção para algo, e o caso, por exemplo, do discurso de ódio, insultos que podem ser usados distorcidamente, criativa e positivamente desviante (BUTLER, 2004; BORGHI, 2015).

A relação entre performance e espaço foi explorada na geografia anglosaxônica repetidamente. De fato, a ideia de Butler de performatividade influenciou fortemente a geografia crítica no intuito de desnaturalizar as "evidências" das práticas sociais. Performance e performatividade são ferramentas conceituais para a geografia crítica porque permitem desnaturalizar as ideias adquiridas sobre as práticas sociais. Em geografia, a performance designa um corpo em ação que produz perpetuamente uma nova realidade. (BORGHI, p.139, 2015)

Performance e performatividade são ferramentas conceituais para a geografia crítica porque permitem desnaturalizar as ideias adquiridas sobre as práticas sociais. Em geografia, a performance designa um corpo em ação que produz perpetuamente uma nova realidade.

O "giro performático" são ferramentas conceituais da geografia crítica, que permeiam a desnaturalização de ideias adquiridas sobre as práticas sociais. A performance define um corpo em ação que produz continuamente uma nova realidade, o espaço.

A relação entre performance e espaço foi explorada muitas vezes na geografia anglosaxônica, que na verdade, a ideia de performance de Butler, influenciou muito a geografia crítica para desnaturalizar a "evidência" das práticas sociais.

A "performance e o performático" são ferramentas conceituais da geografia crítica, permitem a desnaturalização de ideias adquiridas sobre as práticas sociais. A geografia designa um corpo em ação que produz perpetuamente uma nova realidade. Na geografia, a performance define um corpo em ação que produz continuamente uma nova realidade (BORGHI, 2015). Com isso,

[...] a geografia Queer é uma ramificação da geografia crítica que promove perspectivas não especialistas e pós-estruturalistas: através de uma lente relacional de sexualidade, espaço e lugar. Envolvendo-se com perspectivas emergentes na pedagogia anarquista, feminista, anticolonial e anti-racista; estes funcionam como interseções para construção de conceitualização de espaços queer e se expandir ainda mais em uma análise dos desvios de múltiplas normas sociais, sexuais e espaciais. (SOUZA, ORNAT, 2021)

Enquanto sexualidade e espaço são dedicadas a análise de questões pertinentes às sexualidades em uma lente filosófica, teórica e histórica, a geografia queer (frequentemente) enfoca questões específicas relacionadas às especiais e corpos LGBTQ+, de uma perceptiva de ciências humanas espaciais

ais do lugar (BRITO, ORNAT, 2021).

O que hoje é entendido como Teoria queer²⁶, surgiu das humanidades na década de 1990 por Teresa de Lauretis (1987), considerada a primeira a cunhar oficialmente esse termo. Daí em diante, Eve Sedgwick (1990) e Judith Butler. (1990)

A estabilidade da terminologia que designa as identidades sexuais é questionável, pois essas identidades são construções sociais e culturais, sujeitas a transformações históricas e contextuais. O uso de binarismos, como homossexual e heterossexual, é frequentemente problematizado, uma vez que limita a diversidade das experiências sexuais e de gênero.

Dentro desses debates surgiu o termo "normatividade" que abordará como as relações humanas criaram construções em torno do comportamento e reforçadas por imaginário que criam um ideal racional, de gênero e sexualidade.

A forma com que nós constituímos nossas imaginações geográficas ao longo de determinadas trajetórias acadêmicas sustenta posições conceituais e as possibilidades de questões que cada pesquisador é capaz de formular para produzir alguma compreensão sobre a realidade em que vive. Ao fazermos parte de um determinado campo científico, entramos num jogo de poder em que as teorias e conceitos legitimados criam as possibilidades de interpretar a realidade. [...] alerta que a vinculação entre os enunciados, objetos e sujeitos que articulam o poder e o saber também engendram suas possíveis resistências. As universidades, enquanto espaços disciplinares constituídos das condições políticas dos saberes, são lugares de exercício do saber/poder, mas também do questionamento dos mecanismos que estruturam a trama do discurso do saber. (SILVA, ORNAT, CHIMIN, p.14 2016)

Como solidificamos o imaginário geográfico ao longo de determinados percursos acadêmicos apoia a possibilidade de posicionamentos conceituais e a questões que cada investigador pode colocar para gerar alguma compreensão da realidade em que vive.

Quando fazemos parte de um campo científico, “combinação de conhecimento acadêmico e memória local” entrando em num jogo de poder, onde teorias e conceitos legítimos criam possibilidades de explicação da realidade, que alerta que a resistência também pode surgir das relações entre enunciados, objetos e sujeitos que expressam poder e conhecimento (FOUCAULT, 1999).

O espaço LGBT+, como espaço disciplinar constitui as condições da política do conhecimento, é um lugar de exercício de conhecimento/poder de um lugar de questionamento dos mecanismos que estruturam as estruturas discursivas do conhecimento. (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2016).

²⁶ As teorias queer são mais do que um tópico específico de gênero, ainda que não se possa descartar o papel do debate de gênero nelas. A palavra inglesa queer significa distorcido ou tortuoso e é uma oposição a outra palavra, straight (reto). Além do seu significado literal, são palavras que identificam identidades sexuais e de gênero: queer é um termo utilizado pejorativamente para ofender homossexuais ou comportamentos sexuais e de gênero considerados desviantes da normalidade (Viado! Bicha!). Enquanto straight, por sua vez, identifica também uma forma coloquial de posicionar o heterossexual. O binômio straight e queer passou a operar como duas dimensões epistemológicas, na medida em que teorias feministas utilizaram as palavras para designar modos de fazer. (MARTINEZ, 2018, p.52)

Uma das primeiras lições que tivemos referente à teoria miltoniana²⁷ é que a "irrealista e infactível análise espacial" das cidades não é homogênea, já que a classe não era a única identidade que promovia os processos reivindicatórios pela cidade.

Esses questionamentos que surgiram da zona de contato entre a nossa geografia científica e as geografias produzidas por mulheres nos anos 90 trouxeram os primeiros tensionamentos em torno da tradição epistemológica da ciência geográfica da qual fazemos parte. Afinal, eram essas mulheres, reconhecidas de suas identidades, seres não espaciais, ou eram nossas ferramentas conceituais incapazes de construir a compreensão de suas especialidades. (SILVA, ORNAT, CHIMIN, p.15, 2016).

Afinal, a realidade de uma cidade, de um campo cultivado, de uma estrada é a mesma para todos os indivíduos, a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o impulsiona a ver as coisas de um determinado ponto de vista.

Portanto, o conhecimento e a interpretação da realidade espacial não podem ser encontrados em sensações ou percepções. A base não tem substância, só através da sua produção temos conhecimento do espaço. Serão as “identidades espaciais” seres não-espaciais ou serão as nossas ferramentas conceituais incapazes de construir uma compreensão da sua identidades especializadas?

Como se constituía a compreensão da espacialidade? a desobediências epistemológicas e o “testamento intelectual”. A intelectual da geografia crítica de Milton Santos desmistifica a santa figura da “ciência isolada”, cuja capacidade intelectual produz teorias e modelos para a compreensão da realidade espacial universal. É justamente essa junção que configura o encontro de Milton Santos com a Teoria Queer, fazendo surgir a geografia queer, da qual:

[...] a geografia incorpora a noção de construção social do sexo, gênero e desejo e as relações de poder inerentes a ela, num processo de permanente tensão e movimento. Ao incorporar a performatividade como o exercício do gênero, entendido como representação social, a geografia evidencia a importância da incorporação do espaço e do tempo nas análises das experiências da vivência cotidiana e concreta e as possibilidades de subversão da própria ordem compulsória de gênero da sociedade heteronormativa (SILVA, p.43, 2010).

A geografia reconhece gênero, sexualidade e desejo como construções sociais em constante mudança e influenciadas por relações de poder. A disciplina incorpora espaço e tempo na análise da experiência cotidiana e do papel do gênero na sociedade, buscando caminhos para a sua abolição em um futuro diferente. (SILVA, 2010).

A experiência de vida no cotidiano, da geografia do cotidiano, diz que a questão corpo LGBT+ sugere três pontos elementares, a relação do corpo ao corpo, que pode envelhecer e perder

²⁷ Como a proposta de Milton Santos, em ‘Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica’ (2004, p. 191), que diz que: “Em última análise, a realidade de uma cidade, de um campo cultivado, de uma rua, é a mesma para todos os indivíduos. É a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o leva a ver as coisas sob um ângulo particular. Mas, como um resultado do trabalho humano - um artefato - o espaço guarda seu caráter objetivo durante suas próprias transformações. A base do conhecimento e da interpretação da realidade espacial não pode, pois, ser encontrada nas sensações ou na percepção. Tal base é sem substância, pois ela é falsa. Só através de sua própria produção é que o conhecimento do espaço é atingido

a sua importância, principalmente no contexto de globalização, a segunda é a individualidade e a terceira a cidadania, expressões de como a pessoa se comunica interagindo na forma de comunicação (SANTOS, 1997).

A comunicação tem sido facilitada pela forma de participar da sociedade, e como o espaço LGBT+, configurados como cidadão, um problema "cidadania completa", que trabalha o corpo, como uma mudança central. A individualidade da consciência do "min" e "eu" do corpo LGBT+, expande o conhecimento, partindo do por do lugar, a cidadania LGBT+ pública que não é revelada (COSTA, 2011).

Além disso, não está claro como o diálogo da sociedade brasileira com o movimento LGBT+. Então, o que o Brasil quer fazer com seus corpos LGBT+?

A herança miltoniana explora as complexidades da transformação urbana da geografia nova, do espaço físico, que aqui neste trabalho é expressado pelo movimento LGBT+ em Ourinhos e seus eventos, produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos.

O espaço geográfico com um conjunto de questões humanas, com a ideia de movimento. "Ciclos e Ondas"³⁵, o encontro do movimento LGBT+ brasileiro, onde diálogo o movimento. A ideia de movimento, crucial para os corpos LGBT+ e a Geografia, onde o estático, uma força que buscava estabelecer essa inércia como elemento principal se não mudar se estabelece (QUINALHA, 2021).

Embora a teoria queer tenha influenciado significativamente o movimento LGBT+, nem todos os ativistas ou membros do movimento LGBT+ adotam explicitamente a perspectiva teórica queer em suas ações e reivindicações.

A ligação de "Milton Santos", da geografia crítica com a "Teoria Queer", faz com- preender melhor o movimento LGBT+, que na paisagem público/privado traz contribui- ções da geografia crítica humana, dialogando com a teoria queer, explorando ambas as ideias, podem encontrar áreas interessantes que enriquecem a compreensão das dinâmi- cas sociais e espaciais. Nesta lógica,

[...] as teorias queer operam novas formas de pensar na produção de conhecimen- to. À Geografia, produzem movimentos de onde se possa investigar o espaço a partir dos discursos que o constituem e de como são vividos pelos sujeitos. No- ções de nação, região, fron- teira, território, paisagem – e tantos outros constructos geográficos são fundamentadas em parâmetros normativos. O aporte das teorias feministas não é só de inserir o gênero como mais um atributo na produção do espaço, mas de questionar os saberes sobre os quais essas noções foram produ- zidas. Ou seja, mais do que um tema é uma epistemologia. O femi- nismo queer, especificamente, quer desnortear e desorientar, por isso, uma teoria da des- cons- trução (MARTINEZ, p. 58, 2018).

As teorias queer introduzem perspectivas sobre a produção de conhecimento geo- gráfico. O espaço através do discurso constitui as experiências dos sujeitos. Ao questio- nar os parâmetros

normativos que sustentam conceitos geográficos como nação, região, fronteira, território e paisagem, a inclusão do gênero e da sexualidade como atributo na produção do espaço (MARTINEZ, 2018).

Em *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*, (Santos, 1986) dedica-se a uma revisão crítica da evolução da geografia e propõe novas formas contemporâneas de pensar e estudar a geografia. Por esse motivo, o autor (op.cit.) atua em diversas categorias de análise geográfica, que considera cruciais para a compreensão da “totalidade social” do espaço, incluindo estruturas, processos, funções, formas, bem como diversos temas como teoria, prática, método e tecnologia, sempre presentes na análise. O trabalho é dividido entre a crítica geográfica, a nova interdisciplinaridade e a geografia crítica (SANTOS, 1986, FÜHR, 2011).

A Geografia Crítica propõe uma nova forma de entender o espaço, indo além de uma simples descrição da superfície terrestre. Para essa corrente, o espaço não é um cenário neutro, mas um produto das relações sociais e um elemento fundamental para a reprodução da vida. Ao invés de ser visto como uma mercadoria a ser explorada, o espaço deve ser um instrumento para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A Geografia Crítica destaca que o espaço é resultado das ações humanas ao longo do tempo, mas também condiciona as ações futuras. O espaço, ou seja, as marcas deixadas pela história, como as desigualdades sociais e as contradições, são elementos-chave para compreender a dinâmica espacial e propor transformações.

Geografia Crítica e advoga pela criação de um espaço como instrumento de reprodução da vida e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem artificializado. Ele acredita no espaço enquanto um fato social sendo o produto da ação humana, mas também como fator, pois é resultado de processos passados e condição para processos futuros, por meio das rugosidades.(FURL, 2011, p. 3)

Rugosidades que são espaços de eventos, perspectivas críticas da teoria queer, ambos os campos tratam da forma como os sistemas hegemônicos – sejam eles a tradicional geografia ou às normas de gênero – moldam e restringem a vida das pessoas.

Tal como critica a forma essa tradicional geografia impõe uma homogeneidade que ignora e subordina as particularidades locais, a forma como as normas de gênero e sexuais impõem uma norma que marginaliza identidades não conformes.

A geografia crítica defende a importância de reconhecer e valorizar as práticas e saberes locais como formas de resistência à opressão global, além disso, a Teoria Queer valoriza experiências e identidades diversas e desconstrói normas que perpetua o espaço vazio da matéria. .

O espaço é visto como matéria por excelência, cuja relação tempo e espaço e a organização espacial revela, através dos períodos históricos, uma sucessão de sistemas espaciais no qual

o valor relativo de cada lugar está sempre mudando no decorrer da história. E é essa atenção à perspectiva temporal que falta às análises geográficas.(FURL, 2011, p. 4)

O espaço é considerado algo por excelência, a relação entre o tempo e o espaço e a organização do espaço revelando uma série de sistemas espaciais de períodos históricos em que o valor relativo de cada lugar sempre mudou ao longo do tempo. É esse foco na perspectiva temporal que falta na análise geográfica (SANTOS, 1987, FURL, 2011).

O espaço LGBT+ como uma entidade dinâmica, formada fundamentalmente pela interação entre tempo e espaço, circunstâncias espaciais em constante transformação, onde o valor relativo de cada lugar muda ao longo do tempo.

Esta abordagem destaca a importância de considerar a temporalidade para compreender plenamente a organização espacial; as análises geográficas contemporâneas negligenciaram essa perspectiva temporal, sugerindo uma abordagem de dinâmica espacial.

Refletir sobre a performance nos permite concentrar a atenção sobre a relação entre corpo e espaço. Isso nos permite colocar em evidência a materialidade dessa relação e as consequências sobre as transformações do espaço. Isso se mostra particularmente interessante não somente na geografia do gênero e da sexualidade, mas, também nas pesquisas sobre os movimentos sociais e sobre o uso do espaço (sobretudo urbano) no militância. (BORGHI, p.140, 2015)

A importância da performance para focar na relação entre corpo e espaço reflete a materialidade dessa interação e suas implicações nas transformações espaciais. A autora sugere que essa perspectiva é especialmente relevante nas áreas de geografia do gênero e da sexualidade, assim como nas pesquisas sobre movimentos sociais e uso do espaço urbano. (BORGHI, 2015)

Então, a geografia crítica coloca um rumo a uma geografia mais humanista, uma abordagem mais sensível às questões de gênero e sexualidade, crucial para o desenvolvimento de uma geografia. (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2016)

Com base em exemplos de gênero no conteúdo, métodos e objetivos da investigação geográfica, tentaremos mostrar como integrar as questões de corpos LGBT+ nos projetos de investigação.

A necessidade de medidas de classe social neutras em termos de gênero, são mais difíceis de resolver, gostaríamos que as fronteiras de gênero e sexualidade e depois servissem como limites para definir as desigualdades e serem apagadas (SILVA, ORNAT, CHIMIN, 2016).

No texto "O que foi, terá sido? A geografia a partir do queer", David Bell (2011), reflete sobre a trajetória das geografias da sexualidade, utilizando o emprego de metáforas para explorar as discussões sobre a geografia das sexualidades (BELL, 2011)

A direção que o campo da geografia ainda precisa avançar está ligada ao estado da produção em termos de sexualidade abrangendo várias gerações, então geografia

significa falar de corpos, de poder, de sexualidade, de amor, de desejo, e ao mesmo tempo de geografia.

A dúvida das histórias de esquecidas, de entendimento de que a geografia e teoria queer foram reajustados, trazer a prática de homens gays buscarem sexo anônimo/casual chamado de "cruising"²⁸, em espaços públicos reflete nesse pensar geográfico (TURN, 2003).

O filtro de histórias de sucesso criado por Love (2007) e o potencial significado geográfico, abre um latente do processo de recordação. Assim, a ênfase na história do passado, como "herodes" da teoria feminista, direciona as estruturas narrativas do processo generativo, o espaço público. (BELL, 2011)

A história honesta da geografia, (crítica e queer) aparece as interrupções e os retornos dos reprimidos, os fantasmas que materializam através de histórias pessoais que consideram os detalhes complicados. Promovendo o debate, revela-se os artifícios que nossas memórias nos impõem, lembrando-nos de que as histórias são muito mais complexas do que costumamos admitir.

Ourinhos, município de porte médio, reflete esses eventos LGBTQ+ que fomentam a inclusão e a diversidade, manifestações culturais e sociais, como festivais temáticos, não só celebram a diversidade, mas também impulsionam a economia local através do turismo e do comércio, que faz o corpo tornar-se LGBTQ+ referente a paisagem.

Um impacto fundamental é a introdução da teoria queer à geografia [...] teve um efeito profundo sobre formas e disciplinas de pensar e ver o mundo" - como a teoria queer sendo vista como tendo atravessado a geografia humana, alcançando ampla aceitação e sendo transformadora. A primeira omissão clara é, então, destacar - a heterossexualidade - rapidamente seguida por uma segunda: a falta de atenção às relações pessoais. Este último ponto, é claro, estabelece o cenário para o restante dos trabalhos [...] que reflete sobre como a geografia poderia abordar "intimidade", envolvendo alguns trabalhos sobre crianças e jovens. O que me interessa mais no momento é o esboço geral que ela produz nesta observação: registrando os tópicos que este trabalho tem explorado, ela fornece um prático mapa de bolso: o campo de geografia da sexualidade tem sido notavelmente centrada em indivíduos queer e seus corpos, identidades, "o armário", os processos de tornar público, as experiências de exclusão social e a reivindicações a cidadania (BELL, p. 204, 2011).

Bell (2011) discute o impacto significativo que a teoria queer teve sobre a geografia humana, argumentando que sua introdução transformou a maneira como se pensa e se observa o mundo. "teve um efeito profundo sobre formas e disciplinas".

Essa transformação é descrita como tendo uma amplitude considerável, levando à aceitação generalizada e influenciando profundamente as disciplinas relacionadas à geografia.

A teoria queer, ao questionar e desconstruir normas sexuais e de gênero, introduziu novas perspectivas dentro da geografia humana. Bell destaca que essa teoria ajudou a revelar as omissões

²⁸ Pegação ou cruising se refere ao ato de ir a um local para realizar flerte, paquera, namoro e jogos de insinuação com pessoas desconhecidas, comumente entre homens. Alguns homens heterossexuais participam da prática em busca de uma experiência distinta, mesmo que preferiram mulheres.

predominantes no campo, começando pela "heterossexualidade", norma padrão incontestada, o espaço público torna-se heterossexual.

O segundo ponto destacado por Bell (2011) é a falta de atenção às relações pessoais dentro da geografia, significativo porque a geografia, tradicionalmente, se concentrou em estruturas e espaços mais amplos, muitas vezes negligenciando as dinâmicas pessoais e íntimas que moldam as experiências humanas.

Ao trazer a teoria queer para o centro das discussões, é possível explorar como a intimidade e as relações pessoais podem ser entendidas e analisadas geograficamente.

Bell sugere que a teoria queer possibilita uma nova abordagem da geografia, especialmente em relação à intimidade e às experiências do espaço.

Essa perspectiva abre caminho para trabalhos que investigam como a geografia pode abordar aspectos da vida íntima, doméstica, algo que anteriormente não era considerado central.

A análise das experiências de indivíduos queer, suas identidades, e os processos de "sair do armário" são exemplos de tópicos que se tornaram centrais no campo da geografia das sexualidades para o espaço público. (VICENTE, ZACHARIAS, 2019)

Bell ao refletir sobre um "mapa de bolso" prático que resume as áreas exploradas pela geografia das sexualidades, inclui indivíduos queer e seus corpos, identidades, experiências de exclusão social e reivindicações de cidadania, não apenas documenta as contribuições da teoria queer, mas também delinea os principais focos e avanços da teoria queer não só ampliou o escopo da geografia, mas também introduziu uma abordagem crítica que questiona normas estabelecidas e explora a diversidade das experiências humanas. (BELL, 2011)

Ao fornecer um "mapa de bolso" das áreas centrais da geografia das sexualidades, David Bell contribui para uma compreensão mais ampla e inclusiva do campo, sublinhando a relevância contínua da teoria queer nas ciências sociais e humanas.

O outro ponto a ser debatido sobre a herança da teoria queer para a geografia, "a comunidade"

Focando em comunidades lésbicas, gays e bissexuais, especificamente em termos de consumo, a produção do espaço queer, e geografias mais específicas da "cena" parada de orgulho gay e sexo público. Então, aqui, os principais marcos são décadas, a teoria queer, e o foco nos indivíduos e comunidades (transpondo a escala intermediária de casa / família / relacionamentos. É uma comparação inter-disciplinar - a sociologia tem sido melhor em refletir sobre as relações íntimas do que a geografia, apenas de uma dividida desconfiança disciplinar de reproduzir heteronormatividade. (BELL, p. 204, 2011)

Focando nas comunidades LGBTQ+ especialmente em termos de consumo, cria a produção

do espaço queer e geografias específicas da 'cena' do orgulho e do sexo público. Os principais marcos são delineados por décadas, ondas e ciclos, a teoria queer e foco nos indivíduos e comunidades, transpondo a escala intermediária de "casa/família/ relacionamentos", o espaço privado na comparação pública em comparação interdisciplinar.

A herança sociológica para a teoria queer tem sido mais eficaz em refletir sobre as relações íntimas do que a geografia crítica, apesar de uma desconfiança disciplinar dividida de reproduzir a heteronormatividade. (BELL, 2011)

"O que a teoria queer se tornou agora que ela tem um passado?" É um modo de olhar o passado que não é ingenuamente nostálgico, mas faz questão de rememorar de forma produtiva, como forma de também olhar para frente. O que devemos fazer a geografia a partir do queer?

Lugares onde a geografia queer está se direcionando produtivamente, ou para onde ela pode se direcionar (ao mesmo tempo, fazer perguntas sobre direcionamento das direções ou as orientações das sexualidades).

Interoperabilidade, idade e criança como símbolo do futuro e colocada em oposição a quem não tem futuro. A fronteira de endurece permanece firmemente no lugar. A luta contra a fronteira como um grande desafio que as geografias da sexualidade ainda têm de enfrentar, pelo simples fato da sua adesão entusiástica às diferenças e culturas sexuais e pelo simples fato de uma despatologização e uma destruição da perversidade. (BELL, 2011)

Dada a ambivalência da disciplina sobre este binário em particular, parece especialmente produtivo tentar transgredir a dívida. Finalmente, eu considere um tema que parece continuar a promover respostas cheias de melindre: a interação entre a geografia das crianças e as geografias de sexualidade. O que isto nos diz, eu penso ser uma outra história sobre a disciplina: o tornar-se o "caso limite" que ajusta as considerações triunfarás das infinitudes da geografias sexuais e o tom auto-elogioso do balanço em relação a forma com que a disciplina lida com "corpos, forças, sexualidade, o erótico, amor, desejo, dor, prazer e geografia" - apontando os lugares que permanecem fora do mapa. (BELL, p. 212, 2011)

A geografia trata do corpo, do poder, do sexo, do erotismo, do amor, do desejo, da dor e do prazer, esta reflexão crítica demonstra que, apesar do progresso, permanecem lacunas significativas na disciplina.

As áreas não mapeadas no mapa demonstram que a geografia ainda tem um longo caminho a percorrer para abraçar plenamente a diversidade da experiência humana, desafiando-nos a repensar as fronteiras disciplinares e a procurar novas perspectivas analíticas. (BELL, 2011)

Ao superar a "oposição binária" que separa estes dois domínios (público e privado), podemos construir uma geografia mais completa e crítica, capaz de abordar as complexas relações entre poder, sexualidade e espaço.

A geografia crítica de Milton Santos e a Teoria Queer são abordagens teóricas que, embora

tenham origens e orientações diferentes, partilham um objetivo comum: desafiar e desestabilizar as estruturas.

A naturalização do espaço público como um ambiente exclusivamente heterossexual contribui para a inviabilização das pessoas LGBTQ+ e, em casos mais graves, pode legitimar a violência contra essa comunidade.

É crucial entender como essa dinâmica funciona para propor medidas que garantam a segurança e a inclusão de todos os indivíduos no espaço público. Ao analisar como as pessoas LGBTQ+ em Ourinhos, que utilizam o espaço público para expressar suas identidades, podemos identificar estratégias de resistência e visibilização, além de compreender os desafios que enfrentam.

É, portanto, necessário desenvolver as pesquisas sobre o fenômeno de afirmação da identidade LGBTQ+ através do uso do espaço público para compreender essa forma de expressão. Além disso, o crescimento dos episódios de agressão homofóbica em muitos países torna urgente uma reflexão sobre esse tema. A naturalização do espaço público como espaço heterossexual corre o risco, de fato, de legitimar a invisibilização dos sujeitos não heteronormalizados e, em casos extremos, de incitar a transformação da agressão verbal e psicológica em agressão física. (BORGHI, p.141 , 2015)

A geografia queer, ao se consolidar como campo de estudo, enriquece a geografia ao oferecer novas perspectivas para analisar as relações entre espaço, poder e sexualidade. Ao desnaturalizar as normas heteronormativas que estruturam o espaço público, a geografia queer contribui para a construção de um conhecimento mais justo e inclusivo, que reconhece a diversidade das experiências espaciais (BORGHI, 2015)

Com isso, a Geografia, responsável por analisar o espaço através do materialismo, pensa o espaço como produção/produto da ação da sociedade. O espaço é uma noção abstrata e concreta, e sua produção social revela o plano das práticas sócio-espaciais.

O processo em diferentes espaços, tendo hoje a sua base definida/limitada e reforçada pelo processo de sociais do espaço, com isso o caminho aqui apresentado indica a necessidade de ir além da dimensão "ontológica do espaço", a condição pós-moderna que não se trate de desenvolver uma nova epistemologia da geografia, mas de direcionar o conhecimento para a produção/reprodução do espaço como nível de realidade. (SOJA, 1993)

O movimento LGBTQ+ articula no tempo. Trata-se, portanto, de uma crítica na tentativa de entender a produção do espaço nos seus diversos momentos geográficos, da mesma forma que a geografia crítica procurou obter apoio da geografia queer, tanto dos movimentos populares e sociais, como as correntes radicais de pensamento, especialmente o crítico, desenvolvendo formas de como conviver mais com outras formas de pensamento geografia e suas limitações.

A existência de espaços banais e suas relações implementam a coexistência do diverso. Ao associar Milton Santos com a Teoria Queer, pensamos na territorialidade sempre suplantava as ca-

racterísticas do lugar.

A comunidade LGBTQ+ organizou a partir dessa coexistência” em locais públicos nem sempre autorizados. A rua, o bairro e a cidade caracterizam as ocupações de diversidade identidades LGBTQ+ sobretudo por grupos consumidores estimulados a convivência de comércios e serviços

No final do século XIX, o movimento LGBTQ+ passou por grandes transformações, e os locais começam a torna-se público/privado. Com um padrão de vida colocado a representação do espaço de liberalidade onde de podia agir caracterizou as fobias sociais sexuais sobretudo dentro da população.

3. Pegue seu convite e venha para a festa: as doutrinas heterossexistas e a ideologia homofóbica no espaço físico

Analisando as estruturas psicológicas da teoria queer, geografia, gênero e sexualidade, as habilidades de resiliência intelectual, este é o conhecimento revela a política do trabalho intelectual LGBTQ+. Os processos históricos da especificidade sexual humana têm-se processado de uma forma diferente de permitir o seu significado, a sexualidade facilita assim a aceitação e a negação para contribuir para o significado como motor de opressão.

“Vícios da natureza” e “violação do instituto natural” examinam o espaço público olhando para o desenvolvimento urbano e social, dos processo que ressignifica a construção da moral.

A sodomia, o adultério, a perversidade e a desgraça perpetuam a tradição teológica de construção de leis sociais personalizadas para os interesses do poder, e o poder constrói relações espaciais. (FOUCAULT, 2019, BORILLO, 2013).

A natureza então é interpretada principalmente na ordem cultural, chamada de dado científico neutro, decifrado o vício atual e interpretado como ciência, a atração sexual e emocional pelas pessoas, enfatizada principalmente em pessoas que possuem um "design" para pessoas do mesmo sexo. Afetiva e específica de gênero, com isso a produção discursiva sobre a homossexualidade, conforme apontam diversos estudos, tem sido historicamente utilizada como ferramenta de controle social e justificativa para a discriminação.

Desde a medicina e a psicanálise até a antropologia, discursos científicos foram mobilizados para patologia e marginalizar as experiências homossexuais. Essa construção discursiva, ao estabelecer uma norma heterossexual, naturaliza a homofobia e legitima práticas de exclusão e violência contra as pessoas LGBTQ+.

As doutrinas heterossexistas permitem fortalecer a dominação dos "normais" sobre os "anormais", além de ter em comum - da medicina à sexologia, passando pela psicanálise e pela antropologia - essa formidável capacidade para produzir discursos sobre a homossexualidade; aliás, tais discursos estão na origem da justificativa das políticas discriminatórias.

Vamos abordar, aqui, as principais opiniões (apresentadas em sua linguagem científica), agrupando-as em função da ideia central, articuladora de uma forma problemática de analisar o desejo pelas pessoas de seu próprio sexo. (BORILLO, 2013, p.64).

As doutrinas heterosistas permitem fortalecer o domínio do “normal” sobre o “anormal”, além de terem em comum – da medicina à sexologia, passando pela psicanálise e pela antropologia – esta formidável capacidade de produção do discurso sobre a homossexualidade; na verdade, tais discursos estão na origem da justificação de políticas discriminatórias. (BORILLO, 2013)

Aqui discutimos os principais pensamentos (apresentados em sua linguagem científica), no espaço físico, agrupando-os de acordo com a ideia central, articulando uma forma problemática de analisar o desejo das pessoas do seu gênero e sexualidade.

A força normativa do casal heterossexual resulta na homossexualidade e no "celibato", como resultado de um esforço, a partir desta configuração de homofobia antropológica. O autor afirma que a construção de “normas afetivas” afeta de alguma forma a personalidade LGBT+

Durante o debate, o Borillo (2018) configura as doutrinas, a clínica configura o discurso da reprodução, a reprodução legítima da ideia de hierarquia, no desenvolvimento social, com base na biologia, justificando a submissão ao caráter biológico e paralelamente à razão

O processo de marginalização atribui à sexualidade à posição anatômica e marginal, na “hierarquia da saúde”, que distingue a objectividade da integração numa teoria pluralista da sexualidade moral, da doença e da excentricidade.

O fascínio exercido pela abundância que a inspiração manifesta na sua ausência. A homofobia clínica, configurada no espaço, através da não reprodução, constrói a imagem subversiva, através da não monogamia, do único detentor e apego de classe não legítimo, o símbolo social sexual.

A medicina nunca poderá excluir a referência à ordem natural, à ordem moral “não natural”, e à eficiência banal, à medicina forense.

o vício se encontra na alma, enquanto para os médicos ele tem de ser procurado no corpo: a genitália, o pênis, o escroto, a ranhura bálano-prepucial, as coxas, o ânus, a boca, os dentes ... por toda parte, no físico do sodomita, é possível encontrar as marcas de sua perversão (BORILLO, 2013, p.68).

O vício está na alma, enquanto para os médicos temos que procurá-lo no corpo: nos órgãos genitais, no pênis, no escroto, no escroto, nas coxas, no ânus, na boca, nos dentes. por toda parte, no físico do sodomita, encontramos os sinais de sua perversão.

A perspectiva médica da psicanálise, freudiana, apresenta a bissexualidade original, possibilitando a abordagem da organização psíquica humana, e a heterossexualidade continua sendo uma referência funcional na análise de outras sexualidades.

O autor considerava a homossexualidade uma evolução “atrasada”, um crime e um pecado em si, uma doença, uma patologia, obcecado pelo narcisismo do erro da ideia de perda dos órgãos genitais (castração) e do social e cultural complexo

Para Lacan, o caráter perverso fundamental da homossexualidade é um pretexto para preservar-se celebrando-se como algo perverso (BORILLO, 2013).

A psicanálise visualiza como uma ideologia, originária da família, da semelhança com o poder e o desejo das pessoas, conecta todas as realidades sociais relacionadas ao conceito, explicando as formas e modalidades de visualização no espaço,

A sexualidade humana é um construto social complexo, sujeito a diversas influências culturais e históricas. Se por um lado é legítimo questionar as raízes de nossos desejos, por outro, a tentativa de explicar e justificar a homossexualidade, em detrimento de outras orientações, revela uma visão normativa e hierarquizada da sexualidade (BORILLO, 2013)

Se pode parecer legítimo questionar-nos sobre nossos próprios desejos ou procurar conhecer as razões que condicionam nossas preferências sexuais, a problematização de um tipo de desejo, em detrimento de todos os outros, pressupõe que os únicos seres a serem considerados "normais" sejam aqueles que amam as pessoas do sexo oposto, além de terem a mesma cor de pele, a mesma idade, serem oriundas do mesmo meio social, praticarem a mesma religião e pertencerem a uma cultura comum. Na realidade, esse pressuposto não possui qualquer apoio racional, mas baseia-se em um postulado arbitrário que consiste em acreditar na superioridade das tendências heterossexuais e na *doxa* etnocêntrica segundo a qual é preferível permanecer entre pessoas do mesmo meio, em vez de expor-se às diferenças, sejam elas sexuais, culturais, sociais, de geração e/ou políticas. (BORILLO, 2013 p.71)

Se pode parecer legítimo questionar os seus desejos ou procurar conhecer as razões que condicionam as nossas preferências sexuais, problematizar um tipo de desejo, em detrimento de todos os outros, pressupõe que o único ser deve ser considerado “normal”. São aqueles que gostam de pessoas do sexo oposto, além de terem a mesma cor de pele, a mesma idade, a mesma origem social, praticarem a mesma religião e pertencerem a uma cultura comum.

Na realidade, esta hipótese não tem suporte racional, mas baseia-se num postulado arbitrário, que consiste na crença na superioridade das tendências heterossexuais e na *doxa* etnocêntrica, segundo a qual é preferível permanecer entre pessoas do mesmo ambiente. do que expor-se às diferenças, sejam elas sexuais, culturais, sociais, geracionais e/ou políticas. (WOLF, 2021)

O pluralismo é um valor nas democracias modernas que fundamenta e confronta o problema das fontes de referência. Excluído da esfera pública por juízes morais por razões legítimas.

Uma base legítima para o pluralismo do julgamento moral. Assim como o senso comum homofóbico, o espaço definido na literatura como homofobia clínica estabeleceu uma naturalização da constituição sexual baseada na reprodução, posteriormente estabelecida como uma patologia não física, mas mental.

Caminhos de opressão transformam o espaço, representando a composição social, ambiental e biológica do silêncio que, em Ourinhos, se manifesta na falta de espaço físico para o movimento LGBTQ+ neste século.

Como argumenta o autor, a “homofobia clínica” reflete questões relacionadas com a biologia cromossômica não reprodutiva das identidades LGBTQ+, mas basear-se nestas doutrinas requer perspectivas culturais adicionais.

O diálogo entre a “homofobia antropológica” e o darwinismo social é uma falsificação da cultura da interpretação sexual. As hierarquias de gênero baseadas no discurso, a noção de o que é considerado 'normal' sexualmente é construída socialmente e varia ao longo do tempo e entre diferentes culturas. Práticas sexuais que eram aceitas em sociedades 'primitivas' podem ser criminalizadas ou estigmatizadas em sociedades 'modernas'.

A sociedade primitiva aceitava práticas sexuais que a civilização considera como contrárias à ordem moral e jurídica. Ao prazer sem freios dos selvagens, a sociedade vitoriana (que o autor considera como a civilização mais avançada) opõe a ordem das relações sexuais humanas fundadas no amor heterossexual monogâmico; por conseguinte, qualquer outra forma de sexualidade - e, em particular, a homossexualidade - é considerada uma regressão a um estágio inferior da evolução e, nesse sentido, um perigo para a própria civilização. (BORILLO, 2013, p.73)

As sociedades primitivas aceitavam comportamentos sexuais que a civilização considerava contrários à ordem moral e legal. Para deleite dos selvagens, a sociedade vitoriana (que o autor considera a civilização mais avançada) rejeitou a ordem heterossexual das relações sexuais humanas baseada na monogamia; portanto, qualquer outra forma de comportamento sexual – especialmente a homossexualidade – era considerada regressão; num estágio inferior de evolução e, neste sentido, um perigo para a própria civilização.

A distinção entre os sexos como fato universal muda a instituição do sexo. A afirmação fixa da “vida privada” do indivíduo define o gênero como um dado universal, definindo assim o regime da sexualidade. Global, integrado em todas as formas de ordem de gênero.

Por outro lado, se transcende a liberdade do indivíduo e cai para o coletivo, então o reconhecimento político e jurídico das barreiras fronteiriças assemelha-se a um poder doutrinal e ideológico, tratando a ideologia como algo antropológico, o que coloca em risco questões médicas e jurídicas. Pela sobrevivência da civilização.

As exigências da teoria queer e do movimento LGBTQ+ minam a necessidade da diferença para a sobrevivência doutrinária e ideológica.

Ao mesmo tempo, a homofobia antropológica faz da sexualidade não apenas uma caracterís-

tica do indivíduo, mas também uma materialização da relação com os outros, uma representação do indivíduo, e um “texto paisagem”, uma função das características individuais, e a dicotomia é. características individuais, realizadas nas relações entre si, e não em simples papéis ou características individuais, a dicotomia é um mecanismo no qual situações sociais definidas contribuem para a reprodução de estruturas sociais.(BO- RILLO, 2013; DUNCAN, 1990)

As respostas antropológicas à igualdade de direitos apoiaram o movimento LGBTQ+ como um movimento político social e a teoria queer como um movimento acadêmico que restaurou a ordem moral e social da sexualidade e legitimou a inferioridade.

Os debates clínicos e antropológicos levam à consciência da não reprodução e da imortalidade do espaço físico, do darwinismo social, da hierarquia e da separação, mostrando a organização da existência privada do movimento LGBTQ+, onde a supremacia reprodutiva norteia o direito privado nas pequenas cidades. centros de debate clínico e antropológico.

Contudo, num contexto de homofobia liberal e burocrática, a mudança LGBTQ+ nos sectores público e privado começou a ser expressa através da acção social nos espaços. Interior/ exterior, exterior/interior, público/privado.

A homofobia liberal significa que a privacidade não pode ser definida como uma fonte de direitos; para o autor, o liberalismo é a garantia da liberdade individual, visando declarar e efetivar direitos por meio de ações públicas, consideradas como expressão da privacidade.

O comportamento de Sodoma foi criminalizado durante a Revolução Francesa, num contexto em que o Estado não queria interferir na esfera privada, mas o facto de o crime de sodomia ter sido reprimido não impediu os juizes de continuarem a punir actos eróticos entre membros do mesmo sociedade; sexo (BORILLO, 2013)

A concepção dupla do panorama LGBTQ+ da cultura pública e privada considera que a sua essência é semelhante às visões políticas e religiosas e às sensibilidades intelectuais e o Estado tem a obrigação de garantir o direito fundamental à privacidade de todos os indivíduos, resguardando suas escolhas e intimidade.

[...] o Estado deve simplesmente assegurar o respeito por suas vidas privadas no sentido estrito do termo, ou seja, garantir o respeito da esfera íntima do indivíduo; no entanto, além dessa esfera, não se deve, em nenhuma hipótese, ceder às reivindicações de igualdade. Baseada na dicotomia vida privada/vida pública, a homofobia liberal remete a homossexualidade a uma escolha de vida privada, círculo íntimo em que toda intervenção externa é condenável (é por essa razão que os liberais são a favor da descriminalização da homossexualidade), mas, igualmente, a partir do qual é proscrita qualquer outra reivindicação além do respeito pela intimidade (BORILLO, 2013, p.76).

O Estado deve garantir o respeito pela vida privada em sentido absoluto, ou seja, a vida privada do indivíduo; porém, além disso, é proibido em qualquer circunstância ceder às exigências da igualdade.

Com base na dicotomia vida privada/vida pública, a homofobia liberal considera a homossexualidade como uma escolha na vida privada, um círculo íntimo no qual qualquer interferência externa deve ser condenada (daí os liberais a favor da descriminalização da homossexualidade), mas, novamente, qualquer declaração que não seja o respeito por razões de confidencialidade proibido.

A distinção entre tolerância e ordem é um reconhecimento. O autor reflete a doutrina que estamos discutindo agora. O comportamento íntimo é agora tolerado e o comportamento sexual tem direitos. A vida privada, porém, é silenciada e separada da pública, que organiza uma hierarquia sexual que examina e modifica todos os aspectos do sigilo.

Quando discutimos estes processos sociais, a revelação da privacidade continua a ser o contexto e as condições do espaço, e o liberalismo visa garantir o respeito pela privacidade e pela expressão cultural privada e tratá-las como uma garantia.

A luta por igualdade de direitos para a comunidade LGBTQ+ revela as nuances da relação entre liberdade e direito, Borillo (2013), que se segue demonstra como a ideologia liberal, ao garantir a liberdade homossexual, cria uma falsa equivalência, uma vez que restringe os direitos de casais homoafetivos em comparação com os casais heterossexuais

[...] o aspecto em que a liberdade se diferencia do direito é o seguinte: ela não implica qualquer dever em contrapartida. Enquanto não há direito sem obrigação, a liberdade exige apenas o respeito por sua manifestação. É assim que, para a ideologia liberal, o Estado deve simplesmente garantir o exercício da liberdade homossexual, exclusivamente nos limites da intimidade; em compensação, tratando-se dos indivíduos heterossexuais, sua vida íntima - em particular, a vida de casal e de família - supera amplamente a esfera privada, obtendo o reconhecimento e a proteção específica do próprio Estado, que assume o dever de sua garantia. Enquanto os casais heterossexuais tornam-se verdadeiros beneficiários dos direitos conjugais, sociais, patrimoniais, sucessórios, extrapatrimoniais, familiares ..., as uniões entre pessoas do mesmo sexo são convidadas a permanecer na discrição de sua intimidade. (BORILLO, 2013, p.72)

A diferença entre liberdade e lei é que não há obrigação de reciprocidade. Se não existem direitos sem deveres, a liberdade apenas exige respeito pela sua expressão.

Assim, para a ideologia liberal, o Estado deve garantir a realização da liberdade homossexual apenas no âmbito da intimidade; por outro lado, para os heterossexuais, a sua vida íntima, parti-

cularmente a vida conjugal e familiar, vai muito além da esfera privada e é especificamente reconhecida e protegida pelo próprio Estado, que tem a responsabilidade de assegurá-la.

Embora os casais heterossexuais se tornem os verdadeiros beneficiários dos direitos matrimoniais, sociais, económicos, sucessórios, não financeiros, familiares, etc., as uniões entre pessoas do mesmo sexo são sempre convidadas a manter a discrição da intimidade.

A diferença entre liberdade e estados de ser é o ponto de partida dos direitos aos quais estão subordinadas doutrinas e ideologias. Embora a liberdade exija expressão, na ideologia liberal o Estado restringe a liberdade, compensa as pessoas sociais e sexuais e exclui-as da vida íntima. A esfera privada tornou-se esfera pública. Descrições corrigidas dos direitos matrimoniais, uniões estáveis e relacionamentos íntimos.

O autor destaca ainda que como o fundamento da liberdade é “liberdade e justiça”, as obrigações legais tornaram-se algo paralelo e implícito na ideologia liberal. O Estado só tem que garantir a realização da liberdade, mas não tem que garantir a liberdade. Por outro lado, o Estado reconhece e protege as “uniões heterossexuais” e concede-lhes direitos matrimoniais, direitos sociais, direitos de propriedade, direitos de herança, direitos não monetários e direitos familiares.

Os autores afirmam que esse tratamento garante os mesmos direitos às cidades LGBTQ+. A relação entre liberdade e direito reflete os interesses das relações sociais utilizadas para o discurso.

Quando olhamos para a dinâmica social de incentivo à privacidade, justifica-se a proibição e o isolamento. Para quem não gosta dos espaços físicos que foram instalados em Ourinhos, na última década do último século

O poder de escolher a data, mas a maior parte da obra, as opções independentes, as relações que se tornaram diferentes, a política de dois pesos e duas medidas da atividade sexual Socialismo, segundo o autor, é um termo especial para a homofobia liberal.

É aqui que terminam as doutrinas heterossexistas e a ideologia homofóbica, como diz o autor; Clínico, antropológico, liberal, finalmente burocrático. Este último também se configura como “stalinismo”. Habitados à homofobia clínica, os médicos da viragem do século descobriram a popularidade dos degenerados sexuais e, com eles, dos porta-vozes do movimento operário na sociedade capitalista burguesa.

A ideologia homofóbica conseguiu escapar da doxa homofóbica (conjunto de crimes presentes na sociedade russa, a perda de direitos civis, além da deportação para a Sibéria).

A “pederastia” apanhou os estados, em todas as estruturas estatais. A não compulsão ao pagamento do imposto aos órgãos colocou o diálogo não só na Rússia comunista, mas na Alemanha, manifestações e transformações, configuradas como “direito à estupidez” (BORILLO, 2013).

Além da concepção hegeliana, a desintegração moral grega dos homens, a pederastia, já está presente no desenho da família, do Estado e da propriedade privada. A ideologia comunista naquela época era tratada como um fenômeno político. A decomposição moral como fenômeno político configurado no sistema capitalista não constitui uma sociedade com manifestações saudáveis, como a versão stalinista.

Os comportamentos sociais e culturais destinados a manter a ordem moral e social configuraram a ordem moral e social e, por sua vez, o comunismo trouxe à luz uma ordem moral social individual: a vontade privada, que, no decorrer do processo histórico, foi configurado. na forma de crimes. e segregação.

A perseguição stalinista foi algo destruído na Revolução, que os bolcheviques perderam como campanha política pelo poder. A política soviética na década de 1920 afastou-se da condenação moral marxista do aumento da homossexualidade.

Descrita como uma alienação da atração sexual e moral, a posição virtuosa deixou essa abordagem como crime.

A representação ganhou um alcance mais amplo na década de 1930, onde a punição do trabalho forçado (forçado), configurado como uma vitória do humanismo proletário, foi imposta e produzida pelas mesmas faces do fascismo.

A forma como o comportamento sexual (orientação e subsequente identidade de gênero) constitui a substância da identidade. Pressões implícitas sobre a fé das pessoas como um sistema de atitudes e comportamentos, limitando a consciência de ser LGBT no espaço público.

A sexualidade do indivíduo é um elemento histórico dialético que define o movimento LGBT+, que pode ser definido pelos percursos históricos que resultam da falta de espaço social de convivência em Ourinhos.

A banalização institucional configurou um palco social necessário para a ideologia apresentada. Mesmo os produtores dos eventos, como os proprietários do espaço urbano, que classificaram, permitindo um monopólio, funções e ações sociais para reproduzir o desejo.

Elementos sociais clínicos, antropológicos, liberais e burocráticos são elementares para compreender a representação do panorama LGBT+ da cultura pública/privada em Ourinhos.

A abordagem queer, especialmente o “mapeamento do pensamento queer” na produção de Lefebvre, é central para a compreensão da geografia e do movimento LGBT+. Caracterização e efeitos sociais perversos e difíceis de controlar. (LEOPOLDO, 2020)

O movimento social, político e territorial protege não só as vítimas, mas também de qualquer tentação identitária: o ser feminino, alguma coisa, pertence à “natureza”: a essência “ou” o

grupo “: portanto “a opressão da vítima -” é que ela deve se tornar objeto de qualificação legal, que neste trabalho a violência se estabelece como falta de espaço físico para a perpetuação da cultura (BORILLO 2013; LEOPOLDO, 2020).

Doutrinas e ideologias heteronormativas e homofóbicas moldam significativamente a organização espacial, as práticas corporais e as dinâmicas sociais, influenciando a forma como as relações de poder se estabelecem e como nos relacionamos com o ambiente."

CAPÍTULO 4 - "CARTOGRAQUEER" — A CARTOGRAFIA DOS EVENTOS LGBTQ+ DE OURINHOS.

*Azul, porque azul é cor, e cor é feminina
Eu sou tão inseguro porque o muro é muito alto
E pra dar o salto
Me amarro na torre no alto da montanha
Amarração na torre dá pra ir pro mundo inteiro
E onde quer que eu vá no mundo, vejo a minha torre
É só balançar²⁹*

1. - "DO GLS AO LGBTQ+": UM PROCESSO HISTÓRICO DA CONQUISTA DE UM "ESPAÇO".

A sigla define a história do movimento LGBTQ+ e a historicização da identidade e cidadania de "T" nas políticas anti-violência LGBTQ+ brasileiras. A construção da identidade sociopolítica no processo de desenvolvimento social (SILVA, 2013).

No início da produção do evento, Carlos Barra, o produtor, apresentou a sigla GLS que significa que gays, homens ou mulheres, incluindo casais e fãs, são bem-vindos.

Estamos falando de justiça na cidade, com novas formas de ser LGBTQ+, passaram a ser a motivação de mudanças destes eventos, além do entretenimento e da segurança pública.

O conceito de "espaço" está sendo redefinido na contemporaneidade. A cidade, tradicionalmente vista como um espaço físico delimitado, agora se expande para o mundo virtual, criando novas possibilidades de interação e sociabilidade.

A busca por um "espaço sem espaço físico", reflete essa complexidade, evidenciando a necessidade de repensarmos a forma como vivenciamos os espaços urbanos.

Carlos Barra, considerado o primeiro produtor do evento, afirma que diante da dificuldade de criar um "lugar gay em Ourinhos", ou um lugar geográfico LGBTQ+, consiste em compreender o histórico e dinâmico processo econômico e social.

As transformações sociais observadas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI evidenciam uma dinâmica particular na expressão e visibilidade da homossexualidade.

Os acontecimentos que se iniciaram em espaços públicos urbanos, no final dos anos 1980, e se intensificaram nos anos 1990, gradualmente se interiorizaram, alcançando o espaço doméstico na primeira década do século XXI.

A pesquisa de James Green, em sua obra, contribui significativamente para a compreensão

²⁹ Gil, Gilberto. *Índigo Blues*. Raça Humana. Rio de Janeiro. 1985, 4:45.

dessa trajetória, ao deslocar a análise do movimento LGBTQ+ para além de eventos mais visíveis, como o carnaval

No final da década de 1980, a palavra 'gay' passou por uma radical transformação semântica, adquirindo o significado mais abrangente de 'queer'. Essa mudança desconstruiu a dicotomia entre ativo e passivo, presente em terminologias como 'bofe/bixa', mais comuns em classes sociais menos favorecidas. A emergência do termo 'queer' representou um avanço na luta por uma identidade LGBTQ+ mais inclusiva e livre de estereótipos." (GREEN, 1999).

Essas questões identitárias como corpo, cultura e acesso estão ligadas ao individualismo do consumidor. O poder controlado da desigualdade, presente na comunidade LGBTQ+, forma os territórios onde os corpos se formam graças à grande influência do espaço físico e da paisagem.

No final da década de 1980, a palavra “gay” foi radicalizada, pois as palavras “queer e queer” foram renomeadas, referindo-se à palavra “gay”, sem preferência sexual (entre ser ativo e passivo).

As classes sociais configuradas como “pobres” possuem uma dicotomia “bixa/bofe” (com preferências sexuais entre ser ativo ou passivo), que se tornou presente como limite de identidade cultural, vinculada à identidade como corpo, cultura e acesso ao individualismo intimamente ligado à identidade gay (GREEN, 1999).

O poder controlado da desigualdade presente na comunidade LGBTQ+ molda os territórios de onde os corpos se formam graças à grande influência do espaço físico e da paisagem.

Este processo de materialização histórica é um fragmento da história do movimento LGBTQ+, nas décadas de 60/70 nasceu uma “identidade homossexual”, sendo institucionalizada entre os homossexuais burgueses nos centros urbanos, esta alternância coloca o “objeto sexual” como prazer e não como. sexo, os papéis de gênero não importam nas relações sexuais, às vezes podem fortalecer as partes opostas (GREEN, 1999; 2002; 2019).

Grande parte da identidade LGBTQ+ vem deste momento da história, de uma referência à identidade homossexuais, como política a cidade expandindo classe/raça/gênero e sexualidade colocando uma contracultura endógena, as influências culturais da identidade gay, numa mudança de contexto. Relações de gênero, à semelhança do processo americano das décadas de 30 e 40 (QUINALHA; GREEN, 2018).

Para Vicente (2028),

[...] os primeiros relatos de manifestações LGBTQ em Ourinhos foram os anos 80, porém não era um espaço LGBTQ, mas na região central do município, na qual a população se encontrava para sociabilização, importante enfatizar que “se criar um barzinho, vem você que é gay, vem outro que é gay, vem um artista, vira um espaço gay, mas sem o título e se coloca o título, cai fora o pessoal “normal”, se você não

coloca um bar gay ou GLS, o povo "normal" vai e as gay no meio". Onde não se é naturalizado o espaço LGBT e sim ressignificado a formação do espaço LGBT, cujo em cidades pequenas é diferente dos centros (VICENTE, 2018 p.38).

Esses primeiros movimentos da noite aconteceram em uma parte da cidade que ganhou um novo significado como paisagem sem identidade LGBTQ+. Ele "cria" algo, um lugar, um habitat, um fluxo de espaço, como indica Carlos Barra que se usarmos a sigla, o espaço não é "normal", é heteronormativo.

Situação da qual não é aceita e assusta a população LGBTQ+. Os territórios LGBTQ+ de Ourinhos como a "Dona Maria", um estabelecimento no centro da cidade, próximo à praça central Mello Peixoto, onde homossexuais frequentavam sem a existência de "rótulo".

A comunidade LGBTQ+ de Ourinhos, assim como outras cidades brasileiras, foi profundamente influenciada pelas dinâmicas culturais dos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, e no caso de Ourinhos; Curitiba.

A circulação de códigos, gírias e práticas sexuais entre essas localidades, evidenciada por Parker (2002), contribuiu para a formação de uma subcultura queer com características comuns.

No entanto, a especificidade de cada contexto histórico e social moldou identidades locais únicas. Como apontam Green (1999, 2002, 2019), a diversidade étnica e cultural presente em cidades como São Paulo, com sua herança nipo-europeia, Rio de Janeiro com sua herança africana. A influência de Curitiba diferentes expressões da cultura LGBTQ+.

Em Ourinhos, espaços como o Akita, um restaurante japonês que também funcionava como ponto de encontro para a comunidade LGBTQ+, demonstram a complexidade e a riqueza dessas dinâmicas (VICENTE, 2018, 2022). A história da comunidade LGBTQ+ em Ourinhos, portanto, é marcada por essa interconexão entre o local e o global, onde influências externas se entrelaçam com as particularidades do contexto local.

Esta questão mal colocada (falta de espaço físico), inicia o traço em que são apresentadas as realidades colocadas, discutindo os processos geográficos do movimento LGBTQ+, representados pelo lugar, pelo território e pela paisagem, que incluem os modos de realidade da realidade social existente.

Isto significa e se destaca, obter formas no espaço e nos territórios e como a paisagem muda, desde propriedades que dão a produção em que nos encontramos, passando por monopólios sexuais de reprodução, bem como mercadorias, plantações e grandes propriedades, até outras que caracterizam o treinamento de uma paisagem. (PARKER, 2002).

Reconhecimento de um processo geográfico de perspectiva de gênero e sexualidade, em re-

lação a outros incompatíveis, e acompanhado as realidades sociais adicionais através de abordagens quantitativas, inúmeras técnicas utilizadas em termos qualitativos nominais, diagnosticando toda a estrutura do fenômeno.

Os momentos históricos utilizados trazem uma perspectiva própria, reconhecendo as diferenças internas no diagnóstico dos processos, então repetições de frequência e ciclos e ondas.

Linguagem, culturas, códigos e vida quotidiana no espaço, que definem os pontos de ruptura conforme as posições sociais mútuas dos fragmentos (estruturais), do país e da cidade, onde:

[...] ao mesmo tempo, entretanto, o “T” foi constantemente marginalizado, como várias de nossas entrevistadas reiteraram. Tensões sobre tal marginalização também se tornaram mais claras durante vários eventos ativistas [...] em uma discussão sobre segurança pública ao expressar sua irritação com o jeito como alguns ativistas gays usavam o termo “homofobia”, o que, no ponto de vista dela, não contemplava as questões que ela enfrentava como uma pessoa trans (SILVA, ORNAT, CHIMIN JR, 2013, p. 327).

A homofobia no espaço público, a transexualidade como expressão de delimitadores sociais para as questões geográficas, na análise da paisagem na segurança pública e a identidade "travesti" no espaço público, construindo território "instituído e institucionalizado". O direito privado é transformado em composições de como essa paisagem se compõe (ORNAT, 2010).

A cultura LGBTQ+ manifesta-se de forma heterogênea em diferentes espaços urbanos e rurais, moldando paisagens culturais únicas. Essa diversidade, marcada por nuances regionais e sociais, reflete as complexas interações entre o público e o privado.

A construção da identidade LGBTQ+ em Ourinhos está intrinsecamente ligada a questões como o direito à propriedade, as condições socioeconômicas e as dinâmicas de poder locais.

A cartografia queer, ao mapear esses espaços e suas relações, revela a existência de uma rede complexa de conexões geográficas que influencia a forma como a cultura LGBTQ+ se expressa e se organiza em diferentes contextos.

Não há reflexão sobre o espaço sem pensar a sexualidade, simultaneamente, quando pensamos nos donos dos meios de produção, na dimensão do poder e no processo de gênero.

A utilização nas relações de poder entre o campo/cidade, evidencia as capacidades do poder nas estruturas de ritmo, que durante o centenário do município de Ourinhos, cujo espaço é um lugar de resistência silenciosa dos corpos LGBTQ+, que às vezes opta pela mudança para uma migração queer.

A sexualidade se manifesta em diferentes manifestações com diferentes composições sociais, transfigurada nos grandes centros urbanos (PARKER, 2002).

Cidades médias, uma realidade na pós-modernidade e sua dialética, aposta nas experiências

demográficas, na formação da identidade LGBTQ+ na composição permanente de uma terra de propriedade na evolução demográfica que passa por uma formação LGBTQ+ urbana, o que a torna uma das principais características da identidade na formação cultural (SOJA, 1993; COSTA, 2014, 2016).

O modo de vida rural e urbano, implicando uma maior rigidez de obrigações em relação à definição de um imperativo monocultural de proximidade de interações sociais em meios rurais. As relações se apresentam em formato comunitário em meios rurais, mas os regramentos instituem um padrão monolítico familiar e de vigilância relacional intensa que tornam mais regradas expressões divergentes de sexualidade, por exemplo. De acordo com estas teorias, os 'ares da cidade' libertam e quanto maior a cidade maior a diferenciação social e maior a possibilidade de expressão de diferentes personalidades, uma vez que a densidade populacional e a diferenciação das culturas em meio urbano, principalmente porque a população da grande cidade cresce pela chegada de uma infinidade de imigrantes, são vastas (COSTA, 201 p.39).

Numa reflexão baseada neste contexto, das cidades médias, o meio rural e as suas atividades econômicas, sociais e políticas dependem do meio rural, pouco industrializado e pouco comercializado (COSTA, 2014, 2016).

Os 'ares da cidade' grandes centros urbanos, a diferenciação social maior possibilita expressões diferentes de personalidades, que com a densidade populacional a diferentes culturas no meio urbano, referentes a população, que cresce com imigrantes (GREEN, 1999; COSTA, 2014, 2016).

A cidades médias têm uma diferenciação social baixa, todos se conhecem, produzem imperativos de comportamento cultural atrelado ao meio não rural, mas ao agrário, de reprodução agro-exportadora e globalizada de um imperativo cultural monolítico, apontando uma rigidez de reprodução de relações de afetividade e sexuais, muito atreladas ao núcleo familiar " (BENHUR, 2014, 2016; BORILLO, 2013).

Ourinhos, é então, uma sociedade de "vida rural/urbana" que começava a se urbanizar, independentemente de qualquer industrialização, a divergência do campo/cidade, colocando a cultura e a paisagem para uma observação, tanto político como antropológico.

A geografia dos eventos LGBTQ+ produzidos, caracterizados, pela sua relação com o espaço, a esporadicidade do tempo e o impasse de assentamento, caracteriza o processo urbano, em suma, pelas relações de poder, enriquecido no meio rural, percorrido no desenvolvimento meio urbano, que se estabelece uma dialética com o movimento LGBTQ+, estabelece a perspectiva do complemento cultural e o desenvolvendo do meio urbano (veja a inexorável relação de gênero e sexualidade no meio rural).

A adoção de uma civilização que orienta de um estrangeiro globalizada que tradicionalmente desemboca em uma dialética do "meio rural e meio urbano", polarização de contrários, que mesmo tendo sínteses de uma disputa por espaço, dos esforços, socioeconômicos que cada movimento de

"heterotopias" heterossexuais nos espaços e lugares. O tornar-se LGBTQ+ em espaços públicos (FOUCAULT, 2013; PARKER, 2002; BENHUR, 2016, 2014; VICENTE, 2022).

A criação de uma sociedade homofóbica não escapa à interpretação. A geografia cultural dos processos coloniais de identidade e de preservação dos “bens e das plantações”, como traços salientes modificados e interpretados, que paralelamente, pontos extremos.

O movimento LGBTQ+, associado às influências do trabalho urbano, configura um abrigo, como elementos urbanos associados ao tradicional, onde se encontra outra cultura urbana, algo que foi formado para o movimento LGBTQ+ (PARKER, 2002).

A divisão internacional do sexo, define e delimita a vida LGBTQ+ de uma sociedade, camadas e recursos de elevações e posições de comandos políticos de uma sociedade global, agrária com uma superior camada de Brasil colonial, o corpo como moeda de troca. (TREVISAN, 2018; PARKER, 2002).

As camadas sociais manifestam-se “rurais e urbanas” no comportamento social e sexual, do nervoso prestígio europeu, copiando o estilo de vida, o comportamento das camadas superiores, a vida LGBTQ+, o seu estrato mais baixo prestígio e alcança a modernidade do extremo ocidente.

A sociedade, “judaico-cristã”, de composição e necessidades de posicionamentos burlescos, burgueses e industriais, nos países coloniais, que auxiliam o comportamento e a difusão dessas culturas e comportamentos (BORILLO, 2013).

Este processo contribui para o crescimento massivo dos proprietários das terras produtivas, desenvolvendo um avanço tecnológico na composição deste bem social, portanto, a intensificação, entre as “sociedades ocidentais”, criou um princípio “econômico” ponto tecnológico, com as relações de trabalho, a dinâmica social desenvolveu uma sociedade de classes, na qual o movimento LGBTQ+ penetrou/introjetou, o modelo “judaico-cristão” (BORILLO, 2013).

A desigualdade global, baseada no conhecimento dos países pobres e dos países ricos, coloca em evidência a identidade LGBTQ+, a geopolítica do gênero e da sexualidade ao serviço do debate democrático sobre as emancipações sociais e culturais, o jogo brutal de como as relações econômicas se expressam no desenvolvimento.

A prática de empresas e governos que utilizam o movimento LGBTQ+ para promover sua agenda, sem se engajar/conectar com a agenda LGBTQ+, com o uso do mês, da semana, do símbolo e até do arco-íris, toda essa agenda é organizada para produtividade, de símbolos, na iconografia do movimento LGBTQ+ no espaço público.

O estado de bem-estar, referente aos processos industriais, comerciais e de serviços que dialogam com os processos de compreensão do movimento LGBTQ+, enquanto os países periféricos

têm sido como o trabalho gratuito, nos países em desenvolvimento ele se estabelece como um trabalho específico, mas os dois são separados. (FELICIANTONIO, 2014)

A conquista do espaço físico, a historiografia do movimento LGBTQ+ em Ourinhos, mostra na luta por territórios e perspectivas de dominação, o “norte global” entendeu que a criação de uma agenda LGBTQ+ se baseia em uma “exportação cultural” de identidade e com isso surge um novo modo de operação.

Esta agenda, a mesa do movimento LGBTQ+ e as consequências das relações sociais criadas, o debate sobre uma “migração queer” ligada a um estado social, os diálogos onde os processos sociais são medidos e reflectidos na quantidade de população (FELICIANTONIO, 2014).

Isso interfere? A resposta de Carlos Barra centra-se no facto de, devido à população, uma cidade como Ourinhos não ter um “espaço LGBTQ+”? Esta reflexão me fez pensar na migração, no direito à cidade, nos pequenos e médios centros urbanos.

A viagem à cidade representa o processo de autoaceitação e o processo social de “sair do armário”, abrindo possibilidades de viver uma história da própria comunidade, ressignificando o seu social experiência bom ser.

A falta de espaço físico, silêncio no espaço público e processos de movimento LGBTQ+, nos grandes centros urbanos desenvolvem as características do movimento LGBTQ+ e suas características, mas fora dos centros urbanos apresenta uma história muito mais dolorosa, devido à representação social.

A dialética da expansão territorial permeia a formação da cultura e do comportamento LGBTQ+ de Ourinhos a São Paulo, seja no que diz respeito à população, às referências no cenário público/privado sobre o pertencimento LGBTQ+, ou mesmo à forma como são formulados esses debates. (relações de trabalho e comportamentos sociais) nas relações de gênero e sexuais em centros urbanos de pequeno e médio porte.

Por outro lado, o movimento LGBTQ+ responde às dinâmicas sociais a que está exposto, entre a sexualidade e a abordagem da vida na cidade, a urbanização como normas sociais que dialogam com a tolerância e multiformes na composição do movimento LGBTQ+ nas áreas urbanas.

Este tópico sobre o processo de ocupação do espaço “do GLS ao LGBTQ+” explorou a abordagem geográfica do corpo na cidade, a partir de uma perspectiva feminista e queer, discutindo assim o corpo e o movimento LGBTQ+ como aspecto geográfico.

A relação entre o corpo e a geografia constitui um caminho produtivo que pode contribuir para a compreensão da relação entre o “espaço e o homem”. O corpo não é algo que pertence ao ser humano, mas o ser humano tem uma experiência corporal existencial (SILVA, ORNAT, CESAR,

CHIMIN JR, PRZYBYSZ; 2013).

O corpo é também um lugar, um território e um espaço, onde as pessoas desenvolvem limitações, consigo mesmas, com os outros seres e com a cidade, e como esses corpos se apresentam no tempo e na percepção dos outros, como um acordo entre o espaço e o tempo que compõem a geografia do movimento LGBTQ+.

Portanto, este tema reflete a comunidade geográfica e LGBTQ+ no sentido de trilhar novos caminhos para a cidade, diálogos com a cidade e reflexões sociais no imaginário geográfico.

Esse movimento, pesando significados, como a falta de direito de fixação, na dinâmica social e política de se tornar LGBTQ+ em cidades médias é pouco libertador, ainda que haja construções e sentidos de lutas e emancipações, que neste trabalho se apresenta pela representação espacial desse movimento em Ourinhos.

Garantir o espaço físico e o direito à diversão numa dinâmica de acesso ao direito à oportunidade e às pessoas na sua verdadeira liberdade sexual, esses corpos em luta por territórios, configuram a "paisagem cultural", reproduzindo a identidade do espaço físico.

Esta dimensão da paisagem é uma compreensão da luta pelo espaço, pela sua territorialidade, articulada internacionalmente como uma agenda dominante nas agendas sociais, que, por vezes, apresentam graus variados de autonomia local.

Os eventos LGBTQ+ em Ourinhos, vão além dos espaços habituais de entretenimento, além dos eventos tradicionais, suas manifestações, "ao vivo", das modalidades socioculturais.

As pessoas buscaram refúgio nos grandes centros urbanos, que reivindicavam territórios para si, mas essa relação cidades médias que devido ao isolamento das massas, os acontecimentos são mais rígidos, dispersos e menos analisados. Através de prisões: para onde vão às pessoas LGBTQ+ de Ourinhos? A memória constitui a paisagem, a identidade e a memória da cidade.

Neste estudo realizamos uma análise espacial dos locais utilizados para sediar eventos LGBTQ+ na cidade de Ourinhos, compreendendo uma análise geográfica na dinâmica espacial e social envolvida nesses encontros.

Ao criar espaços de sociabilidade e visibilidade, esses produtores culturais contribuíram para a produção de uma geografia da diversidade, desafiando as normas heteronormativas e promovendo a inclusão social.

Através de suas iniciativas, a comunidade LGBTQ+ encontrou um lugar no divertimento para se expressar, celebrar suas identidades e construir uma memória coletiva.

O desenvolvimento da ideia cartográfica do "cartograqueer" é a habitação de um território existencial, um ato cognitivo entre o território existencial e a dimensão da compreensão quantitativa do

território existencial (ALVAREZ, PASSOS, 2015).

Quadro 1 – **EVENTOS LGBT+ EM OURINHOS**

Eventos LGBT+ de Ourinhos (2006-2023)			
Eventos produzidos por Carlos Barra			
Produtor	Nome do evento	Local	Dia/ Mês / Ano
Carlos Barra	Fantasy	Chacara Kuka Fresca	13/05/2006
Carlos Barra	1 Verão - vivo GLS	Chacara Kuka Fresca	25/11/2006
Carlos Barra	Pré-Reveillon - Silvetty Montila	Chacara Kuka Fresca	30/12/2006
Carlos Barra	Yes I	Chacara Kuka Fresca	12/06/2007
Carlos Barra	Yes II	Tatarsal (FAPI)	18/10/2008
Carlos Barra	Yes III	Mansão Pedro Quejeiro	12/12/2009
Carlos Barra	Celebration	Mansão Pedro Quejeiro	13/03/2010
Carlos Barra	Encontrus II	Mansão Pedro Quejeiro	10/04/2010
Carlos Barra	Stravaganza	Mansão Pedro Quejeiro	08/05/2010
Carlos Barra	Return the festa - Dimmy Kieer	Boate Star	10/06/2010
Carlos Barra	Show Bar 4	Mix Music	10/08/10
Carlos Barra	Independence, the party	Mix Music	11/09/2010
Carlos Barra	Léo Áquila (visita)	Mix Music	29/09/2010
Carlos Barra	October Dark - Lisa Bombom	Mix Music	09/10/2010
Carlos Barra	Fantasy Party	Mansão Pedrão Quejeiro	20/11/2010
Carlos Barra	Ilusion	Mix Music	11/12/2010
Carlos Barra	Yes, Celebration (4 anos de festa)	Mix Music	23/04/2011
Carlos Barra	Yes, Paulet Pink	Mix Music	11/10/2011
Carlos Barra	Fantasy Party II	Mix Music	12/11/2011
Carlos Barra	White Party	Mix Music	17/12/2011
Carlos Barra	Open Barra	Mix Music	07/04/2012

Carlos Barra	Number Two - Open Bar	Mix Music	5/5/2012
Carlos Barra	#TBT - A festa.	Estação Maktub	12/10/2018
<i>Chacara Kuka Fresca: R. Onófre Alves Moreira, 625 - Parque Pacheco Chaves</i>			
<i>Tatersal (FAPI): Jardim Sao Domingos, Ourinhos - SP</i>			
<i>Mansão Pedrão Queijeiro: R. Eurico Amaral dos Santos, 689 - Jardim America</i>			
<i>Mlx Music: R. dos Expedicionários, 1157 - Centro</i>			
<i>Estação Maktub: R. Alameda Arcângelo Brianez, 500 - Jardim Santa Fe</i>			
<i>Estação Maktub: R. Alameda Arcângelo Brianez, 500 - Jardim Santa Fe</i>			
Boate Star: Av. Dr. Altino Arantes, 1183 - Jardim Matilde			

Eventos produzidos por Rodrigo Modesto "Modesto Divulga"			
Produtor	Nome do evento	Local	Dia/ Mês / Ano
Rodrigo Modesto	Children"s Day - Open Bar	Space.	13/10/201 2

Rodrigo Modesto	I Love Britney - Open Bar	Space.	15/12/201 2
Rodrigo Modesto	Pré-carnaval Eletronico - Open Bar	Space.	02/02/201 3
Rodrigo Modesto	Haus of Gaga - Open Bar	Space.	11/05/201 3
Rodrigo Modesto	Sweet Party - Open Bar	Space	12/10/201 3
Rodrigo Modesto	Walkers Party - Open Bar	Space	16/11/201 3
Rodrigo Modesto	Pré-carnaval Eletronico 2	Space	08/02/201 4
Rodrigo Modesto	Twerk Party	Space	08/03/201 4
Rodrigo Modesto	Mexican	Space	12/04/201 4

Rodrigo Modesto	Super Heroes 2	Space	09/08/2014
Rodrigo Modesto	The Best of Rihanna	Space	13/09/2014
Rodrigo Modesto	Sweet Party 2	Space	18/10/2014
Rodrigo Modesto	Flawless - Especial Beyoncé	Space	15/11/2014
Rodrigo Modesto	Last Saturday - Todas de Branco	Akazala	27/11/2014
Rodrigo Modesto	Carnaval Eletronico 3	Akazala	14/2/2015
Rodrigo Modesto	Circus - Freak Show	Republiq	14/3/2015
Rodrigo Modesto	The Queen of Rap - Open Bar	Space	11/4/2015
Rodrigo Modesto	Mean Girls: U cant't Dance with us!	Space	9/5/2015
Rodrigo Modesto	Bitch I'm Madonna - Open Bar	Space	11/7/2015
Rodrigo Modesto	Katy Perry Music Night - Open Bar	Space	15/8/2015
Rodrigo Modesto	Aluci Princess - Open Bar	Space	10/10/2015
Rodrigo Modesto	Bang Bang - Open Bar	Space	14/11/2015
Rodrigo Modesto	Red Party - Open Bar	Space	19/11/2015
Rodrigo Modesto	Micareta pop, Carnaval 2016 - Open Bar	Space	6/2/2016
Rodrigo Modesto	Segura a marimba ai monamu - Open Bar	Space	12/10/2016
Rodrigo Modesto	Sssy that Walk - Open Bar	Space	9/4/2016
Rodrigo Modesto	Work and Formation - Nigga Edition - Open Bar	Space	14/5/2016
Rodrigo Modesto	Século 21, retro pop - Open Bar	Space	9/7/2016

Rodrigo Modesto	Super Heroes 3 - Bday Modesto	EdgarAllan Pub	6/8/2016
Rodrigo Modesto	Close Certo - Open Bar	Space	17/9/2016
Rodrigo Modesto	Haus of Gaga 3 - Open Bar	Space	11/10/2016
Rodrigo Modesto	Sissy that Walk 2	Space	12/11/2016
Rodrigo Modesto	Niver da Neyde - Open Bar	Space	10/12/2016
Rodrigo Modesto	Red Party - Edição Natal	Space	24/12/2016

Rodrigo Modesto	Virada Pink	Space	31/12/2016
Rodrigo Modesto	Folia das Manas	Space	11/2/2017
Rodrigo Modesto	The Black Queens	Sindicato dos frentistas	11/3/2017
Rodrigo Modesto	Farofa do Modesto - Open Bar	Chacara Kuka Freska	8/10/2022
<i>Akazala: Av. Hassib Mofarrej, 1230 - Nova Ourinhos</i>			
<i>Republiq: Av. Luiz Saldanha Rodrigues, 2870 - Vila Santos Dumont</i>			
<i>Edgar Allan Pub: R. Rua Antonio Carlos Mori, 744 - Centro</i>			
<i>Sindicato dos frentistas - R. Celestino Lopes Bahia - Vila Sao Luiz, Ourinhos</i>			
<i>Estação Maktub: R. Alameda Arcângelo Brianez, 500 - Jardim Santa Fe</i>			
<i>Chácara Kuka Fresca: R. Onófre Alves Moreira, 625 - Parque Pacheco Chaves</i>			
Eventos produzidos por Elaine Santos "Festa Lacre"			
Produtor	Nome	Local	Ano
Elaine Santos	Festa Lacre: Noite Mexicana	Galileo Music Hall	10/03/2018
Elaine Santos	Pré-Lacre: Fashion Night	Galileo Music Hall	07/04/2018
Elaine Santos	Festa Lacre: Fashion Night	Galileo Music Hall	14/04/2018
Elaine Santos	Festa Lacre: Indcente - Open Bar	República Sua Tia	26/05/2018
Elaine Santos	Arraiá do Vale	Distrito Industrial	23/06/2018
Elaine Santos	Festa Lacre: Noite da Fulerage - Open Bar	Space Eventos	14/08/2018
Elaine Santos	Festa Lacre: Halloween	Estação Maktub	20/10/2018
Elaine Santos	Festa Lacre: Pop/Hits/Funk/Beats, especial Britney Spears	Dom Pub	12/01/2019
Elaine Santos	Bloco da Lacre: Carnagliter	Dom Pub	16/02/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Carnaneon	Dom Pub	02/03/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Noite mexicana 2	Dom Pub	16/03/2019
Elaine Santos	Sexta VIP	Dom Pub / Jesse James	29/03/2019

Elaine Santos	Festa Lacre: Buzina	Dom Pub	06/04/2019
Elaine Santos	Sexta VIP	Dom Pub / Jesse James	12/04/2019
Elaine Santos	Quinta Match, pré-lacre.	Dom Pub / Jesse James	18/04/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Match a Raba no chão	Dom Pub / Jesse James	20/04/2019
Elaine Santos	Sábado VIP	Dom Pub / Jesse James	27/04/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Bailão de Noronha	Dom Pub	04/05/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Glow Night	Dom Pub	11/05/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Funketon Night - Open Bar	Dom Pub	18/05/2019
Elaine Santos	Sexta VIP - Todos Free	Dom Pub / Jesse James	24/05/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Boa Menina	Dom Pub / Jesse James	01/06/2019
Elaine Santos	De volta aos 90/2000	Dom Pub	15/06/2019
Elaine Santos	Arraiá da Lacre - In shallow now	Dom Pub	22/06/2019
Elaine Santos	Fetich Dark Night	Dom Pub / Jesse James	20/07/2019
Elaine Santos	Festa Lacre: Fashion Night 2	Boteco Lajor	10/08
Elaine Santos	Festa Lacre: Halloween	Sindicato dos Frentistas	26/10
Elaine Santos	Califórnia Night	Dom Pub / Jesse James	16/11
Elaine Santos	Festa Lacre: Red Party	Pica-pau eventos.	22/12
Elaine Santos	Festa Lacre: Mil Grau	Pica-pau eventos.	25/1/2020
Elaine Santos	CarnaVRAU	Pica-pau eventos.	22/02/2020
Elaine Santos	Festa Lacre - Open Bar	FAPÍ - Ouinhos	15/07/2023
Galileo Music Hall: Av. Antonio de Almeida Leite 1099, Jardim Paulista			
República Sua Tia : Rua Rio de Janeiro 453, Centro			
Edgar Allan Pub: R. Rua Antonio Carlos Mori, 744 - Centro			
Sindicato dos frentistas - R. Celestino Lopes Bahia - Vila Sao Luiz.			
Dom Pub / Jesse James: Av. Luiz Saldanha Rodrigues, 1200 - Jardim Tropical			
Pica-Pau Eventos - R. dos Expedicionários, 1157 - Centro.			
FAPÍ - Ouinhos - Av. Jacinto Feirreira de Sá, 2650 - Vila Sandalo.			

TABELA 1 - EVENTOS PRODUZIDOS POR CARLOS BARRA, RODRIGO MODES- TO E ELAINE SANTOS (2006-2023) Fonte: Vicente (2024)

Ao pensar nesse trabalho, a reflexão de como o espaço influencia o "território descontínuo paradoxal", chega a constatação de que o movimento LGBTQ+ em Ourinhos perpassa a compressão

do espaço-tempo. Refletir sobre os eventos LGBTQ+ é refletir processos históricos da cidade e com isso desenvolver perspectivas que faz compreender o papel das memórias da cidade (ORNAT; SILVA, 2013).

Isso porque o movimento LGBTQ+ de Ourinhos se organiza em conexões de diferentes territórios intra-urbanos localizados em diferentes municípios e até mesmo em escala nacional e internacional. A ideia de território descontínuo, também, é reafirmada na medida em que Souza (1995) Ornat e Silva (2013) evidencia que os limites podem ser móveis e fluidos, e que os territórios desfazem em diferentes temporalidades

Essas proposições também foram válidas na construção da inteligibilidade da atividade de prostituição travesti, ao serem as ações travestis que configuram no tempo e espaço seus territórios que são extremamente móveis.

A exploração do espaço material empírico esclareceu a necessidade de aglutinar a ideia de 'paradoxo'. O paradoxo entendido surpreendentemente. A proposição é de pensar que a prostituição travesti, aqui analisamos o espaço e eventos LGBTQ+, a qual esses corpos também ocupam esses territórios, pode ser analisada pelo que chamamos aqui de 'território descontínuo paradoxal'.

Essa perspectiva desafia a geografia, na medida que supera a "noção de fixidez", criando uma oposição entre categorias e complexidade nas relações com o sujeito e espaço.

Esta pesquisa apresenta um novo olhar para a Geografia, desafiando a ideia de que as coisas sempre permanecem no mesmo lugar. Ela mostra que as relações entre as pessoas e os espaços são muito mais complexas do que imaginávamos, e que as categorias que usamos para entender o mundo, como 'rural' e 'urbano', não são tão simples assim. Essa nova perspectiva nos ajuda a entender melhor como a sociedade e o espaço estão sempre em transformação

. O movimento LGBTQ+ no caso de Ourinhos, está "plurilocalizado na constituição do território, ao ser simultaneamente centro e margem das relações de poder e é sua posição paradoxal que evidencia sua resistência à sociedade heteronormativa que, ao mesmo tempo, a deseja e despreza" (ORNAT, SILVA, 2013, p.11).

Carlos Barra foi o precursor desses eventos e o início dessa análise que iniciou em 2006 e vai até 2018. Os locais como "Mix Club" e "Mansão do Pedrão Queijeiro" assentaram esses eventos produzidos, com o início em chácara como a "Cuca Fresca" que foi o local de transição entre o anonimato e o público.

O anonimato em chácaras foi transferido para a Feira Agropecuária Industrial, para a Boate Star e consolidando no "Mix Club" que ao longo da história teve muitos anos, como "Space" e "Pica-Pau", local importante para outro produtor como Rodrigo Modesto.

A “Estação Maktub” foi um lugar que configura um anonimato, com o processo de trajetória de Carlos Barra, essencialmente, a visibilidade e influência do retrato da época como “comunidade GLS” e a cena cultural.

A transição de produtor de eventos, de Carlos Barra para Rodrigo Modesto foi a tentativa de um cargo público de “vereador”, assim a transição de um produtor de eventos para outro foi instituído, a herança “cultural e política” de Carlos Barra foi para Rodrigo Modesto, que foi materializar as relações dos eventos de 2012 a 2018, nestes seis anos, concentrou a maioria dos eventos no “Pica-pau”, onde produziu 31 dos 38 eventos, consolidando seu legado na cena cultural da região, ao ter origem em Jacarezinho–PR.

O caminho de Rodrigo Modesto é marcado por uma pequena variedade do local e uma contribuição significativa para a cena LGBTQ+ de Ourinhos, o que foi “instituído” passa a ser “instituinte” para os eventos em Ourinhos, configurando em “reuniões”, “encontros” mensais o tornar-se LGBTQ+ em espaços em Ourinhos tem uma forte referência de Rodrigo Modesto, pois se cria uma agenda social de eventos e com isso uma perpetuação de cultura.

A transição para a próxima produtora de eventos, tem contextos diferentes do que foi Carlos Barra para Rodrigo Modesto. De Rodrigo Modesto à Elaine Santos, os “encontros” transformaram-se na “Festa Lacre”, evento produzido por Elaine Santos.

Ao desenvolver a festa, com eixos temáticos, a expressão “Lacre” é uma expressão emblemática para o movimento LGBTQ+, de origem de jovens negros e periféricos, a expressão chegou ao debate público sendo deturpado.

A expressão vem de Lacrar, nascida em ambiente LGBTQ+, perdeu a ideia original e colocada como algo “pejorativo/fulanizado”. Criando em lugares como “casa de festas” para expressar algo diferente e arrebatador, referindo-se a performance bem executada pela produção. De origem, em expressões como roupa, apresentação e maquinal e posteriormente em impressões políticas e sociais.

No contexto de “bairros desenvolvidos da cidade”, Elaine Santos entendeu a compreensão de uma palavra e a estabilidade política e econômica de um Brasil, especialmente do programa “Escola sem homofobia”, que foi transformado em “Kit Gay”, a análise e as reações através do debate público.

Ao produzir 31 festas lacres, abordando temas variados; desde divas pop às referências latinos LGBTQ+, através da produção, Elaine Santos promove e a festa Lacre promoveram uma “identidade power” Latino-Americana, similar ao “gay power”, mas com narrativas sociais que valorizam e dão voz à comunidade LGBTQ+ de Ourinhos.

Os eventos LGBTQ+ produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos tiveram uma presença significativa ao longo dos anos, na vida noturna LGBTQ+. Destacando o espaço na Rua dos Expedicionários, 1157, com diferentes nomes como: Mix Music, Space e Pica-Pau eventos, a perpetuação do lugar com alteração de nome caracterizou essa vida noturna.

Os eventos LGBTQ+ em Ourinhos tiveram uma presença significativa ao longo dos anos, além das já citadas, destacou o Jesse James, um pub de classe média que sediou a maioria dos eventos da festa Lacre: totalizando 18.

A festa Lacre iniciou no espaço Galileu, local de três eventos e por motivos de pressão de vizinhos, teve que ser recolocado no evento. A materialização desses eventos quanto paisagem LGBTQ+ de cultura pública/privada, assim o Jesse James e a Festa Lacre se materializam na memória LGBTQ+ de Ourinhos como o Space/Pica-pau para Rodrigo Modesto e Carlos Barra, "As festas do Barra" e "As reuniões do Modesto", a materialidade do local, como expressão da vida e suas manifestações culturais

Jesse James, e as festas "Lacre" marcaram presença em diversos locais importantes, como o Sindicato dos Frentistas, a República Universitária no centro da cidade, e até mesmo um depósito no parque industrial.

Esses eventos, além da promoção da celebração e visibilidade para a comunidade LGBTQ+ e uma manifestação das culturas para jovens no espaço urbano, desempenha um papel na configuração territorial dos eventos sociais da cidade, mostrando a resistência e adaptações das orientações das adversidades.

Apesar da popularidade das festas, o movimento LGBTQ+ ainda enfrenta processos sociais fóbicos que restringem sua visibilidade e participação no debate público, por isso o movimento LGBTQ+ no recorte de Ourinhos não pode ser considerado algo popular.

Conforme destacado, os processos sociais visam restringir ou constranger o público praticante, 'guetificando-os' e a garantia quais são as liberdades e possibilidades, isso Sherry Wolf (2021) demonstra na sua obra sexualidade e socialismo.

Essa dinâmica de locais públicos/privados revela uma dicotomia: enquanto as festas promovem inclusão e celebração da diversidade, o movimento LGBTQ+ é frequentemente fragmentado e marginalizado, ao analisar esses eventos, a organicidade, destaca a tensão entre a aceitação social limitada e a resistência persistente da comunidade LGBTQ+ em Ourinhos no espaço.

A figura 1, destaca os eventos produzidos Carlos Barra, no período de 2006-2018.

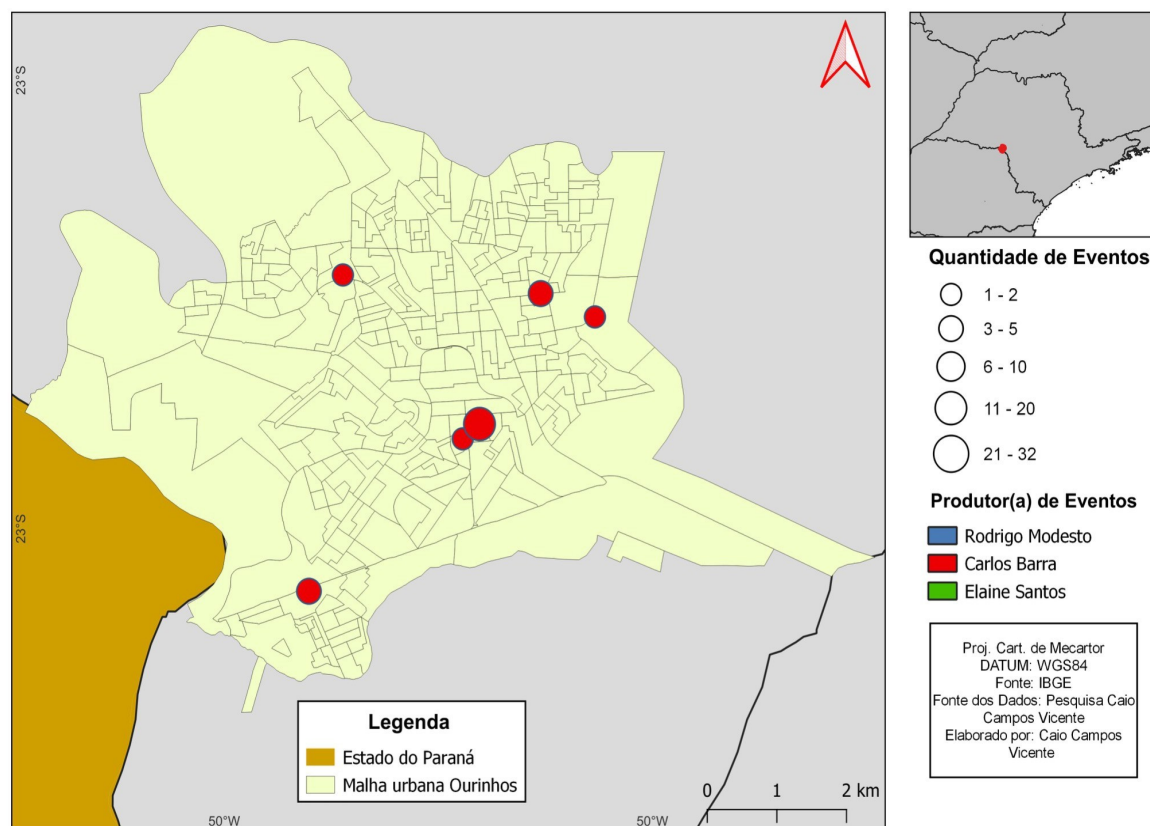


Figura 1 - Eventos produzidos por Carlos Barra (2006-2018) Fonte: Vicente (2024)

Os eventos produzidos por Carlos Barra (figura 1) representam um marco no processo histórico de entendimento sobre a paisagem LGBT+ na cultura público/privada, inicialmente, esses eventos ocorreram fora dos centros urbanos, explorando o anonimato desses espaços.

Ao contrário do anonimato das grandes cidades, onde se passa despercebido, o corpo LGBT+ em cidades médias vive uma dicotomia entre "paraíso e inferno da personalidade" (PRADO, 1995).

A autora (op.cit) reflete o impacto na televisão na cidade de Cunha-SP, trabalho essencial para compreender essa personalidade, que os três produtores perpassam, ou com sobrenome, ou com uma marca.

A "marca da personalidade", as "relações pessoais", a "temporalidade", e "a outra face da personalidade" modulam como o nome para o evento é criado, a formação individual configura os eventos, nas relações sociais que compõem o espaço.

A representação política de cidades médias, como exemplificada pela sucessão de Carlos Barra por Rodrigo Modesto, revela a complexa interação entre processos globais e dinâmicas locais. A herança de modelos políticos mais personalistas, típicos das cidades pequenas, coexiste com os desafios e oportunidades proporcionados pela globalização. Essa tensão entre o local e o global molda as identidades e as práticas políticas nas cidades médias, influenciando a forma como seus

habitantes se relacionam com o espaço e com o tempo.

A transição entre as representações políticas de Carlos Barra e Rodrigo Modesto reflete a construção da identidade das cidades médias, que se configura como um processo dinâmico e contraditório.

A herança das cidades pequenas, marcada por relações pessoais e clientelistas, coexiste com a influência de modelos políticos mais modernos e complexos, próprios das metrópoles. A globalização intensifica essa dinâmica, exigindo das cidades médias a capacidade de se adaptar a um mundo cada vez mais interconectado, sem perder suas características próprias

Uma geografia do movimento LGBTQ+ em cidades médias, elaborada a partir dessa característica definidora, focaliza as relações sociais e a temporalidade a partir do ponto de vista da população local. E esta perspectiva destaca a complexidade das experiências LGBTQ+ em contextos onde a visibilidade é ao mesmo tempo, uma força inclusiva e uma fonte de vulnerabilidade.

Os eventos promovidos por Carlos Barra emergiram como uma corrente cultural oriunda dos grandes centros urbanos, principalmente do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mesmo que sua concretização tenha se dado longe desses lugares centrais.

Esse fenômeno produziu um relevo urbano LGBTQ+ de manifestações culturais significativas, destacando nomes de relevância social.

A perpetuação da memória histórica, conforme articulada por Carlos Barra, proporciona o entendimento profundo dessas manifestações culturais, estabelecendo um diálogo entre memória e teoria queer.

Esse diálogo não apenas preserva a lembrança das manifestações, mas também reforça a continuidade histórica e cultural da comunidade LGBTQ+, assim, os eventos de narrar revelam-se fundamentais na contextualização e valorização das contribuições culturais LGBTQ+, proporcionando um espaço de reflexão e reconhecimento no panorama sociocultural contemporâneo.

A mudança na produção de eventos, de Carlos Barra para Rodrigo Modesto, ocorreu no contexto político na tentativa de um cargo público, o de vereador. Quando Barra decidiu se candidatar a vereador, avaliou que seria mais adequado o afastamento temporário da organização dos eventos e focar na campanha eleitoral.

Essa decisão culminou na transição de responsabilidade durante o aniversário de Rodrigo Modesto. Esse momento é a "institucionalização" da alteração da produção, que a partir desse momento coloca outro produtor de evento como "a pessoa" responsável em liderar a produção de evento, uma continuidade de ações que presença a relevância desses eventos no contexto local.

Rodrigo Modesto ao "encapsular e estabelecer" um padrão de eventos que se tornaram refe-

rência para a comunidade LGBTQ+ em Ourinhos, numa espécie de padrão de eventos. Esses eventos não apenas fortaleceram a coesão social na comunidade, mas também serviram como um marco na construção de uma identidade local LGBTQ+.

A tentativa de integração de uma identidade LGBTQ+ na política local é um fenômeno comum em cidades de porte médio, onde avanços políticos e sociais facilitam a inclusão de grupos historicamente silenciados.

A cidade de Ourinhos, a transição das características associadas a Rodrigo Modesto para Carlos Barra, evidencia a medida das práticas territoriais e de liderança, reformuladas para atender às demandas de uma cidade em expansão.

Além dessa concepção, a diversificação do poder político marca a história do movimento LGBTQ+, impulsionada pela maior inclusão de identidades diversas, contribui para a ampliação do público nos centros urbanos.

Esse fenômeno social não só reflete o crescimento do espaço físico da cidade, mas também indica uma complexidade social e cultural crescente, que acompanha o desenvolvimento urbano de Ourinhos.

A transição de uma cidade pequena para uma cidade média, portanto, manifesta-se tanto nas transformações espaciais quanto nas reconfigurações políticas e culturais, exemplificadas pela passagem da liderança de Rodrigo Modesto para Carlos Barra. A figura 2, destaca os eventos produzidos por Rodrigo Modesto, no período de 2012 – 2016.

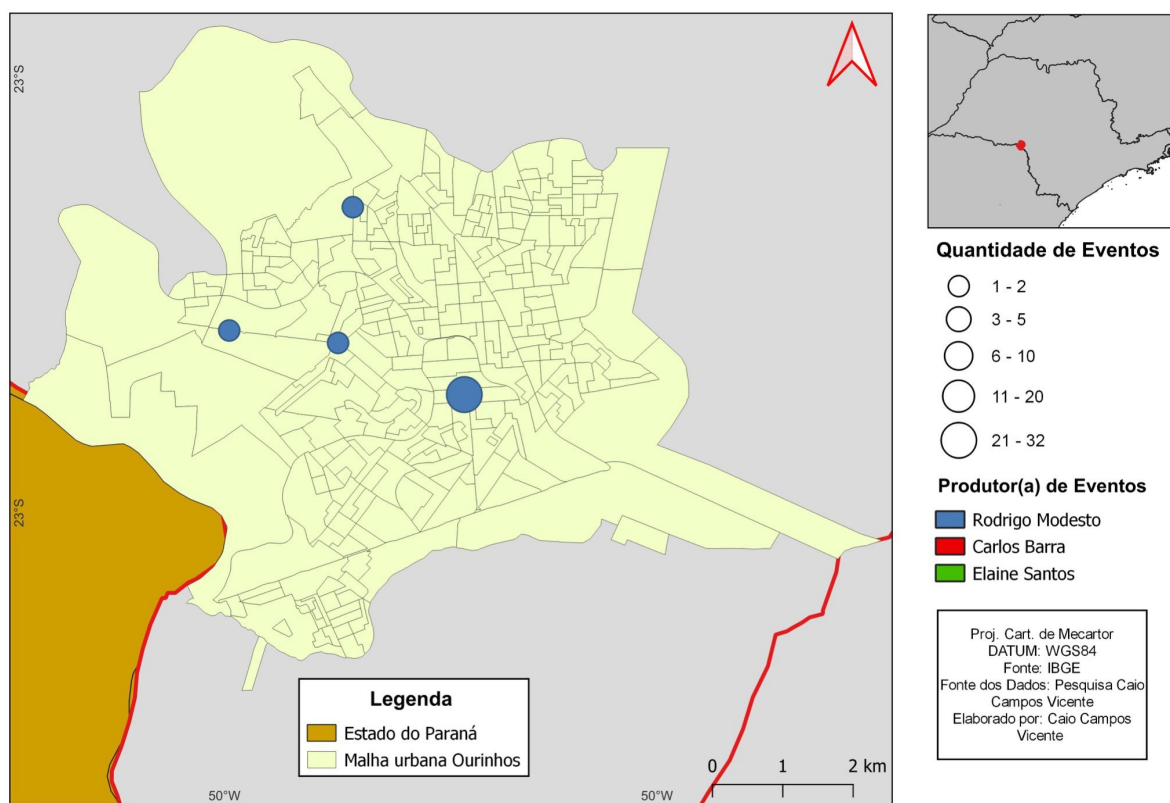


Figura 2 *Eventos produzidos por Rodrigo Modesto (2012-2022)— Fonte: Vicente (2024)*

A diferença entre o último evento produzido por Carlos Barra e o primeiro de Rodrigo Modesto, "Zona de transição", foi de cinco meses. Essa transferência foi essencial para uma adequação cultural do movimento LGBTQ+, que esperou com veemência outro evento. A vontade por outros eventos na cidade sem festas LGBTQ+, divulgou um novo evento e momento a partir das adaptações da organização.

Essa continuidade transcende o simples ato de organização de eventos, refletindo um compromisso profundo com a expressão e afirmação das identidades LGBTQ+ na cidade. Assim, a transição entre Carlos Barra e Rodrigo Modesto não foi apenas uma mudança de liderança, mas um reforço da conexão entre o movimento e o espaço urbano, consolidando o impacto cultural desses eventos na comunidade local.

Os eventos produzidos por Rodrigo Modesto consolida avanços sociais do movimento LGBTQ+, essa consolidação de eventos sociais apresenta uma celebração à diversidade no espaço público. Um papel crucial para a institucionalização do espaço, que historicamente foi marginalizado na história.

Os eventos ocorridos em Rodrigo Modesto representaram um marco histórico e cultural significativo, consolidando os avanços sociais do movimento LGBTQ+, esses acontecimentos não ape-

nas celebraram a diversidade e a luta por direitos, mas também desempenharam um papel crucial na institucionalização de espaços que, historicamente, foram marginalizados.

Através desses eventos é possível afirmar a certeza do lugar e garantir a perpetuação do espaço, estabelecendo um ambiente seguro e acolhedor para a comunidade LGBTQ+.

Refletindo a criação de eixos de segurança e fluxo no centro urbano, permitindo a materialização desses espaços como parte integrante da dinâmica social e cultural da cidade.

A concretização desses espaços não só promoveu a inclusão e visibilidade da comunidade LGBTQ+, mas também contribuiu para a reconfiguração do espaço urbano, tornando-o mais inclusivo e representativo das diversas identidades que compõem a sociedade contemporânea.

A estabilização de eventos LGBTQ+ sedimentou o desenvolvimento territorial da cidade. A existência de um local seguro e acessível, pelo menos uma vez por mês, para divertimento e expressão cultural garantem a emancipação cultural.

Além disso, o fluxo contínuo de pessoas nesses eventos, das cidades arredores colocou Ourinhos e a área central da cidade como espaço urbano, permitindo os corpos LGBTQ+ visibilizarem e reconhecimento do espaço público.

Esse reconhecimento do espaço, não apenas reforma a presença dessa cidade na comunidade, atuando na lembrança da competência e importância de incluir os corpos LGBTQ+ na esfera da vida social. A figura 3, destaca os eventos produzidos por Elaine Santos, no período de 2018 - 2023.

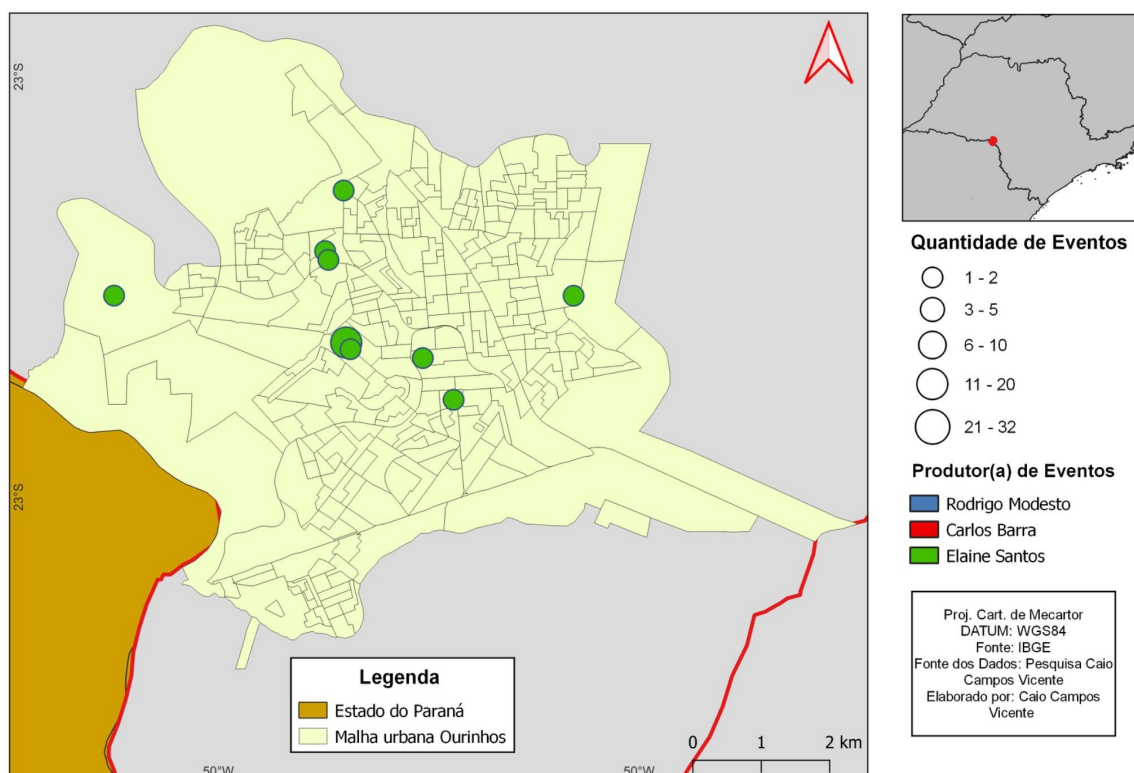


Figura 3 - Eventos produzidos por Elaine Santos, “Festa Lacre” Fonte: Vicente (2024)

Rodrigo Modesto trabalhou como vendedor de convites de Carlos Barra, Elaine Santos desempenhou um papel importante na relação com Rodrigo Modesto. Na realidade, Elaine Santos representa mais que uma simples continuidade, simboliza a perpetuação do tempo e da consolidação do corpo femininos como uma força de produção de eventos, ao contrário, ao invés de personalizar com o sobrenome, identifica o "eventos", a "festa" personificou,

A "Lacre", como uma marca de identidade cultural e social LGBTQ+ no interior de São Paulo, que diferentemente de Carlos Barra e Rodrigo Modesto, centraram suas disputas em torno de locais físicos social e político no centro histórico da cidade, Elaine Santos e a festa Lacre direcionaram suas atividades para áreas de fluxo econômico.

A transferência do centro político e social de Ourinhos, para um fluxo econômico de um novo conceito urbano, mais moderno, colocou "Festa Lacre" de Elaine Santos na representação e na reorganização do espaço e identidade LGBTQ+ na cidade.

Esse novo arranjo espacial reflete a emergência da nova identidade LGBTQ+ e nos marca o jogo de poder de compra e pelo consumo privado do espaço, distanciando das antigas demandas de ocupação de espaços e das conquistas de território.

Nesse novo contexto, o corpo LGBTQ+ em Ourinhos não busca mais "ter uma noite" ou "conquistar um espaço", mas paga por um espaço, assim como outros corpos não dissidentes que historicamente organizaram o poder no espaço público.

Esse movimento não apenas redefine as dinâmicas de poder na cidade, mas também insere o corpo LGBTQ+ em um jogo econômico onde o acesso e a utilização do espaço estão diretamente vinculados ao poder aquisitivo.

O jogo de poder, agora influenciado por uma sociedade globalizada e de classes, emergente nas relações sociais dos pequenos/médio centros urbanos como Ourinhos. Com os avanços nos direitos sociais, o movimento LGBTQ+ se desloca de uma disputa por territórios físicos para um jogo de poder mais complexo, onde as perspectivas de consumo e apropriação privada dos espaços desenvolvem novas geografias e identidades para o movimento.

A complexidade social gerada pela cultura LGBTQ+ manifesta em diversas camadas, especialmente na interação entre a cultura privada e a pública. As paisagens culturais públicas, influenciadas pelas práticas e valores da cultura privada LGBTQ+, refletem um desenvolvimento social concomitante por novas formas de expressão e reconhecimento na esfera pública.

Dentro dessa complexidade, "o anonimato", "o silêncio geográfico", a falta de poder econômico e as relações sociais mais radicais desempenham perspectivas de poder. A ausência de recursos tradicionais, como capital financeiro ou influência política, força a comunidade LGBTQ+ a

buscar formas alternativas de exercer poder, frequentemente por meio de redes sociais, ações coletivas e manifestações culturais que subvertem as estruturas de poder estabelecidas.

Essas dinâmicas radicais, embora muitas vezes invisíveis na superfície, são fundamentais para a formação de uma sociedade que reconhece e valoriza a diversidade e a resistência.

A entrada da festa/palavra "Lacre" no espaço público marcou o início de um processo de deturpação e ridicularização que resultou em seu eventual silenciamento. Originalmente carregada de empoderamento e afirmativa nas bocas de jovens negros LGBTQ+ nas periferias dos grandes centros urbanos, o "lacre" foi apropriada pelo movimento LGBTQ+ como um símbolo de resistência e autoafirmação.

No entanto, ao ganhar visibilidade fora desses contextos, a palavra sofreu um processo de esvaziamento de seu significado original, ao se difundir na esfera pública, a expressão "lacre", a qual foi rapidamente descontextualizada e transformada em um termo pejorativo, semelhante ao uso depreciativo de palavras como "viado" ou "bixa."

Essa apropriação negativa não só esvaziou o poder de resistência contido na palavra, mas também serviu para silenciar novamente as vozes daqueles que a popularizaram. O "lacre" foi, assim, "lacrado," encapsulado em uma nova perspectiva que não só ignora, mas também desvirtua o significado e a luta das comunidades que o criaram.

Esse processo de deturpação reflete as dinâmicas de poder que ocorrem quando expressões culturais originadas nas margens da sociedade são absorvidas pela cultura dominante, em vez de serem reconhecidas e celebradas, essas expressões muitas vezes são distorcidas, reduzidas a caricaturas e utilizadas como instrumentos de opressão, perpetuando o ciclo de marginalização daqueles que as criaram.

Elaine Santos: A Mulher que Se Transformou em Festa e o "Lacre" Social de Ourinhos, uma figura central na cena cultural de Ourinhos, tornou-se não apenas um ícone, mas uma festa de representação de um "lacre" social que simboliza a emancipação cultural LGBTQ+ na cidade, a trajetória reflete e redefine o diálogo das relações políticas e sociais, especialmente no contexto das dinâmicas urbanas de poder.

Ao engajar-se com os proprietários dos meios urbanos, Elaine Santos alterou a perspectiva de poder, o que, por sua vez, impulsionou novas formas de comportamento de consumo.

Nessa dinâmica, o ato de "pagar para se tornar LGBTQ+" ou de aderir a um padrão de consumo médio, ainda que marcado por recortes específicos, revela a transformação do movimento LGBTQ+ em um elemento geográfico significativo.

Essa transformação não apenas configura as relações de poder e a cartografia urbana, mas

também altera como o espaço é percebido e utilizado. O movimento LGBT+ passa a ser um agente ativo na construção da geografia social de Ourinhos, influenciando a maneira como as relações sociais e de poder se manifestam no espaço urbano. A figura 4, destaca os eventos produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos (2006-2023).

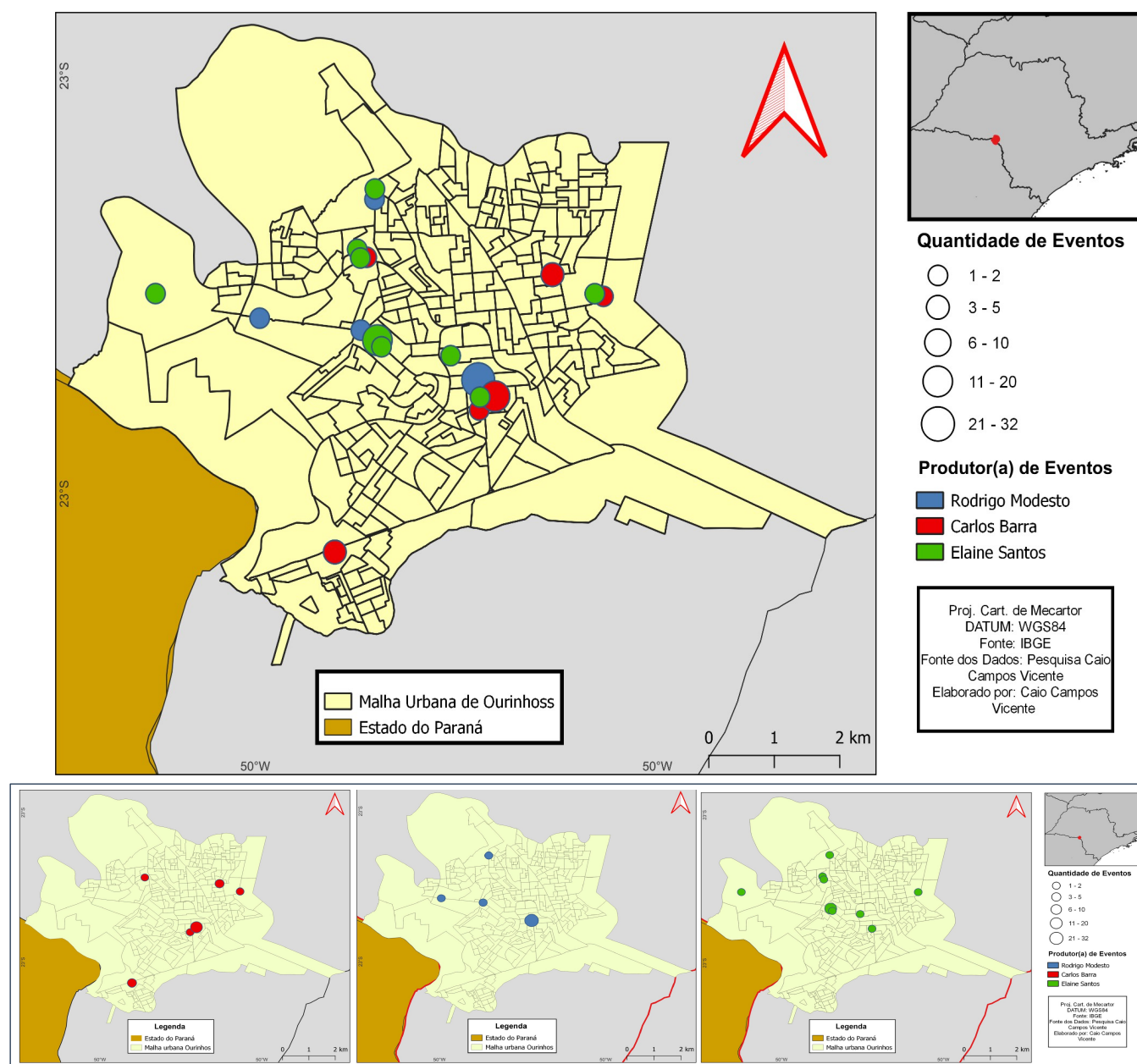


Figura 4 – Eventos produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos (2006-2023) Fonte: Vicente (2024)

Ao longo do processo de urbanização, histórico-geográfico, as transformações sociais acompanharam as mudanças sociais e econômicas da sociedade, nesse contexto, em ourinhos observamos uma mutualização LGBT+ do espaço urbano, onde as identidade e culturas comunicam com a interação e influência na forma e significados da vida urbana.

A partir da transição "das periferias ao centro" das cidades, o movimento LGBT+ de Ouri-

nhos e seus eventos não apenas migrou fisicamente, também consolidou uma característica social marcada em um espaço geográfico.

Esse movimento social, é fundamental para entender a formação do espaço, além de fisicamente, as demandas sociais de uma sociedade contemporânea com o desenvolvimento da teoria queer e da geografia, o possível identificador de análise e especificadas da escalabilidade e territórios nos espaços, a ocupação e a reivindicação da comunidade LGBTQ+.

Esse estudo revela que tais espaços configuram não apenas os locais de convivência, mas territórios e símbolos que refletem a paisagem e reforçam a identidade coletiva. Assim, esses eventos são os desenvolvimentos sociais desse movimento que reflete uma política contínua de espaço e representação.

Com isso, os lugares na cidade torna-se algo de resistência e afirmação, aqui evidencia a importância de reconhecer e valorizar a geografia que compõem esse tecido social e urbano.

Ao refletir sobre esses eventos, atribuímos a condição homossexual, proposta por Costa (2011): "as regionalidades, as relações entre grandes cidades e cidades pequenas e o mercado", aqui essa reflexão entre pequeno e grande, está o médio e a reflexão sobre o tema.

A territorialização das práticas afetivas, vivências pessoais e contextos regionais, entre Ourinhos, o estado de São Paulo e Paraná, observando que tanto as culturas regionais/urbano-locais e a diferença geográfica da posição demonstram uma prática e interações LGBTQ+ no contexto dos sujeitos

O desenvolvimento comercial (equipamentos comerciais) interfere nos indicadores de práticas e estética (nos corpos) dos sujeitos e interações, ao codificarem condições de determinados "tipos" de LGBTQ+ e sua múltipla identificação e separação/territorializações da população, que orienta sexualmente a mesma. Ao observar esses eventos, segundo Costa (2011),

[...] quanto maior a cidade, maior e a diferenciação de práticas, comportamentos e estética de certos grupos de homossexuais, justamente em virtude da diferenciação dos lugares nos quais as convivências homoeróticas e/ ou homoafetivas se desenvolvem, muito influenciado que são pelo desenvolvimento do mercado em um maior número de estabelecimento, que reproduzem a ideia de certos elementos constituintes da interação seletiva, e, assim o estabelecimento de uma cultura situada. (COSTA, 2011, p.349)

A diferenciação dos grandes centros urbanos para pequenas e médias cidades, são as práticas LGBTQ+ que diferenciam os comportamentos e estéticas mais acentuadas, influenciado o espaço de convivência a uma diversidade de lugares, onde se desenvolve a diferença e a construção (COSTA, 2011).

Com isso, o desenvolvimento do mercado LGBTQ+, mercado de consumo com a imigração

da paisagem, diferenciado as práticas urbanas das práxis LGBTQ+, dessa diversidade (COSTA, 2011).

A diversidade do lugar, onde a convivência LGBTQ+ se desenvolve, contribui para a diferenciação entre o espaço público e privado, o qual desenvolve um mercado, com um avanços nos estabelecimentos voltando para si, reforçando a diversidade comportamental da interação seletiva que se desenvolve para a criação de uma de cultura, da qual:

[...] a cidade pequena dificulta a expressão e as práticas homoafetivas pela possibilidade de regulação social que um espaço de pequenas dimensões possibilita a regulação social que um espaço de pequenas dimensões possibilita. Entretanto, a pequena cidade permite a convivência de diversidades, e isso porque nela não existe um mercado consumidor capaz de manter equipamentos próprios para encontros homoafetivos. Assim, as práticas homoeróticas se mesclam com festas e eventos locais, em meio a vários outros grupos. Essas interações entre diferentes tipos de cidade e expressões de práticas homoeróticas são outro caminhos a ser desenvolvido pela Geografia (COSTA, 2011, p.350).

Como o espaço reduz a maior proximidade entre os habitantes em cidades pequenas facilita a vigilância social e a regulação das práticas LGBTQ+? O regulamento social em pequenas e médias cidades cria a diversidade e convivência, porém diferentes dos grandes centros urbanos onde o mercado consumidor especialidade pela comunidade LGBTQ+, nos pequenos/médios urbanos, resulta na diferença da convivência entre os grupos sociais e os eventos e festas locais.

Como os corpos LGBTQ+ se aglutinam nos espaços públicos, a falta de locais específicos em cidades menores, cria interações no espaço urbano, com isso na cidade. As cidades médias em relação às práticas LGBTQ+ tem o impacto entre as diferenças na cidade e a comunidade LGBTQ+.

A expressão das práticas LGBTQ+ nas cidades médias revela nuances significativas. Enquanto as grandes metrópoles oferecem cenários mais diversificados e visibilidade para a comunidade, as cidades médias, embora apresentem desafios como menor visibilidade e menor acesso a serviços especializados, também podem ser palco de fortes vínculos comunitários e resistência local, moldando experiências únicas para a população LGBTQ+

Assim como cidades médias, a "regionalização também é uma questão interessante, percebendo um componente de regionalidade que influencia certas representações sobre o homoerotismo, certas condições de ações dos sujeitos em diferentes contextos urbanos"

Contraste regional entre o Sul (com norte pioneiro (Londrina e Maringá), a proximidade de Jacarezinho e Curitiba, um recorte do norte pioneiro com a capital paranaense) e o Sudeste (onde se encontra Ourinhos, além das influências de Marília, Bauru e São Paulo, o centro oeste paulista com a capital do Estado de São Paulo e a maior cidade do Brasil.

Um contraste regional entre a rigidez da sociedade sulista vinculada a intensidade da objeti-

vação da produção institucional, social e moderna, que regula comportamentos sociais, principalmente que valoriza o conceito da sociedade ocidental (COSTA, 2011).

A rigidez da regionalidade cultural quando à sexualidade torna também rígidas as representações dos sujeitos, dicotomizados, bem com mais interessante situados as suas objetivações quanto aos corpos, prazer e os atos sexuais. Suas representações, pensamentos e ações apresentam-se como geografias mais rigidamente tipificada do que em outros contextos regionais: ocorre comumente a relação que dicotomiza ativo e passivo, macho e afeminado, gay assumidos e gay enrustido e, principalmente no interior [...], vivências condicionais a duplicidade de uma vida baseada nas representações de uma heterossexualidade em que homens asados e machos esporadicamente, de forma muito sigilosa, se relacionam com outro homens cujos trabalhos estéticos e práticas sexuais também rigidamente reproduzem o masculino e feminino (COSTA, 2011, p.352).

A dicotomia da identidade sexual no espaço, nas consequências das vivências pessoais, com a forma de como a rigidez cultural regional influencia na objetivação dos corpos e das relações com o prazer, limitando as expressões de sexualidade.

A existência da geografia das sexualidades, tipifica os contextos regionais, e com isso as expectativas claras sobre o comportamento sexual, como normas e expectativas do comportamento de vida. A experiência de vida/espço urbano, especialmente no interior, onde a sexualidade é a norma, com isso afeta as relações entre homens e mantém relacionamentos secretos com outros homens.

Com as reproduções das normas sociais, nas relações homoafetivas a influência da rigidez cultural e regionalidade.

A enorme multiplicidade de representações estéticas, formas de interações e comportamentos coletivos e indiciais quantos, no estado apresenta a vinculação da necessidade de identificar os sujeitos, grupos e lugares.

Os espaços de sociabilidade LGBTQ+ como bares e boates revelam uma rica diversidade de experiências e práticas, que desafiam as normas e expectativas sociais. Nesse contexto, a relação entre sexualidade, cultura e religião emerge como um campo fértil para análise.

Ao investigar esses ambientes, percebemos que as representações sobre o corpo, as estéticas e as práticas sexuais são construídas de forma singular, influenciadas por diversos fatores, como a história local, as tradições culturais e as dinâmicas sociais. A presença de elementos de diferentes culturas, como as indígenas, pode contribuir para uma maior flexibilidade e diversidade nas expressões de gênero e sexualidade.

Os bares e boates de frequência de sujeitos orientados pra o mesmo sexo podem representar um diversidade de relações afetivas e sexuais, que misturam ações e representações numa diversidade de experimentos para diferentes sujeitos. Isso talvez se apresente pelo componente de religiosidade da cidade, que não se produziu pelo forte veículo cultural e moral europeu, cristão e católico, fazendo-se misturar várias culturas indígenas, por exemplo, em que o tratamento quanto a sexualidade pode ser o mais variável possível, tornando as representações sobre o corpo, as estéticas e as práticas sexuais não importante de serem significadas, mas mais livre de

"Os bares, boates, banheiros e esquecimento", refletem como a paisagem LGBTQ+ tem uma cultura pública e privada. Que com o desenvolvimento urbano e da geografia urbana, as dinâmicas dos frequentadores, os sujeitos orientados sexualmente configura uma cartografia frequente de sujeitos, onde as relações configuram uma cartografia alternativa da cidade, onde vivência e relações geográficas (VICENTE, 2018).

Esses eventos analisados, produzido por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, revelam uma coexistência de múltiplas fórmulas de afetividade e sexualidade, manifestada na interação entre o corpo, a estética, o território e o espaço, permitindo a constituição de um mapa emocional de identidade, constantemente ressignificado perante aos seus frequentadores.

Por outro lado, a posição geográfica de Ourinhos, abre um reflexo LGBTQ+ de como os compostos culturais e sociais, influência na formação desse espaço sexual e cultural, mercado com sincretismos e tradições, (católica, indígena) influenciada pela diferentes influência diretamente as representações do espaço e das práticas sociais.

Ao contrário dos grandes centros urbanos, encontra uma multiplicidade de representações estéticas, formas de interações e comportamentos coletivos e individuais. Os processos culturais coletivos permitem maior flexibilidade na vivência e expressão da sexualidade, nesse contexto, a cartografia do espaço (COSTA, 2011).

A cartografia das festas pelos organizadores no espaço urbano reflete não apenas a presença física de bares, boates e eventos, mas também as interações simbólicas entre diferentes formas das práticas sexuais que nela se inscrevem.

Assim, a paisagem LGBTQ+ de cultura pública e privada é urbana e entendida como uma construção social e simbólica, que vai além da materialidade física dos espaços. Nesse caso, os "eventos" incluem bares e boates, casas noturnas, espaços de aniversário, frequentados por sujeitos LGBTQ+.

A paisagem emerge como um construto social fluido e dinâmico, onde as interações entre corpo, sexualidade e práticas culturais moldam constantemente o espaço. Nesse contexto, a paisagem se torna um território de experimentação e liberdade estética, livre de significados fixos e normativos. As relações sociais que se estabelecem nesse espaço são marcadas pela negociação contínua de sentidos e pela construção de identidades plurais e complexas.

Com isso, a representação da paisagem urbana inclui uma leitura da geografia queer, de uma geografia cultural LGBTQ+ que envolve a relação entre espaço e o corpo, associados as práticas soci-

ais, onde a "diversidade" é não apenas visível, mas essencial para a construção identitária dos sujeitos. A geografia das sexualidades, colocada por Benhur Pinós da Costa (2002, 2008, 2011).

A geografia das sexualidades, compreende o espaço e sociabilidade, oferecendo um campo de estruturas sociais e de controle de poder, corpo e sexualidade (estruturais coloniais, a presença de influências indígenas na formação das práticas sexuais e culturais, percebe-se que esses espaços urbanos oferecem uma geografia alternativa, onde o corpo e suas estéticas são praticados de forma mais livre, desafiando as normatividades sexuais e coloniais herdadas do Ocidente europeu).

Ao analisar a relação da interação entre a população LGBTQ+ e os eventos, os produtores e a cidade, tem uma determinação, Segundo Costa (2011):

a) as condições culturais inseticidas na sociedade local (a regionalidade, a urbanidade, as condições do mercado cultural e de diversão; (a reprodução e objetivação de determinadas representações perante um conjunto de sujeitos que podem ser elencados como pertencentes a um grupo cultural mais direto e próximo (o que determinaria no estudo efetivamente o grupo cultural e/ou focal); a complexidade subjetiva dos diferentes sujeitos suas relações com a objetividade contida em seu grupo e as abstrações cotidianas na regionalidades, ruralidades e representações absolutas do mercado cultural (COSTA, 2011, p.354).

O que é compreendido por espaços LGBTQ+, em meio aos pequenos/médios centros urbanos, evidencia uma "condições culturais inseticidas" a qual a reprodução social e as condições de um mercado cultural reproduz com a objetividade de representar um conjunto ou grupo cultural que delimita a cultura e o estudo.

A complexa subjetividade da subversão cria relações do cotidiano de grupos abstratos representados pela (regionalidade, ruralidade e mercado cultural). A compreensão dos espaços LGBTQ+ em médios centros urbanos deve considerar as "condições culturais inseticidas" da sociedade local, conforme abordado por Costa (2011).

A exploração da regionalidade, da urbanidade e o mercado cultural influenciam a vivência desses espaços, além de considerar a subjetividade dos indivíduos que os frequentam.

A falta de espaços públicos LGBTQ+ muitas vezes força indivíduos a buscar a privacidade de ambientes privados, como residências ou festas fechadas, onde podem se sentir seguros e livres para expressar sua identidade, no âmbito urbano das cidades médias. Os bares, boates e clubes emergem como uma "emergência das territorialidades; pontos de encontros, como um refúgio da expressão, a identidade, que muitas vezes o mercado cultural coloca como um filtro de representações, objetivos e estímulos".

As "abstrações cotidianas" referem-se às normativas e preconceitos, doutrinas e ideologias permeiam a vida dos indivíduos LGBTQ+. Em muitos casos, esses preconceitos são internalizados, afetando como as pessoas se comportam em espaços públicos e privados. Isso pode levar à autocen-

sura ou ao medo de represálias, limitando a vivência plena da identidade.

A análise crítica dos espaços públicos/privados LGBTQ+ revela a complexidade das condições culturais que moldam a experiência da comunidade. A intersecção entre regionalidade, urbanidade e mercado cultural, num fragmento social de "raça, classe e gênero" cria um panorama onde a aceitação e a visibilidade variam significativamente.

Para que esses espaços cumpram seu papel de acolhimento e resistência, é essencial que as políticas públicas e as iniciativas culturais considerem a diversidade interna da comunidade, promovendo uma inclusão real e efetiva.

A desconstrução de representações objetivantes e a criação de espaços verdadeiramente seguros e acolhedores são passos fundamentais para garantir que todos os indivíduos possam viver suas identidades com dignidade e respeito. A geografia é complexa, cujas análises acadêmicas precisam ser aprofundadas e analisadas

Os eventos LGBTQ+ em Ourinhos, produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, refletem um processo de dinamização cultural que se entrelaça com o desenvolvimento da cidade.

Ao longo do tempo, essas manifestações não apenas surgiram. Elas também se consolidaram como espaços de resistência e visibilidade, contrapondo-se à normatividade hegemônica que asfixia a sexualidade de corpos dissidentes.

O espaço geográfico LGBTQ+, portanto, torna-se um campo de luta onde se articulam identidades e se reivindica espaço, um espaço social de intersecção entre as práticas culturais e as transformações urbanas evidencia como esses eventos adaptam-se às condições sociais e políticas locais, criando uma rede de suporte e pertencimento.

Assim, a visibilidade LGBTQ+ de Ourinhos emerge como um ato político, desafiando a opressão e promovendo a diversidade em um contexto que frequentemente marginaliza as expressões não normativas de sexualidade representadas no espaço.

2. - ENTRE O LUGAR LGBTQ+ E A CARTOGRAFIA SOCIAL DO “JÁ-ESTABELECIDO” E O “NÃO- MAIS-SUFICIENTE: O HABITAR O “ENTRE”

A "cartografia social (CS)" é uma proposta de cartografia geográfica comumente utilizada na Geografia por trazer reflexões sobre as realidades de comunidades fragilizadas, cujos resultados protagonizam leituras críticas acerca da realidade vivida por um grupo social (ZACHARIAS, 2024). Nesta lógica, a CS:

[...] não é meramente uma técnica de representação, mas sim uma construção de um processo social, a partir da percepção da visão de mundo daqueles que elaboram os mapas [...] onde passa a ser compreendida, como um processo e não uma técnica de representação em si, a CS tem como princípio a autorrepresentação do sujeito que se apropria do território e ali constrói sua identidade. Esse processo envolve percepção, concepção e representação (GOMES, 2017, p. 99).

Esse campo distingue-se por explorar as possibilidades do "já-estabelecido", ou seja, as práticas tradicionais consolidadas na cartografia, e o "não mais suficiente", que reflete a necessidade de inovações para lidar com as novas demandas geográficas e sociais contemporâneas.

Assim, a cartografia precisa se adaptar continuamente, incorporando novas tecnologias e perspectivas para responder à complexidade espacial do mundo atual. Para Girardi (2014),

[...] a constituição do mapa como linguagem privilegiada da Geografia, no sentido apontado pelos autores, pareceria óbvia, já que se estabeleceria o paralelismo entre a ciência do espaço (a Geografia) e a ciência da representação do espaço (a Cartografia). Observando as cartografias e as espacialidades que coexistem no contemporâneo, a questão ganha novos contornos. Convivem o já-estabelecido com o não mais suficiente. É “entre” estes dois conjuntos que se situa a pertinência e a riqueza de se fazer e pensar a cartografia na geografia na atualidade (GIRARDI, 2014, p.65).

As cartografias e as espacialidade que coexistem no contemporâneo, ganham novos contornos, como do compartilhado por esse trabalho, a partir da sexualidade e da teoria queer. Convivem o "já-estabelecido" com o “não mais suficiente”, “entre” dois conjuntos que se situa a pertinência e a riqueza de se fazer e pensar a cartografia na geografia na atualidade

Inicialmente, a semiótica cartográfica, influenciada pela linguística estrutural, focou na representação no mapa, criando um modelo de representações "já-estabelecido", e posteriormente, são introduzidas abordagens pós-representacionais, que propõem uma nova relação entre a ciência/ objeto, cartografia/mapa, pois o modelo tradicional tornou-se insuficiente frente às mudanças contemporâneas na concepção de espacialidade (GIRARDI, 2014).

O "entre" como um espaço criativo para expandir o campo da Cartografia geográfica, a "linguagem destinada ao olho", como a cartografia e o corpos LGBT+ implica dizer que todo gráfico social que dever expressar a instantaneamente a relação elementar e coletivas que os dados entre si estabelecem. Segundo a autora:

Assim, é necessário atualizar a ideia de que o mapeamento é o único sistema que expressa o conceito do “onde” e usa espaço para representar espaço, tensionando o entendimento do que é o espaço e, além, entender a força do “onde” como conceito para a geografia e para a cartografia. Ao se deslocar os sentidos de localização e orientação no mundo como condição da existência humana de uma ideia de um fixo cartesiano, arranca-se o objeto (mapa) de seu lugar (o de representação) obrigando-o a re-significar. Habitar, portanto, este “entre” é promover a mobilização da linguagem cartográfica juntamente com a produção de pensamentos espaciais, sem que os já-estabelecidos da primeira sejam a moldura, os clichês ou o aprisionamento do segundo; é entender que mapa é espaço e produz

A cartografia e o movimento LGBT+ de Ourinhos, ao se libertarem e encontrarem, dialogam o espaço como a ideia tradicional de espaço fixo, possibilita para representar as complexidades espaciais das comunidades LGBT+.

O movimento LGBT+ desafia normas sociais e territoriais, questionando limites impostos tanto na geografia física quanto nos espaços simbólicos, assim o lugar do "onde", não se refere apenas à localização, mas à reivindicação de espaços seguros e de pertencimento.

Essa perspectiva tensiona a função tradicional do mapa, que passa de um objeto de simples representação para um agente de transformação e ressignificação espacial.

Portanto, o mapa se torna uma ferramenta que não só representa, mas produz e transforma os espaços ocupados.

O lugar do mapeamento, ao refletir como determinados lugares se tornam centros de significância, explorando as relações entre espaço, afeto e subjetividade, lugares as quais são formados pela interseção entre as dinâmicas LGBT+ internas e as dinâmicas terrestres externas, "o lugar é constituído e vivido por meio da realidade .

A transformação de lugares, habitam a transferência entre os sujeitos e espaços, reflete como onde o lugar é compreendido não apenas como espaço físico, mas também como uma construção subjetiva e afetiva.

O limite entre as reflexões, voltadas à subjetividade e subversão, estabelece a como consolidação de um território LGBT+ de produção da psicanálise e da geografia, uma terra incógnita, ao inconsciente na relação e a construção da produção como conhecimento geográfico.

As reflexões entre a subjetividade estabilidade, entre a cartografia/geografia, o movimento LGBT+ entre as terras já consolidada da geografia humana e o percursos a qual o avançar por "fronteiras" já possui um território de produção.

Qual o lugar do corpo LGBT+? A inconsistência na relação, constituição e produção do conhecimento geográfico e o movimento LGBT+, como um caminho na inconsciência, que nos aproxima das construções epistemológicos dos conteúdos, para assim construir o lugar.

O lugar LGBT+ é constituído e vivido por meio da realidade enlaçada com a noção da inserida do lugar, existe somente na lógica LGBT+, que possa nomeá-lo como um lugar. O lugar LGBT+

Dessa forma, o espaço em questão pode ser compreendido como um lugar intrinsecamente ligado às realidades LGBT+. Ao conceituá-lo como tal, buscamos diferenciá-lo de outros espaços e atribuir-lhe uma identidade própria. Essa distinção é fundamental para compreender a complexidade

das experiências e relações sociais que ocorrem nesse ambiente

Ao nos referirmos a esse lugar, estamos considerando tanto sua dimensão geográfica quanto sua dimensão subjetiva. A noção “LGBT+” nos ajuda a entender como esse espaço é vivenciado pelos sujeitos LGBT+, que o habitam de forma singular e particular. Ao nomeá-lo como 'lugar LGBT+', reconhecemos a importância desse espaço na construção de identidades e na formação de comunidades.

O lugar, assim como a paisagem LGBT+ é um construto social que emerge das interações e das práticas dos sujeitos que o habitam. Ao atribuir a esse espaço uma identidade específica, estamos reconhecendo a importância das relações sociais na produção do espaço e na construção de significados. Essa perspectiva nos permite compreender como o lugar é moldado e transformado pelas experiências e pelas lutas da comunidade LGBT+

As relações entre externo e interno, não há como falar sobre lugar sem considerar o universo LGBT+, a ideia do termo paisagem LGBT+ é abarcar as dimensões que compõem o lugar LGBT+.

O primeiro é o lugar ser constituído através das relações significativas que estabelecemos com as pessoas, as quais temos um forte vínculo transferencial, torna-se o lugar, entrelaço entre as pessoas, as quais os lugares, pela realidade associa alguém a determinado lugar, o lugar se torne a pessoa, os corpos LGBT+ transforma o espaço. Os lugares LGBT+ ligados à noção de "transferência", abrange como nos conectamos com os espaços ao observado conforme constituído no intervalo, refere-se ao que está entre. Entre o vivido e o enlace do lugar, de deslocamentos e condensações, o “viver e o sair”, “sair e não encontrar” e “” buscar e perder”.

O movimento LGBT+ de Ourinhos encontra ressonância no conceito de "intervalo" e "lugar" na memória do tempo, que na vivência das identidades LGBT+ frequentemente se dá em um espaço de tensão entre o tempo vivido e o tempo reconhecido socialmente.

O lugar para essas identidades emerge nesse espaço entre repressão e manifestação, em que experiências são vividas e depois reinterpretadas, o "lugar" LGBT+ na sociedade se constrói e se transforma ao longo do tempo, sendo sempre resultado de vivências e lutas contínuas, nunca fixas, mas em constante processo de redefinição.

Com isso, a relação entre o tempo, o inconsciente e a criação de "lugares" na mente e na experiência. Ele destaca a atemporalidade do inconsciente, que não segue o tempo cronológico que estamos habituados no nível consciente.

A manifestação da representação da paisagem LGBT+ envolve questões psíquicas não pode ser medida em termos de tempo linear, tornando o conceito de "intervalo" crucial, esse intervalo é um espaço necessário entre uma experiência que precisa ser vivida e interrompida para que, no futu-

ro, outra possa surgir, uma “zona de transição”

O "lugar" vivido no intervalo e a "transferência" como um fenômeno central da geografia, psicanálise e corpo LGBTQ+ precisa de um espaço temporal que emerge e se desenvolve sem se tornar fixa ou rígida, porém fluida e aberta a novos significados.

O "lugar" refere-se a construção que só pode ser entendida retroativamente, após ter sido vivida no intervalo. Da mesma forma, o lugar da “paisagem LGBTQ+” é um fenômeno central de um espaço temporal para emergir e se desenvolver sem se tornar fixa ou rígida, mas fluida e aberta a novos significados

O lugar, longe de ser um conceito estático e objetivo, é construído e reconstruído continuamente através das experiências individuais. Partindo da ideia de que 'o intervalo nos sinaliza que o lugar não é idêntico', este trabalho investiga como a experiência do lugar se transforma ao longo do tempo e como as memórias e as expectativas moldam a percepção espacial. Ao analisar a relação entre o indivíduo e o lugar, buscamos compreender como as vivências passadas e presentes influenciam a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Com os intervalos dos eventos, na temporalidade de “um mês” simboliza que o identificado, refere-se a um lugar onde a própria vivência do lugar identificado. O lugar é a lembrança de um lugar, com isso as ações indicam o lugar não é idêntico

O intervalo entre os lugares de uma representação do espaço vivido, ligadas e nas representações. O que vivemos é um lugar, representações do lugar vivido, lembranças da paisagem ligadas ao lugar.

O lugar não é idêntico e a preservar o espaço pelo registro de suas lembranças por saberem, de alguma forma, que o lugar já não é mais o mesmo.

No encontro de um determinado lugar, observamos a tentativa de ajustar a presença de corpos, que fluem na energia de conceitos psicanalíticos e geográficos, indo ao encontro de um determinado lugar, que observo na tentativa em ajustar as conversas de pessoas. O tipo de satisfação do corpo LGBTQ+, a pulsão, de uma pessoa com objetivos parciais ou sobre o fantasioso. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997).

A experiência espacial é marcada por uma profunda subjetividade, que se manifesta através de forças pulsionais que nos movem em direção a determinados lugares, como essas forças internas, muitas vezes inconscientes, moldam a relação entre o indivíduo e o espaço.

A partir da análise de relatos biográficos, exploraremos a noção de 'lugar vivido na dobra' para desvendar os mecanismos psíquicos que subjazem à escolha e à vivência dos lugares

A relação entre o indivíduo e o lugar é complexa e multifacetada, marcada por uma dinâmi-

ca constante entre forças internas e externas, e as forças pulsionais, que nos impulsionam em direção a determinados lugares, se relacionam com as experiências vividas nesses espaços. A partir da análise de relatos biográficos, exploraremos a noção de 'lugar vivido na dobra' para compreender como a subjetividade molda a experiência espacial.

Este objeto pulsional é singular como a história de cada um e pelo modo como cada pessoa se coloca no mundo. Então, existe uma força ligada aos processos psíquicos, que nos move em certa direção. Observe: força mo- vente, certa direção, modo de estar no mundo. Alguma aproximação com o que foi revelado nas conversas biográficas? Esta força que nos impele também nos leva ao movimento para encontrar ou evitar certos lugares. As pessoas não se põem em movimento sem que haja um investimento libidinal ou sem que algo as mova. Esta é mais uma característica da ideia do lugar vivido na dobra: uma força interna que move o sujeito a uma ação no mundo. No entanto, esta não é uma ação aleatória e não necessariamente sabida pelo sujeito. Vimos que as pessoas se moveram em direção aos lugares, mas não sabemos efetivamente os motivos pelos quais esta força os impulsionou. (DIAZ, 2019, p.159)

O movimento LGBTQ+ de Ourinhos, compreendido como uma expressão das “forças pulsionais” que movem sujeitos em direção ao reconhecimento, pertencimento e vivência de suas identidades. A "força ligada aos processos psíquicos" como já expressado, impulsiona o agir no mundo. No contexto LGBTQ+, essa força se manifesta busca por espaços seguros, onde as identidades possam ser vividas plenamente, sem as limitações impostas pelo preconceito e pela discriminação, o espaço privado.

Os corpos LGBTQ+ se movimentam em direção a esses lugares, movidas por um investimento libidinal do desejo (reprimido socialmente) de reconhecimento e aceitação. No entanto, como afirma o texto, essa ação não é aleatória; há uma direção implícita nessa busca por lugares onde possam ser vistas e compreendidas em sua complexidade.

A modelação interna é o que sustenta a luta por direitos, por visibilidade e por liberdade, mesmo quando as razões que movem esses sujeitos não são inteiramente conscientes.

Dessa forma, a mobilidade LGBTQ+ é interpretada não apenas como um movimento físico, mas como uma ação simbólica em direção à liberdade subjetiva e à construção de lugares de pertencimento, onde suas existências podem ser legitimadas e vividas em plenitude.

Os lugares se encadeiam nas narrativas e promovem sobreposição e deslocamentos sentidos entre si, uma ligação que busca lugares para manter relações, com isso os lugares e seus significados da vida cotidiana. Os lugares estão em cadeia e não existe uma escolha aleatória para um lugar poder ser entrelaçado.

Ao ouvir os sujeitos LGBTQ+ na pesquisa narrarem seus lugares pelos eventos, com lugares de uma memória LGBTQ+ sem fim a partir das pessoas, seus lugares e prestativas, que identificam as narrativas em determinados lugares em que as pessoas evocam outros em seu dizer, também é nos mostrar este enlace dos lugares, o lugar público LGBTQ+

O objeto da história LGBTQ+ do sujeito também pode apresentar características de um objeto subversivo, de um objeto de afetos e memórias encarnados em uma pessoa, que geograficamente, a torção busca o objeto amado sendo atravessada pela busca de um lugar ligado ao afeto e segurança.

Nesse sentido, o “objeto pulsional”, como coloca a autora, também teria sua torção para lugares que o sujeito é movido ou realiza-se em movimento. As “reuniões\encontros\festas” estão repletas de pessoas e movimentos. O lugar não é idêntico, como do movimento LGBTQ+ encontrar o objeto que se busca?

A identificação LGBTQ+ manifesta a ligação afetiva, identificando o lugar da escolha do objeto e a escolha de como a representação da paisagem de identificação. Dessa forma, trata-se de um mecanismo em que alguém pode ou quer se colocar na mesma situação que outra pessoa. Ao realizarmos a torção, geograficamente podemos considerar que, através da identificação, as pessoas buscam algo a ser vivido em determinado lugar.

As pessoas e o lugar, a integrar esta relação de busca, também revelaram que as pessoas, identificar com algo que foi vivido em algum momento da vida, então buscam criar o que acreditam ser a mesma atmosfera.

A sensação que temos é que a linguagem, principalmente a LGBTQ+ é de um o lugar emerge de lugar se constitui no depois e na experiência, do lugar, de um ponto geográfico, vivendo sob signos ou através da realidade LGBTQ+.

Dizer que o lugar LGBTQ+ em Ourinhos não existe, é dizer mentira, falsidade ou invenção. É dizer que está em outro lugar, está no anonimato. O não está ali como tal, porque, dessa forma, não existe. O lugar com sua significação está em nossas lembranças, sonhos e afetos.

O movimento LGBTQ+ se insere na análise espacial a partir da ideia de que o lugar, os espaços LGBTQ+ são historicamente marginados, como bairros LGBTQ+ nos centros urbanos anglo-saxônicos ou territorialidade perto dos trópicos. Esse espaço não é uma entidade fixa, mas produtos de múltiplos significantes e trocas simbólicas que os tornam dinâmicos e mutáveis.

Ao ocupar e ressignificar esses espaços, o movimento LGBTQ+ de Ourinhos desestabiliza a noção de lugar como algo original, revelando uma multiplicidade de narrativas que compõem a experiência e a identidade territorial.

O lugar LGBTQ+, é um exercício incorporado no público e privado dos mundos pessoais e do mundo externo ao conhecimento geográfico. Nesse tópico a cartografia social. *“Entre” o já estabelecido e o não mais suficiente* de Girardi (2014), com o lugar LGBTQ+. O já estabelecido como linguagem cartográfica e sua abordagem e *“forma-conteúdo-contexto.”*, os eventos LGBTQ+ produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, assim como o mapeamento *desses even-*

tos, foi um sistema de expressão.

O conceito do “onde” e usa o espaço para representar o espaço, tensionando o entendimento do que é o espaço e, além, entender a força de “onde”, objeto/lugar, mapa/ representação obrigando-o a “re-significar o espaço”, onde habitar o “entre” e promover a produção de pensamentos espaciais, o espaço produz espaço (GIRARDI, 2014)

O movimento LGBTQ+ de Ourinhos ressignificou o espaço, com uma intensa disputa territorial, transformando como os espaços são percebidos e vivenciados.

Assim, o espaço LGBTQ+ em Ourinhos se torna um campo de batalha simbólico, onde a identidade territorial se afirma, para a construção de um ambiente inclusivo e acolhedor.

Portanto, a relação entre espaço e movimento LGBTQ+ é a dinâmica para a evolução cultural de Ourinhos, os desafios são consolidar conquistas em um contexto mais amplo.

3. - NEM DETERMINISMO BIOLÓGICO, NEM DETERMINISMO AMBIENTAL - A PRIMEIRA PARADA LGBTQ+ DE OURINHOS.

A descoberta da organização da parada LGBTQ+ em Ourinhos, no decorrer da pesquisa de campo, promoveu uma reviravolta metodológica. A pesquisa, inicialmente centrada na lacuna de espaços públicos e privados destinados à comunidade LGBTQ+ de Ourinhos, passou a ter como foco central na análise de um evento que se constitui como um marco histórico na luta por direitos e visibilidade.

Com isso, a inserção desse novo elemento no escopo da investigação demonstra a dinâmica e a complexidade dos processos sociais, demandando uma constante adaptação das ferramentas e perspectivas analíticas.

A 1ª Parada da Resistência em Ourinhos, realizada no dia 18 de fevereiro de 2024, representa um marco significativo na luta pela inclusão e visibilidade da comunidade LGBTQ+ na cidade.

O evento, que contou com diversas apresentações artísticas e musicais, não apenas celebrou a diversidade, mas também funcionou como um catalisador de mudanças sociais.

A escolha do nome "Resistência" evidencia a necessidade de enfrentar as diversas formas de discriminação que ainda persistem na sociedade, que na pesquisa de campo, que buscava identificar a ausência de espaços dedicados à comunidade, encontrou na parada um ponto de convergência e transformação.

A análise desse evento permite compreender como a mobilização social pode gerar mudanças concretas na realidade local e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclu-

siva.

A declaração de Andréia Maria dos Santos sobre a 1ª Parada da Resistência em Ourinhos, no ano de 2024 revela a intenção de criar um ambiente acolhedor e livre de preconceitos, essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

A Lei Paulo Gustavo, ao financiar iniciativas culturais e artísticas, desempenha um papel fundamental na promoção da diversidade e na luta contra a discriminação. A 1ª Parada da Resistência em Ourinhos exemplifica como essa legislação pode ser um instrumento poderoso para fortalecer a cultura LGBTQ+.

A "Resistência" ao invés de um "Orgulho" para que evento evidencia a relação entre a lei e a luta por direitos, demonstrando que a cultura pode ser um espaço de resistência e afirmação de identidades, que a lei, ao reconhecer a importância da diversidade cultural, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A ausência de espaços seguros norteou os eventos específicos para a comunidade LGBTQ+ em Ourinhos, evidenciada pela própria organização da parada, revela a urgência de transformar a cidade em um ambiente mais inclusivo.

A ocupação da Praça Mello Peixoto, um espaço público tradicionalmente utilizado para eventos diversos, demonstra a capacidade da comunidade de reivindicar e transformar esses espaços, tornando-os mais representativos da diversidade da população.

Além disso, a Parada da Resistência impacta os espaços privados ao desafiar normas e padrões de comportamento, promovendo a discussão sobre temas como identidade de gênero, orientação sexual e discriminação. A visibilidade da comunidade LGBTQ+, contribui para a construção de um novo imaginário social, onde a diversidade é valorizada e a discriminação é combatida.

A perspectiva de realização de edições anuais da Parada demonstra a intenção de consolidar esse processo de transformação mobilizando a comunidade LGBTQ+ de Ourinhos e o apoio de instituições para garantir a continuidade do evento e para amplificar seu impacto.

A articulação com a Lei Paulo Gustavo, por sua vez, evidencia a importância das políticas públicas para o fortalecimento da cultura LGBTQ+ e para a promoção da diversidade no espaço público, que em suma sinaliza mudanças sociais e culturais nos paisagismos da paisagem LGBTQ+ de cultura pública e privada, visibilizando os corpos do movimento LGBTQ+ na construções de ambientes de fuma livre e autêntica, que garante um passo importante para a celebração dos corpos. A Figura 5 da praça Melo Peixoto.

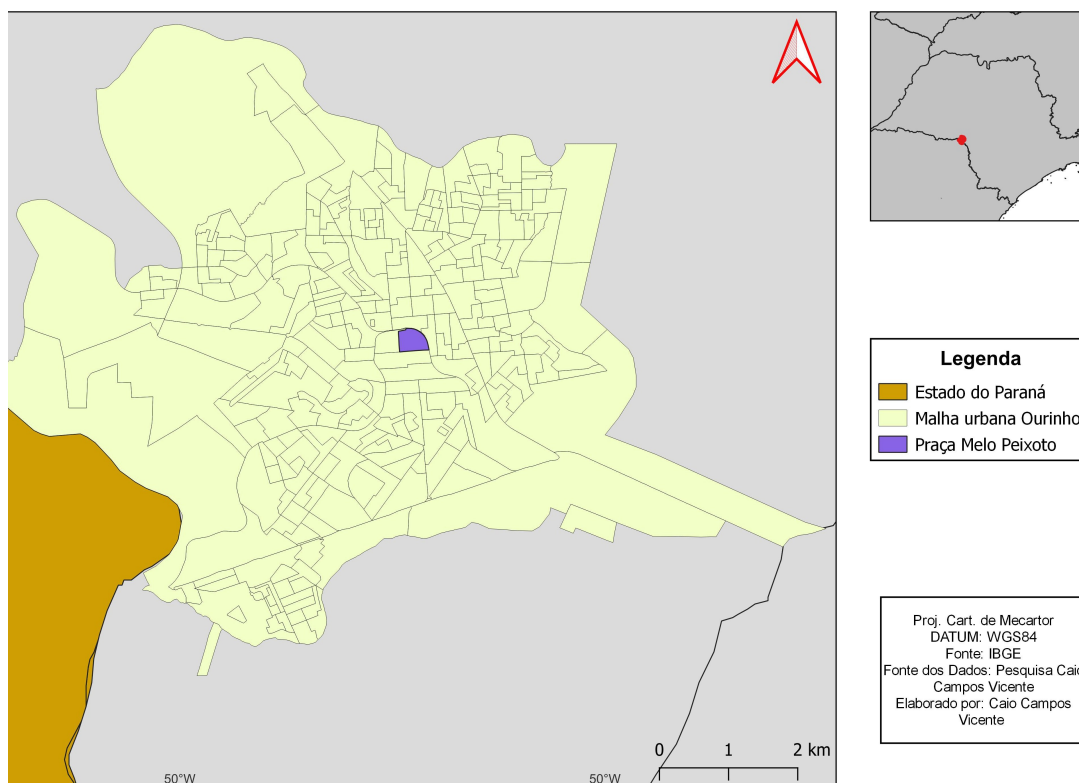


FIGURA 5- Mapa da praça Melo Peixoto (local publico da 1 parada da resistencia LGBTQ+ de Ourinhos, 2024). Fonte Vicente (2024)

Ao perpassar pelos espaços privados e chegar ao espaço público, o movimento LGBTQ+ dialoga com o tempo, assim que na tentativa de conhecer o comportamento humano, complexo e com cadeiras explicativas causais como afirma Wolf (2021).

Além de características complexas, sempre determinais o ambiente color delimitar para a sexualidade, o que de fato interage com o ambiente biológico, porém ambas acham uma forma simplificada e exagerada, “a interação entre meio ambiente e biologia” colocou o movimento LGBTQ+ em territórios e lugares complexos. (WOLF, 2021).

Essa interação entre meio ambiente e biologia e as complexidades envolvidas na discussão dos dois elementos tem profundas implicações no debate sobre a formação da sexualidade e do gênero. Algumas organizações LGBTQ, principalmente a campanha dos Direitos Humanos - que divulga um kit de imprensa da teoria do gene gay ajudará a conquistar os direitos civis e decorrerá a discriminação. Inclusive, a abordagem deles é semelhantes aquela adotada por um dos primeiros defensores de eliminação das leis da sodomia. (WOLF, 2021, p.288)

A criação do primeiro espaço LGBTQ+ em um espaço público, transcende a mera construção física, simboliza a materialização das formas geográfica de um movimento social, um marco por disputa de território, de uma comunidade historicamente marginalizada. Ao proporcionar um ambiente seguro e acolhedor, esses espaços contribuem para a construção de identidades e fortalecem os laços comunitários.

Com isso, ao sair do espaço privado e ir ao público, é crucial desvincular essa conquista da simplista teoria do "gene gay". Oriunda da homofobia clínica, como discurso por Borillo (2013), reduzir a orientação sexual a fatores biológicos, ignora a complexidade da identidade geográfica, que é moldada por um conjunto de fatores sociais, culturais e históricos.

Ao atribuir ao movimento LGBTQ+ a um gene, essa teoria não apenas simplifica a realidade, mas também pode ser usada para justificar a discriminação, sugerindo algo imutável e intrínseco ao indivíduo.

Vincular os direitos civis à biologia evita o ponto central: que os seres humanos merecem tratamento humano igualitário, independentemente do que os outros pensam sobre suas preferências sexuais. Além disso, a direita tem sido capaz de cooptar o argumento biológico, propondo ideia sobre como "curar" fisicamente a homossexualidade é uma doença genética, como anemia falciforme, então pode ser encontrada uma solução médica para o "problema" (WOLF, 2021, p.288).

Entre a noção política retórica e o movimento LGBTQ+ curado, a um equívoco social implícito na sexualidade e nos seus comportamentos, o que são "gene" indica um funcionamento diferente de como somos popularmente discutidos.

Qual a prova científica desse trabalho? A prova científica causa uma "genética" para o comportamento sexual, isso não impedirá a opressão das pessoas LGBTQ+, afinal a biológica usando a cor da pele para a discriminação generalizada o mais escuro persistente.

Não podemos identificar pessoas LGBTQ+ em qualquer tempo e lugar, que teria acontecer caso a sexualidade fosse determinada biologicamente. Não é historicamente nem culturalmente correto argumentar que a atividade sexual entre homens mais velhos (que também fazem sexo com mulheres) e meninos mais jovens na Grécia antiga, atividade sexual com o mesmo sexo dentro das previsões (onde as opções são, por definição, limitadas) e o sexo consensual entre dois homens no Brooklyn no século XXI equivalem a comportamentos de um mesmo tipo sexual humano. (WOLF, 2021, p.291)

A afirmação de que "não podemos identificar pessoas LGBTQ+ em qualquer tempo e lugar" reflete os acontecimentos históricos da humanidade. A complexidade do movimento LGBTQ+ colocou como expressão gênero e sexualidade ao longo dos séculos em diferentes contextos da história.

A sexualidade é uma construção social que molda normas, valores e relações de poder, desde o mito da Grécia Antiga, das relações sexuais previstas em contextos limitados e relações consensuais entre homens no século XXI, evidencia-se a falácia de reduzir a experiência LGBTQ+ a uma categoria única e universal. (BORILLO, 2013; WOLF, 2021)

A sexualidade foi oprimida como um processo global, e essas práticas colocaram os membros do mesmo sexo em contextos sociais, culturais como significados de implicações adquiridas.

A invisibilidade da heterossexualidade, que nega a complexidade da identidade sexual e de

gênero e manifesta as vontades ao longo do tempo, com isso a dado biológicos fixos e ambiental mutável, fixa em uma experiência fluida e moldada em múltiplos setores que envolve a cultura, poder, gênero, raça e classe: a interseccionalidade. (SILVA, 2014)

A preponderância do binário sexual na maioria dos estudos “genes” LGBTQ+ vai contra pesquisas empíricas de longa data da experiência da vida de algumas LGBTQs grande parte da identidade sexual é fluida e não fixa.

O que podemos afirmar com certeza é que a sociedade de classes modernas criou condições materiais para que uma multiplicidade de desejos sejam realizados — ou frustrados. Embora sejamos fisiologicamente adequados a uma ampla gama de opressões sexuais, aquelas que os indivíduos decidem seguir depende de uma grande rede de códigos ambientais e sociais. Enquanto vivemos em uma sociedade onde as normas sociais limitam e suprimem nosso comportamento sexual, não poderemos de fato saber com os humanos se comportam sexualmente se uma liberdade de escolha ilimitada existisse. (WOLF, 2021, p295)

A sociedade de classes, ao construir códigos materiais e simbólicos, moldou os corpos e desejos de forma a perpetuar desigualdades.

A "LGBTfobia", por exemplo, representa um conjunto de normas sociais que restringem a expressão de identidades e desejos sexuais divergentes. Wolf (2021): argumenta que, em sociedades normativas, a sexualidade humana é frequentemente subjugada a padrões rígidos, limitando a liberdade de expressão e a diversidade de comportamentos.

Ao invés de impor restrições, a sociedade de classes deveria reconhecer e valorizar a diversidade sexual como uma liberdade emancipada, permitindo que as pessoas expressem sua sexualidade de forma livre e autêntica, em suas manifestações culturais em espaços públicos e privados. A noção de que o determinismo geográfico molda a sexualidade, ao criar um aspecto de desejo e uma nova compreensão do espaço, abre caminho para uma análise mais complexa da identidade sexual.

A paisagem, tanto pública quanto privada, funciona como um palco onde as identidades LGBTQ+ são construídas, negociadas e transformadas e a mobilidade geográfica, como troca social, proporcionar o contato com diferentes culturas e experiências, desafia as normas e expectativas tradicionais sobre a sexualidade, expandindo os horizontes de compreensão e expressão de gênero e sexualidade.

Nesse sentido, a paisagem LGBTQ+ é um espaço dinâmico e em constante transformação, onde as identidades são construídas de forma relacional e contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM LGBT+ DE CULTURA PÚBLICA E PRIVADA DE OURINHOS.

Eu brasileiro, confessor

Minha culpa, meu degredo
Pai seco de cada dia
Tropical melancolia
Negra solidão
Aqui é o fim do mundo ³⁰

O espaço público é considerado um espaço heterossexual, entre dois fatos, a primeira ‘e que a heterossexualidade em público não é problematizada, ao passo que a identidade LGBT+ são policiadas (sutis ou explicitamente). O outro fatos ‘e que a heterossexualidade não é óbvia, marcada em público, assim ela é invisível (BRICKELL, 2000)

Esse trabalho ‘e usado como um ponto de partida para entender as relações entre o movimento LGBT+ e o espaço público e privado. Com os eventos produzidos por Carlos barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, as doutrinas heterossexista e a ideologia homofóbica organizou a esfera pública e com isso a privada, que implicou em uma epistemologia configurada como armário, formando uma politização que implica o movimento LGBT+ e o espaço.

O espaço como metáfora da mente privada, a doutrina. O discurso como ciência dos sujeitos LGBT+ se torna algo e poderoso, e o heterossexual ‘e coagido e oprimido. Discurso crucial para compreender as tendências conservadores do liberalismo e as consequências das posições de privilégios conceituados, como ‘e o caso da heterossexualidade (BRIECKELL, 2000)

Com isso, a paisagem LGBT+ de cultura pública e privada de Ourinhos sai da per- versão privada, a tirania pública, o desprezo e ridicularização a qual o movimento LGBT+ foi colocada com uma perversão privada, a tirania pública.

A esfera privada ‘e o lugar ao qual se diz que a homossexualidade pertence, mas a heterossexualidade pública em si não é problematizada. Isso ocorre porque a homossexualidade ‘e marcada como específica e visível, ao passo que a heterossexualidade ‘e posicionada como não marcada e tida como certa. Além disso, a especificidade sexual da heterossexualidade ‘e tornada invisível, enquanto a homossexualidade ‘e identificada com a sexualidade — e, no liberalismo, a sexualidade pertence ao âmbito privado. A defesa da distinção liberal entre o público e privado, portanto, muitas vezes opera para privilegiar a heterossexualidade. Esse privilégio liberal que dominância pode não parecer surpreendem, dadas as outras manifestas pelas quais o liberalismo tem sido usado para promover agendas conversadores, principalmente na área da política econômica. A recusa do liberalismo em reconhecer a natureza da dominação resultou em apoio a essa dominação (BRICKELL, 176, p.200)

A dicotomia público-privada, representados pelo espaço geográfico, é frequentemente utilizada para justificar a naturalização da heterossexualidade e a marginalização de outras expressões de gênero e sexualidade.

³⁰ GIL, Gilberto. marginação 2. Gilberto Gil “Frevo Ragado” 1968 (2:38)

O movimento LGBTQ+ foi historicamente confinado à esfera privada, enquanto a heterossexualidade é apresentada como a norma universal e, portanto, invisível em sua especificidade sexual.

Essa construção binária oculta as relações de poder que sustentam a heteronormatividade e legitima a discriminação contra grupos, que ao naturalizar a heterossexualidade como padrão, o discurso liberal contribui para a manutenção de estruturas de dominação que privilegiam determinados grupos sociais em detrimento de outros. A distinção entre público e privado, nesse contexto, serve como mecanismo de controle social e de manutenção das coisas como são.

As paradas LGBTQ+ são uma relação entre o público e privado e duas configurações das formas de resistência na rua como espaço LGBTQ+, entretanto as manifestações resultaram na personalidade “gay” das maneiras de como o espaço publico heterossexuais cria a personalidade LGBTQ+

A reconfiguração do espaço publico potencializa as esferas conservadoras do liberalismo e a tentativa de tirar os corpos LGBTQ+ do espaço publico. A privacidade como uma tentativa de tirar a liberdade e a privacidade da sexualidade torna um debate para a democracia liberal que existe para a proibição da sexualidade.

A ideologia do liberalismo e uma forma mais tradicional que operam de formal de privar o domínio e a subjetividade. Ao produzirem e participarem de eventos locais, os indivíduos LGBTQ+ negociam espaços e constroem identidades, no entanto, a territorialização de seus corpos, marcada por processos históricos de exclusão, revela a necessidade de contínuas resistências e a busca por espaços.

A experiência LGBTQ+ cidades médias é marcada por uma ambivalência entre a participação em eventos locais e a territorialização de seus corpos, essa dinâmica evidencia a complexidade das relações entre identidade, espaço e poder.

Em Ourinhos, festas mensais exemplificam como a ocupação de espaços fluidos expressam a busca por visibilidade e inclusão, a interação entre corpo, espaço e poder molda a paisagem LGBTQ+, desafiando normas heteronormativas e revelando um processo histórico de disputas simbólicas e materiais pelo espaço.

Ao desenvolverem eventos LGBTQ+ em espaços privados, Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos contribuíram significativamente para a organização e visibilidade da comunidade LGBTQ+ em Ourinhos. Essa iniciativa revelou uma dinâmica, na qual memórias e experiências pessoais se entrelaçam para construir um sentido de pertencimento e identidade geográfica.

Os espaços privados se mostraram como espaços cruciais para a formação de uma comunidade e a afirmação de suas identidades, mesmo diante das limitações e desafios impostos pela esfera pública, a escolha por espaços privados e a ocupação do espaço público são faces da

mesma moeda, que, em contrapartida, a necessidade de criar ambientes seguros e acolhedores impulsiona a busca por espaços privados. Por outro lado, a busca por visibilidade e a necessidade de transformar as relações sociais levaram o movimento LGBTQ+ a ocupar o espaço público de forma cada vez mais assertiva, desafiando normas sociais.

As mudanças socioeconômicas em Ourinhos, marcadas pela globalização, impactam significativamente a vida da população LGBTQ+, a qual o movimento local reflete essa interseccionalidade, adaptando-se às novas dinâmicas e desafios.

O divertimento, enquanto prática social, transcende a dimensão do lazer e assume um papel político, sendo um meio pelo qual os grupos LGBTQ+ reivindicam e reconfiguram suas identidades territoriais, desafiando as normas dominantes e construindo novos espaços de convivência e de visibilidade.

A ausência de Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos como produtores atuais, e a emergência de novos atores em diferentes espaços, sinalizam uma reconfiguração dos territórios de sociabilidade e expressões, que ao transitar do espaço privado para o público, o movimento LGBTQ+ em Ourinhos não apenas reconfigura o espaço social e político local, como também ressignifica memórias de resistência e impulsiona a construção de uma agenda de políticas públicas com foco na diversidade sexual, assim surge a primeira parada LGBTQ+ de Ourinhos, ressignificada como “parada da resistência”.

Essa nova dinâmica, com a “parada da resistência” reconfigurou a representação da paisagem LGBTQ+, ao ocupar o espaço central, tradicionalmente associado ao poder comercial e às celebrações cívicas, representa uma conquista significativa, desafiando as normas sociais e reivindicando o direito à cidade para toda a diversidade.

O “som de música alta que sai pelos muros”, a simbologia da paisagem sonora com letreiros e gestos corporais, moldam as experiências espaciais e corporais, e, ao mesmo tempo, os corpos, através de suas práticas, transformam os espaços, pelo reconhecimento especial dos direitos LGBTQ+, portanto, uma luta pela transformação geográfica.

A investigação sobre o movimento LGBTQ+ e sua relação com a Geografia revelou uma complexidade intrínseca à construção de identidades e à produção do espaço. A categorização identitária como o movimento LGBTQ+, ao mesmo tempo, em que unifica, também fragmenta, gerando dinâmicas espaciais particulares.

A apropriação e a transformação do espaço por parte desse grupo desafiam as noções tradicionais de território, paisagem e lugar, evidenciando a construção de espaços e resistência a formas de poder hegemônicas que reflete o lugar LGBTQ+ em Ourinhos, com isso a paisagem LGBTQ+ de

cultura pública e privada, reflete a complexidade humana.

Ao ocupar e ressignificar os espaços públicos e privados, os indivíduos LGBTQ+ desafiam as normas geográficas e constroem novas identidades de paisagens espaciais, que ao analisar a dinâmica geográfica, permite compreender como o espaço é produzido e transformado pelas práticas sociais, revelando a importância das lutas por reconhecimento e visibilidade.

Os objetivos apresentados foram atingidos pela pesquisa, que realizou o mapeamento dos eventos LGBTQ+ em Ourinhos. Verificou-se que a temática LGBTQ+ teve destaque, com a realização de um número significativo de eventos que ajudaram a configurar a identidade da cidade.

Entre 2006 e 2023, foram realizados eventos produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos. Em 2024, com a 1ª Parada da Resistência, observou-se uma atuação mais organizada, que incluiu discussões e estudos com manifestações efetivas em diferentes espaços institucionais, desde representações públicas até produções acadêmicas.

O recorte da diversidade do movimento LGBTQ+ evidenciado por este estudo revela aspectos das vivências dos cidadãos e contribui para o desenvolvimento social do espaço.

A partir da análise realizada, compreende-se que, para construir novas perspectivas geográficas, é essencial evidenciar as mudanças sociais no espaço, especialmente nas áreas vulneráveis, impulsionadas por inovações tecnológicas e contribuições sociais.

Por fim, registra-se que esta pesquisa não se encerra aqui, mas destaca o crescimento do movimento LGBTQ+ e seu diálogo com o território, sugerindo a ampliação do tema para estudos geográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Débora Fernandes de. CUNHA, Profa. Dra. Fabiana Lopes da. A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos-SP. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 5, n. 1, p. 39-58.
- GOMES, M. de F. V. B. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v.7, nº 13, p. 97-110, jan/jun., 2017.
- BELL, David. O que foi, terá sido? A geografia a partir do queer. Espaço gênero e poder: conectando fronteiras. / org. SILVA, Joseli Maria. SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. Pinta Grossa. Toda Palavra. 2011.
- BORILLO Daniel Homofobia : história e crítica de um preconceito / Daniel Borrillo; [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - (Ensaio Geral, 1)
- GREEN, James Naylor. Além do carnaval. (A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.) Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. Espaço & debates, São Paulo, ano V, n. 16, 1985.
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- HAESBAERT, Rogério Carlos. PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A nova des-ordem mundial. São Paulo. Editora UNESP, 2006.
- HAESBART, Rogério. Território alternativos. São Paulo. Contexto, 2012.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. Ed. 1. Remi. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- Historia do Movimento LGBT no Brasil. Organização: James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano, Marisa Fernandes - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2018. 536p.
- LEITE, Maiara Sanches. ZANETTI, Valéria Sanches. TONIOLO, Maria Angelica. Territorialidade LGBTs: Um estudo da república e do baixo augusta no centro da cidade de São Paulo. Sociedade e Território – Natal. Vol. 32, N. 1, p. 96–114 Jan./Jun. de 2020 / ISSN:2177-8396. 112p.
- MAGNANI, José Guilherme C.. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Página 84 de 101
- MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MEIHY, J.C.S.B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENESES, Inês. Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa. Análise Social, v. 34. n. 34, n. 153, p. 933-955, 2000. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.
- ORNAT. Jose Marcio. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: Algumas reflexões teóricas e metodológicas. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 27, P. 75-88, JAN./JUN. DE 2010
- PARKER, Richard. Abaixo do Equador: Cultura do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro; Record, 2002. 73p.
- PRADO, Rosane Manhães. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. Cadernos de antropologia e imagem, Rio de Janeiro, n. 1, 1995. P. 35
- QUEIROZ, Maria Isaura P. Do rural e do urbano no Brasil. In: Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil. São Paulo: Ed. LTC. 1978. p. 46-67.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. Dialética do rural e do urbano. In: Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil. São Paulo: Ed. LTC. 1978. p. 263-311.

- RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012. SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2016.
- SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidades Urbanas - Uma abordagem da pequena cidade. Revista de Historia Regional. 2007-09-28 P. 10
- SILVA., Joseli Maria (Org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.
- Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior (Orgs.). Espaço, gênero e masculinidades plúrais. Ponta Grossa. Toda Palavra. 2011
- Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras / org. por Joseli Maria Silva e Augusto Cesar da Silva. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. VIEIRA. Paulo Jorge. Cidade e (homo)sexualidades: Heterotopias e constelações lésbicas e gay em Espaço urbanos. 241p.
- Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças/ Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (Org.). Ponta Grossa: Todapalavra, 2016. 272 p.; il
- SILVA, Joseli Maria. ORNAT, Marcio José. CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Geografias Maditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa. Toda Palavra, 2013.
- SIMÕES, Júlio Assis. FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris - do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. 196p.
- TREVISAN, João Silvério. Devasso no Paraíso: a homossexualidade do Brasil, da colônia à atualidade.. Rio de Janeiro: Record, 2002. 155p.
- VICENTE, Caio Campos Monteiro. Por onde os LGBT já foram em Ourinhos?. 2019. 101 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Campus Experimental de Ourinhos, 2019. <<http://hdl.handle.net/11449/203082>>.
- Zacharias, A. A. A Geocartografia no Estudo e Representação dos Fenômenos Geográficos: evolução histórica, teorias, métodos, técnicas e práticas. 2024. 215f. Tese (Livre Docência em Cartografia Temática e Métodos de Análise e Representação Espacial). Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação (FCTE), Departamento de Geografia e Planejamento (DGPlan), Universidade Estadual Paulista - UNESP/Câmpus de Ourinhos. 2024